Revista LiteraLivre©

Distribuição gratuita

ISSN 2595-363X

Vol. 04 - nº 24 Nov./Dez. de 2020

Literatura com Liberdade

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

Volume 4, nº 24 - Nov./Dez. de 2020.
ISSN 2595-363X - SNIIC: AG-67335
Jacareí - SP - Brasil

Expediente:

Publicação: Bimestral

Idioma: Português

Distribuição: Gratuita online em pdf

Conselho Editorial: Ana Rosenrot, Julio Cesar Martins e Alefy Santana

Editora-chefe: Ana Rosenrot

Diagramação: Ana Rosenrot – Alefy Santana

Suporte Corporativo:
Julio Cesar Martins – Alefy Santana

Revisão: *Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.*

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

Capa: Pixabay

Site da revista:
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar

Contato: revistaliteralivre@yahoo.com

Página do Facebook:
https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre

Autor Corporativo:
Ana Rosenrot – SNIIC: AG-67162

A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo.
Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.

Direitos Autorais:
Os textos e imagens aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que sejam preservados os nomes de seus respectivos autores, que seja citada a fonte e que a utilização seja sem fins lucrativos. Seguindo também a doutrina de "fair use" da Lei de Copyright dos EUA (§107-112)

A responsabilidade pelo conteúdo de cada texto ou imagem e dos textos das colunas assinadas é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.

Edições (atual e anteriores):
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/numeros

© Todos os direitos reservados

COPYRIGHT PROTECTED by AVCTORIS

ISSN 2595-363X

EDITORIAL

Olá amigos(as) leitores e autores, é com alegria, que trago a 24ª edição da Revista LiteraLivre: a última de 2020. Nossa capa, que traz a Torre de Belém, em Lisboa, homenageia a escritora portuguesa Carmo Vasconcelos, que nos deixou em outubro.

No próximo mês(dezembro), teremos mais uma *"Edição Especial Melhores do Ano da Revista LiteraLivre"*. Todos os autores que publicaram conosco em 2020 estão concorrendo. Fiquem atentos!! Esta edição sairá até o final de dezembro.

E enquanto o ano não termina, convido a todos os amigos para prestigiarem os textos e artes incríveis presentes nesta edição. Tem muita coisa linda de todos os lugares do mundo, confiram!

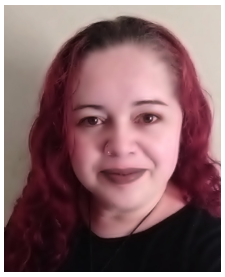
Gostaria de desejar aos nossos autores, leitores, colaboradores e amigos um Feliz Natal e um Ano Novo de esperança e renascimento!!

Mesmo que estejamos fisicamente longe daqueles que amamos, não devemos nos entregar aos sentimentos de desespero e tristeza, é preciso, mais do que nunca, acreditar que para o amor, as distâncias não existem!

Obrigada pelo carinho de todos!!

Vamos mudar o mundo através das palavras!!

Meus agradecimentos à escritora Maria de Fátima R. Soares, por me presentear com o livro "Ossos", uma verdadeira aula de história do Brasil! Sucesso!!



Ana Rosenrot
Editora-chefe

Homenagem

Nesta edição, quero fazer uma homenagem especial, para uma mulher guerreira, com uma alma culta e caridosa, que amava as letras e acreditava na literatura como instrumento de mudança e evolução: a querida autora portuguesa *Maria do Carmo Fernandes de Vasconcellos Figueiredo (Carmo Vasconcelos).*

Escritora e criadora das *Antologias Fénix* e da *Revista eisFluências*, Carmo acolheu e incentivou escritores de todo o mundo, abrindo caminho para centenas de artistas.

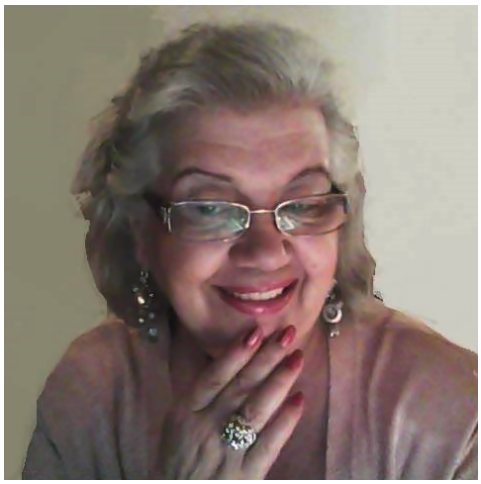
Por vários anos, ela e seu marido, o também escritor Henrique Lacerda Ramalho, com um trabalho inclusivo e incansável, produziram e divulgaram, a Fênix e a eisFluências e ainda apoiaram outros movimentos e iniciativas.

Infelizmente, no dia 8 de outubro de 2020, em Lisboa, Carmo Vasconcelos partiu para o plano espiritual, deixando o mundo das letras mais triste.

Que seu legado se multiplique e continue sendo um exemplo de amor e dedicação!

Sua obra jamais será esquecida! A LiteraLivre também nasceu graças a você!

Obrigada por tudo Carmo!!



Revista Fênix:

http://www.carmovasconcelos-fenix.org/CV-indice.htm

Revista eisFluências:

http://www.carmovasconcelos-fenix.org/revista/eisFluencias/indice-eis.htm

Sonetos Carmo Vasconcelos:

https://osecularsoneto.blogspot.com/p/carmo-vasconcelos.html

Literatura já

No canal e podcast *"Literatura já",* criado pela escritora Joyce Nascimento, você encontrará muita leitura e narração de textos: poesias, contos e crônicas autorais e de outros escritores. Entrevistas, bate-papo com convidados, dicas e informações sobre o que está acontecendo no mundo literário. Tudo em formato de áudio publicado toda sexta-feira, a partir das 19h.

Fui convidada para conceder uma entrevista ao Literatura já e fiquei muito contente com o resultado, confiram!

Se inscrevam e não percam nenhum conteúdo!

Link da entrevista:

https://www.youtube.com/watch?v=vfxY6qAhBdc&t=354s

https://open.spotify.com/episode/3Xu1bwRNsecYoTTnprXTUy?nd=1

Neste Número:

Carmem Teresa do Nascimento Elias.....4
Haikai Engraçadinho.....5
Jorginho da Hora.....5
Roberto Schima.....6
Adilson Fernandes.....7
Adriana Pereira.....8
Alan Rubens.....9
Alberto Arecchi.....10
Alessandra Cotting Baracho.....12
Alexandre Firmo dos Santos.....13
Alexia de Melo Miguel.....14
Amélia Luz.....15
Ana Maria Fazio de Freitas.....18
Bruno de Sousa.....19
Caique de Oliveira Sobreira Cruz.....20
Carmem Aparecida Gomes.....23
Carmem Teresa do Nascimento Elias...24
Caroline Cristina Pinto Souza.....25
Catarina Dinis Amarante.....28
César Aquino Bezerra.....29
Cizina Célia Fernandes Pereira Resstel e Ana Paula Fernandes Pereira.....30
Cleidirene Rosa Machado.....34
Daniela Genaro.....36
Danielle Ferreira Czmyr.....38
David Leite.....39
Diego Binotto.....41
Dryyca Marques.....43
Edgar Borges.....44
Eduard Traste.....45
Edweine Loureiro.....46
Eni Rivelino.....47
Erica Gil.....48
Eryk Matheus Ferreira Marques.....49
Fábio Daflon.....51
Felipe Pereira dos Santos.....52
Fernanda Piedade de Freitas.....53
Francisco Cleiton Limeira de Sousa...54
Gabriel Alves de Souza.....55
Gedeane Costa.....56
Gérson Augusto de Oliveira Junior....57
Gilberto Moura.....58
Giovani Roehrs Gelati.....59
Gonçalo F. Al-Maldini.....60
Guilherme Hernandez Filho.....61
Hilda Maria Fázio Pontes.....62
Iara Faria.....63
Ilza Carla Reis.....64
Irane Castro.....65
Isabel C S Vargas.....66
Ivanildo Antonio dos Santos Pessôa. .67
Ivo Aparecido Franco.....68
Jane Barros.....69
JAX.....70
Jeferson Ilha.....73
Jeovânia P.....74
Haikais da Origamízes.....76
Joaquim Bispo.....79
José Pires Marques.....82
Josefa Rodrigues.....85
Karine Dias Oliveira.....86
Katellen dos Santos Silva.....87
Laís Correia.....89
Leandro Costa.....90
Leandro Emanuel Pereira.....92
Luce Lobo.....93
Luciane Leal.....94
Luís Amorim.....95

Luiz Roberto da Costa Júnior.....97
Magna Oliveira.....98
Maira Bastos dos Santos.....99
Márcio Adriano Moraes.....101
Marcos Lisboa.....103
Marcos Pontal.....104
Maria Aparecida de Lima Zaganini.....105
Maria Carolina Fernandes Oliveira.....106
Maria Elza Fernandes Melo Reis.....107
Maria Moura dos Santos e Marcos Andrade Alves dos Santos.....108
Maria Pia Monda.....110
Maria Rosa de Miranda Coutinho.....112
Mariah Guilherme.....113
Marinina Gruska Benevides.....114
Mayanna Velame.....115
Michell Ribeiro Sobral.....116
Natanael Vieira.....118
Nazareth Ferrari.....119
Nilde Serejo.....120
Nuno Maria.....121
Ovidiu-Marius Bocsa.....123
Patricia Hradec.....124
Paulo Cezar Tórtora.....126
Paulo Dourian Pereira de Carvalho.....127
Paulo Luís Ferreira.....129
Pedro Guerra Demingos.....133
Prema Shakti.....134
Priscila Trindade.....135
Renato Bruno.....136
Rian Lucas da Silva.....139
Ricardo Ryo Goto.....140
Roberto Schima.....141
Rogério Costa.....144
Rômulo Garcia Vieira.....145
Rosa Acassia Luizari.....146
Rosalina Lopes Pires Fialho.....148
Rosangela Maluf.....149
Rosangela Mariano.....154
Rosimeire Leal da Motta Piredda.....155
Sandra Modesto.....156
Sigridi Borges.....157
Sonia Oliveira.....159
Tauã Lima Verdan Rangel.....160
Teresa Azevedo.....161
Vagner Pereira.....162
Valéria Barbosa.....165
Valéria Vanda Xavier.....166
Valquiria Imperiano.....168
Vanderlei Kroin.....169
Vitor Sergio de Almeida.....170
Wagner Azevedo Pereira.....171
Wellington Silva.....172
Willian Fontana.....173
Yuki Eiri.....178
Artista do Mês.....180
Tina Turner.....180
LiteraAmigos.....181
Modelo de envio de textos para publicação na revista.....188

Tabela de prazos 2021

Próxima edição

Edição	Término das Inscrições	Divulgação dos selecionados	Lançamento
25ª	05/12	15/01	30/01
26ª	05/02	15/03	30/03
27ª	05/04	15/05	30/05
28ª	05/06	15/07	30/07
29ª	05/08	15/09	30/09
30ª	05/10	15/11	30/11

Alterações serão divulgadas no site!

Regulamento:

https://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar

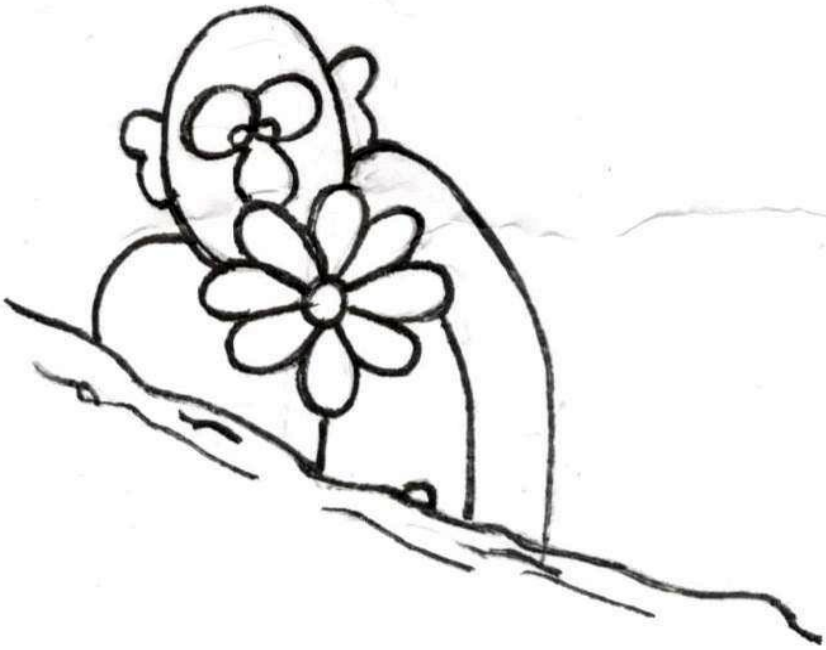
Carmem Teresa do Nascimento Elias

Rio De Janeiro/RJ

HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

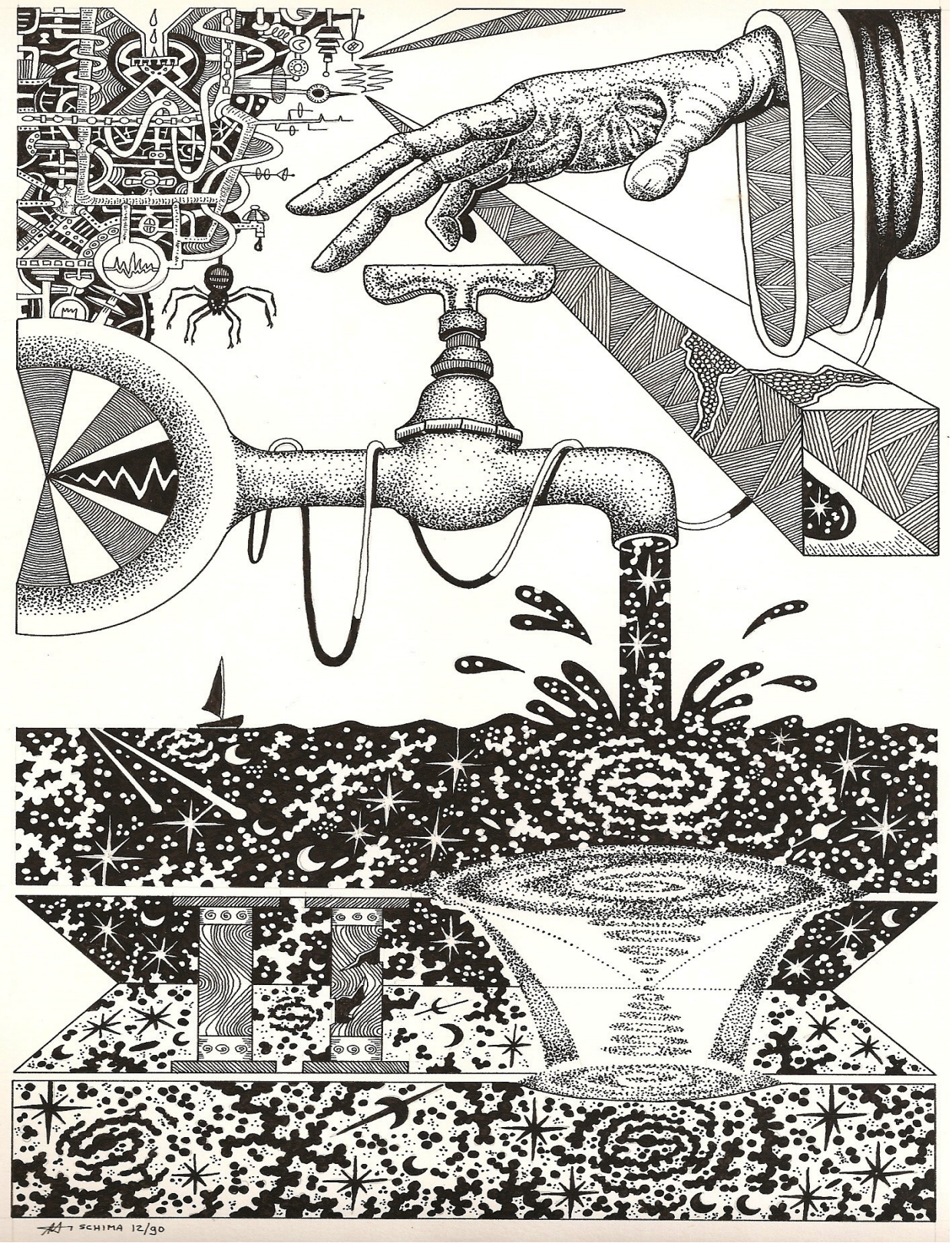
Flor no barranco
Não sei se contemplo
ou se arranco



Jorginho da Hora
Simões Filho/BA

Roberto Schima

Salto/SP



Adilson Fernandes

O Pó das Sílabas

a Eugénio de Andrade

Desmalho os vocábulos, fio a fio,
Neste gesto de mãos que se demoram
A reconstruir o mundo:
Os flancos, as asas, o sol, a neve,
Não são palavras interditas para ti,
Antes caminhos...
E na sua esteira de pedras
As sílabas
Lira cantando.

Tenho o ritmo: a cadência íntima
Do corpo
Que repercute na alma
E ritma os seus movimentos
Mas onde a estão os pilares,
Onde o peso da sombra,
A branca raiz?

Onde o desdobrar da língua
Rente à fonte?

Adriana Pereira

Fortaleza/CE

1 milhão

oficialmente
o mundo ultrapassa 1 milhão

não é premiação do bbb
nem mega-sena acumulada

1 milhão de vítimas
1 milhão de famílias

são vidas
vidas
perdidas
para um vírus

eram vidas
vidas
vencidas
por um supervírus

deixaram vidas
vidas
sofridas
por causa do coronavírus

crise sanitária virou
disputa política

pandemia democrática tornou-se
seleção natural

1 milhão de vítimas
1 milhão de famílias

Alan Rubens
São Luís/MA

Quando...

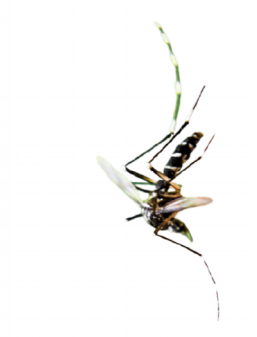
Quando puderes
Estampar um sorriso
Em sua face
Faça-o com a alma
E o coração...
Sorrisos assim
São mágicos
E especiais
Que nos abraçam
E nos acariciam
De um jeito
Avassalador...

https://alanrubens.wordpress.com

Alberto Arecchi

Pavia – Itália

Insetos



O PERNILONGO

Um pernilongo
voa infalível
em direção à pele
da criatura.

Zumbindo no ar,
assobia levemente,
insiste indomável,
não se retira.

Mosquito tigre
de pulseiras,
você não pica apenas
após o por do sol.

Pesadelo e alegria,
dias felizes,
de verões quentes
e de coceiras.

FEDE-FEDE

Percevejo verde, fedorento, que perfumes
minhas roupas penduradas ao sol,
você entra em casa secretamente
e zumbe como um avião
nas noites de verão,
ou aparece do nada
nas noites de inverno
em torno das luzes da sala,
você que interrompe
meus pensamentos solitários...

Eu apanho você com um cartão,
muito, muito gentilmente.
Te empurro para subir no papelão,
sem causar cheiros,
vou levar ao banheiro e jogar você
na evacuação do vaso...
então eu jogo a água.

https://www.liutprand.it

Alessandra Cotting Baracho

Maceió/AL

O começo e o fim

Ela imaginava como seria aquele momento, se reconheceria os sinais. Ironicamente, não houve um rito de passagem, um clic ou nada do tipo, apesar de conviver com a imagem recorrente de um lindo sonho terminando, como acontece nos sonhos que sabemos que é sonho e que vai acabar a qualquer momento. O medo prematuro de uma separação sempre à espreita.

Quando se conheceram, foi uma paixão instantânea e como acontece nos filmes clichês que ela tanto amava, o sentimento fugaz se metamorfoseou, o ideal dos amantes, o amo, eterno amor. Tudo correu bem. O casamento aconchegante, a lua de mel no bangalô. Sonhos realizados. Dois filhos vieram, menino, menina. Andaram e falaram mamãe, mesmo ele insistindo que o som se parecia muito mais com um papap... Tudo estava bem e o amor sempre ali, forte. Vieram os primeiros fios brancos. Normal. A maturidade traz coisas boas. A filha fez quinze e quis um piercing, conflito rapidamente resolvido. O filho mais velho casou e a "garota rebelde" foi estudar medicina na capital. Vida realizada. Agora eram só eles, enfim, apenas. Vinte anos se passaram desde o primeiro beijo e o fantasma da separação voltou. Sabia que iria perdê-lo. Seria a secretária de cabelo platinado ou a moça da recepção que ostentava, provocante, dezenas de sardinhas minúsculas. Pensou em lutar, comprar um óleo aromático ou um body rosê. Inútil. Era o destino deles, soube desde os primeiros tempos.

O dia amanheceu. Estava mais gorda, mais velha, mais chata. As certezas pesando sobre ela. Conformidade e conformação. Sentou na varanda, era dada a essas coisas agora, leu as últimas páginas do livro preferido, já descorado e, enquanto o fechava melancólica, lembrou dos seus próprios motivos, reais, válidos em tudo. O marido ainda dormia, era domingo. Foi até o quarto tentando não fazer barulho, não queria atrapalhar o sono dele. Olhou-o com amor. Não se permitiu pensar em mais nada, se entregou àquele momento bucólico. Como era belo, ainda. Caminhou até a gaveta da penteadeira e agarrou o objeto. Foi rápida e ágil, sem nenhum titubeio. Três minutos depois tudo estava terminado.

https://www.facebook.com/cottingbaracho
https://www.instagram.com/alessandra_cotting_baracho/?hl=pt-br

Alexandre Firmo dos Santos

Aracaju/SE

A vida que levo

Ao chegar em casa Rodrigo decide repousar um pouco depois de um longo dia de trabalho, no qual teve que enfrentar a mesma rotina de sempre – pilhas e mais pilhas de papéis depositados em sua mesa –, porém tudo isso faz parte do seu ganha-pão. Além do mais, convive constantemente com colegas de trabalho que mais parecem um comboio de puxa-saco do patrão, na verdade, ele pouco interage com estes fingidos preferindo ficar no seu canto cumprindo as ordens que lhes são dadas.

Certa feita, ele se pegou pensando em como seria se ao menos, por um momento, pudesse viver em um ambiente totalmente favorável as suas escolhas, para tal imaginou uma série de acontecimentos em que presenciou coisas boas e ruins. Então, logo percebeu que sentia saudade do tempo que passou como também sentia saudade de todos os tempos que vivera até aquele instante de reflexão. Rodrigo se dizia uma pessoa lembradiça até das ocorrências ruins de sua vida, pois, para ele, pôde aprender algo mesmo em meio as várias adversidades que tentaram impor contornos não desejosos em sua vivência.

Nesse instante em que refletia sobre sua vida, pensou o quanto ele se sujeitou às ordenanças alheias, sem sequer se perguntar se era isso o que realmente queria viver ou se esta vida que levava supria as lacunas deixadas pela sua inoperância diante das escolhas a serem feitas por ele e mais ninguém. Portanto, Rodrigo deixou triunfar as ações tácitas, nas quais preferiu ser um homem serviçal a ser um alguém autêntico. Enquanto imaginava, ouviu ao longe ressoar um som comum em que já lhe era familiar – era o seu alarme tinindo, quando Rodrigo se deu conta já tinha se acordado daquele devaneio e precisava se preparar para mais um dia de trabalho.

@alexandre_firmo98

https://www.facebook.com/alexandre.firmo.31

Alexia de Melo Miguel

São José/SC

B

Oi, B. Como vai? Talvez seja estranho ler essa carta, se é que você um dia terá conhecimento da sua existência. Eu não te conheço bem. Na verdade, sei muito pouco sobre você, mas o que eu sei é suficiente para alimentar fantasias delirantes, ilusórias, falsas... você faz parte da minha imaginação (in)consciente sem nem saber. Utopias distantes. Nelas, você é admirável, digna de eterno fascínio, assim como deve ser na concretude injusta, ingrata e penosa da vida.

Você está presa na minha mente transtornada e faz dela um lugar mais suportável. Cada sonho e pensamento que você protagoniza, B, torna a sobrevivência mais leve. Eu consigo enxergar olhos cinzentos – como o nublado que cobre as nuvens nas tardes propícias à leitura despretensiosa –, cabelos loiros, dourados, bagunçados, apenas cabelos. Vejo a pequena depressão bem no meio do seu queixo, ela divide você em partes igualmente inebriantes. Serotonina…

Por que a sociedade tem que ser assim, B? Para você, não há tal obrigação, qualquer incômodo pode ser transformado, em meio a passeatas, manifestações, caminhadas, política... viva a revolução? O vermelho que você carrega representa a sua esperança em um futuro diferente. Você tem a coragem de lutar, B! Posso compartilhar essa bandeira com você?

Mas, por que parece tão ambíguo te manter dentro de mim? Você tem o direito de se libertar das minhas fantasias. Afinal, é por liberdade que você continua a pelear. O que é esse fascínio que eu sinto? Você quer se libertar, B? Uma jovem revolucionária como você não merece ficar presa a uma jovem insegura e egoísta como eu. Será que eu estou preparada para lidar com a abstinência de uma utopia ideal?

Algemas abertas. Cela vazia. Mente quieta. Liberdade.

E eu? Quando cumprirei minha sentença?

Com amor (?), A.

Amélia Luz

Mariana/MG

História De Vida – O Poder da Palavra

Nasci com o mundo no "front" e embora meus pais e avós fossem proprietários de terras sofríamos economicamente as consequências drásticas da 2ª Guerra Mundial.

Na zona rural vivi minha infância e na minha casa não havia um livro sequer. Minha irmã quatro anos mais velha que eu fora para a cidade aprender as primeiras letras no grupo escolar. Sozinha, ficava no meu mundo esperando que ela voltasse para compartilhar com ela do seu material escolar. Encontrei-me com a sua primeira cartilha, a Cartilha do Povo, aquela que trazia na capa o desenho de uma mão e em cada dedo uma das vogais descobrindo os primeiros símbolos mágicos.

Mais tarde no segundo ano escolar ela ganhou um livro chamado Terra Querida, decorei até o autor, Theobaldo Miranda Santos. Gostava dele e fingia ler todas as lições. Ficava esperando ansiosa que ela chegasse da escola e trouxesse para mim um pão doce salpicado de açúcar cristal, que eu chamava de pão-de-açúcar e o livro, causa maior da minha ansiedade.

Quando ela chegava ia ajudar minha mãe nos afazeres domésticos e eu me aproveitava disso para viajar na imaginação, com seu livro, é claro.

Fingia ler todas as histórias, quando chegava à última página, no compêndio de Ciências Naturais havia o desenho do esqueleto humano que eu detestava por representar a "caveira", que representava a morte e me fazia tremer de medo de assombrações.

Então, cada vez que folheava o livro levava um susto com a "caveira" e acabei achando, ou julgando achar, uma solução para o caso. Fui escondida até o fogão a lenha da minha mamãe e peguei um carvão e com ele rabisquei toda a caveira. Pensei aliviada que agora eu poderia "ler" o livro à vontade sem deparar com a apavorante "caveira". Minha alegria durou até minha irmã descobrir o que eu havia feito e depois disso minha mãe me repreendeu muito dizendo.

– Olha, menina, de hoje em diante você está proibida de pôr as mãos no livro da sua irmã. Vou deixá-lo sempre em cima do guarda-roupa onde você não o alcançará nunca! Foi uma tragédia para mim. Entristeci e na minha solidão eu sentava no degrau e ficava desejando o livro tão sonhado, pensando:

– Ah! Seria melhor tomar o susto com a "caveira" do que ficar sem o livro dela. Era um caso complicado de paixão por letras, embora tão pequena e indefesa.

O tempo passou e outro fato me aconteceu de interessante. Meus primos moravam "na rua" e levaram pra mim um gibi em quadrinhos com histórias do faroeste americano. Fiquei imensamente alegre e voltei às minhas atividades de "leitura". Fingia ler quadrinhos por

quadrinhos e de acordo com as figuras inventava "textos", "diálogos" para as cenas. Acontece que naquele tempo criança não tinha vez, nem voz para ser ouvida, consultada ou respeitada.

Meus pais estavam de mudança para a "rua" e minha mãe precisava embalar as louças dela (presentes de casamento) de grande estimação. Sem nenhuma cerimônia pegou o meu "livro" e foi tirando folha por folha para proteger as louças, colocando-as embrulhadas num caixote. Perplexa, assisti à cena, com o coração apertado, pensava - quando chegarmos à casa nova "vou vigiar" este caixote e construir o meu livro de novo.

Assim, o fiz, esperei chegar à nova casa e quando a mamãe desembalou as louças foi jogando as folhas ao chão e eu as apanhava alisando-as com as minhas frágeis mãozinhas de criança. Esperei que a mamãe colocasse brasas no ferro de passar roupas e depois que ela passou toda a roupa peguei o ferro e passei todas as folhas do meu "livro", com muita dificuldade, o ferro era pesado demais para minha pouca idade.

Com dificuldade convenci a mamãe de me dar um pouquinho de farinha de trigo e numa lata usada eu fiz um grude que era a "cola" que eu tinha na época. Colei então folha por folha e este foi o meu "livro" por muito tempo.

No ano seguinte fui matriculada na escola primária quase alfabetizada pela minha irmã e minha mãe. Ganhei então o meu primeiro livro que era a mesma Cartilha do Povo da minha irmã que eu dominei rapidamente os códigos de leitura e então, a professora deu-me um livro de histórias que foi um encanto para mim. Chamava-se "O Bonequinho Doce". Contava a de um bonequinho de açúcar (as ilustrações eram bonitas e coloridas) que fazia viagens e passava por peripécias nessas viagens e teria que atravessar um rio pressionado por muitos perigos. Nesse gesto heroico ele joga-se no rio para fugir do inimigo e derrete-se nas águas só restando na superfície o lencinho vermelho do seu pescoço. Chorava muito com pena do meu Bonequinho Doce toda vez que lia e relia aquela mesma história.

Mudando para a cidade conheci vizinhos em melhores situações econômicas. Então, na sala do Sr. A. T. Coletor Estadual – MG eu mergulhava num quartinho entulhado de livros e registros. Enfim, encontrei espaço, liberdade para o meu pensamento que crescia. Era a minha biblioteca sonhada. Eu estava me descobrindo como leitora e letrada, viajava no meu silêncio pelas Montanhas Rochosas, planícies, pelo oeste americano conhecendo os Apaches, os Sioux e outras tribos com as façanhas dos mocinhos e dos pioneiros. Dos Alpes ao Saara, de norte a sul, na geografia e na história passeava na companhia de Cleópatra, Júlio César e até do famoso Asterix, o gaulês que muito me divertia. Lia revistas Grande Hotel com histórias românticas em desenho e em quadrinhos que eram passadas na Europa e eu encantava com os dados, locais, modos e costumes das pessoas dos outros países destacando ainda na lembrança as cidades de Milão, Veneza, Roma e até da Costa Amalfitana. A Itália me encantava apesar das consequências da guerra, Monte Castelo e outras passagens tristes da Força Expedicionária Brasileira.

Encontrei então mais um caminho, descobri amigos que tinham gibis. Pegava-os emprestados e devorava Gene

Autry, Roy Rogers, Tom Mix, Cavaleiro Negro, Zorro, Fantasma, Mandrake, Hortelino Trova-Letras, as revistas dos personagens da Disney e até a conhecida Luluzinha e sua turma naquela época brigando com o Bolinha por causas "feministas". As histórias do Tio Janjão divulgadas pela Rádio Nacional também me fascinavam.

Daí, meu mundo ampliou, das encrencas dos mocinhos do velho oeste, das histórias dos pioneiros da colonização americana eu passei a ler o Correio da Manhã, um jornal dos Diários Associados que minha mãe, morando na "rua", costurando para fora podia comprar por também gostar de ler, ser inteligente e me passar este exemplo. Convivi no Correio da Manhã e com a Revista O Cruzeiro, com "As Garotas" do Alceu Valença, "O Amigo da Onça", artigos e reportagens de Raquel de Queiroz, Carlos Lacerda, Jânio Quadros, Juscelino Kubstchek, Marechal Lott, Ademar de Barros e o inesquecível Diário de um Repórter, de David Nasser, para mim um gênio das letras. Admirava na minha pouca idade tudo o que ele publicava de muito interessante para o momento no país, a ameaça do comunismo, Os Anos Dourados, a Novacap, o Planalto Central, a construção de outro Brasil dentro do próprio Brasil. O progresso acendia as primeiras luzes na evolução da indústria que chegava no primeiro Volks Wagen azul pastel, um importante brasileiro a desfilar com JK na Avenida Atlântica encantando a todos. São Paulo expandia na fumaça progressista das chaminés deixando os primeiros rastros para um novo tempo de glórias.

Descobri também outras informações sobre muitas coisas e fui assim tornando-me uma pequena cidadã/leitora, consciente do meu país, do mundo e dos meus problemas e limitações.

Cresci, estudei e com o passar do tempo cheguei a me formar com muito esforço: Curso Normal, Pedagogia – Administração e Magistério em Sociologia, História da Educação, Psicologia e Didática, Pós – graduada em Planejamento Educacional e Psicologia na Escola. Fiz curso de Comunicação e Expressão e as letras, as ideias, os textos, os autores, as emoções neste mundo global em que vivemos tornaram-se parte da minha vida tão cheia de bloqueios, altos muros e dificuldades.

Concluindo quero dizer que palavras, livros, textos não são coisas tão distantes se nos lançarmos com sensibilidade aos caminhos que nos conduzem a eles. As palavras são vivas e nos levam a conquistar mundos.

Publiquei meus textos, coautora em mais de 200 antologias (no Brasil e exterior) e dois livros solo de poesias – Pousos e Decolagens e Luz & Versos – tendo agora material para muitos outros em construção onde falo de mim, da minha terra e das minhas preferências e emoções. Conquistei muitas premiações participando de concursos literários e hoje sou membro de diversas associações e academias literárias onde procuro aprender sempre mais. Afirmo pela minha experiência de vida que verdadeiramente "LER É CONECTAR-SE COM A HUMANIDADE".

Escrever para mim é fazer esculturas com palavras e com os pensamentos. O livro é insubstituível, o livre é eterno – ler é conectar com o mundo.

EU SOU TUDO AQUILO QUE LI.

Ana Maria Fazio de Freitas

Assis/SP

O Grito

Governantes!!!
Acordem!!!
É urgente!!!
A Covid-19 é uma arma inteligente!
Há dinheiro sendo desviado para a conta de regentes!
Faltam remédios e respiradores, não temos UTIs suficientes!
Nas Upas e hospitais sem recursos a morte é iminente!
A saúde pública está definhando, doente!
A sociedade está ferida, cansada, descrente!
Há desastres ambientais dizimando inocentes!
Há incêndios criminosos destruindo reservas naturais, não sejam indolentes!
Há tribos indígenas sendo massacradas! São filhos da Pátria! São gentes!
Há bairros sendo inundados por enchentes!
Parem de ser coniventes!
Pratiquem a política pública benevolente!
Investiguem, fiscalizem, penalizem, sejam prudentes!
Educação sem investimento, ensino deficiente!
Queremos um Desenvolvimento Social Permanente!
Que garanta saúde, segurança e educação para todos, igualmente!
Libertos pelo direito e pela justiça viveremos contentes.
Chega de governantes insanos, corruptos e intransigentes!
Vamos lavar essa enxurrada de corrupção, levar o Brasil para frente!

https://www.facebook.com/anadefreitas.freitas.3/

Bruno de Sousa

Santa Maria (Viseu), Portugal

Soneto a Amy Winehouse

Fogo-fátuo de luz neurótica
Em blues de jazz de talento puro.
Tua voz única, porto seguro
Do teu look prenhe de lenda exótica.

Viciada na Vida, vodka gótica,
Esvaziavas o bar do Amor impuro
Num só trago de nome Blake obscuro.
Ambos sós com a heroína erótica ...

Envolta em soul tua alma de Artista
Fez teus pais acreditar na sua blame
Dada a recusa da rehab masoquista ...

No fim, a queda do abismo sem shame
Porque a música nunca foi moralista.
Diva Amy: Love is a losing game!

Caique de Oliveira Sobreira Cruz

Salvador/BA

Nestor, o advogado do diabo

— Maldição, logo será meia-noite, é chegada a hora de me preparar para os meus debates infindáveis com o meu inimigo, até mesmo pelo fato de que este horário de meia não tem nada, é inteira com tudo incluso, sem direito a carteirinha de estudante, a demora é sacrossanta nestes casos, por isso, não pode ser metade em nenhum requisito, apesar da singela contradição de, também, como dizem alhures, ser a noite uma criança. Bom, de toda sorte, devo me arrumar corretamente para poder receber Nestor que já pode estar a caminho neste momento. Ele analisa até as minhas vestes, não posso vacilar nos meandros primários, ou não chegaremos nas questões últimas decisivas. Ele sabe papear e tapear melhor do que ninguém, então, que venha! — Exclamou José, sozinho em seu quarto.

José vestiu-se como se estivesse indo para uma sala de audiência em algum tribunal, com terno, gravata, camisa social, calça social, tudo combinando, como havia devidamente se aconselhado com algum desses grandes nomes da moda do passado, apesar de quê, estava de meia, havia deixado seu par de sapatos social dentro do guarda-roupa, talvez, o rigor do traje formal não o tenha permeado em todas as circunstâncias. Mas, de fato, nada mais naquela noite o podia diferenciar de um burocrata da área jurídica que com suas vestimentas acredita estar acima dos outros indivíduos de sua sociedade, como uma espécie tragicômica de micropoder. Com toda a pompa, só lhe faltava a toga para que eu pudesse encerrar a narração do enredo com total agrura. Passou-se um bom tempo até que ao decair do crepúsculo, próximo à média madrugada, José ouviu passos suaves como de alguém descalço, atento, percebeu, adiante, batidas singelas em sua porta.

— Boa noite, senhor, posso entrar? Desculpe-me o atraso, é que nesta noite você demorou a me dar a oportunidade de aparecer neste recinto que eu estimo com louvor, considero quase como minha casa e, sabes disso. — Pronunciou Nestor em voz tão suave e baixa que somente José pôde ouvir naquela casa, mesmo tendo mais 4 moradores nela.

— Deixe de tolice e entre de uma vez, seu escroque! Você sempre adentra, como diriam os portugueses, neste "sítio", sem nenhuma permissão. Nós sabemos muito bem que se eu disser não, você vai abrir esta porta da mesma forma, não me faça perder o resto de paciência que ainda tenho contigo, pois, no dia de ontem, passei por uma situação muito incomoda e não tenho tempo para esses introitos, vamos logo, chegue mais perto e vamos discutir, pôr em dia o que temos de colocar. — Bradou José.

— Meu caro Zé, compreendes muito bem como funciona o meu procedimento,

eu começo do particular para, somente depois, chegar ao universal. Por partes, constituindo as interligações entre os pedaços até formar o todo coerente. Portanto, vamos com calma. Devagar com a dose, meu amigo. Não venha com este andor, pois vou com o barro!

— Se você fosse mesmo por partes, não me trataria já de início com tamanha intimidade, quem és tu para me denominar de Zé? Dei-lhe permissão para apelidar-me? Não! Mas, ainda assim, o faz, então, não venha querer bancar o filósofo pra cima de mim, com isto de particular e universal, a palhaçada aqui acabou! Vamos direto ao assunto!

— Tudo bem, José, como queiras. Trataremos logo das questões centrais. E eu, como bom e experiente conselheiro que sou, irei mais uma vez lhe guiar pelo caminho mais coerente em termos racionais, para que não cometa mais nenhuma infâmia por aí. Vejo que está trajado devidamente para essa nossa entrevista, aprendeu muito bem com o seu mestre, sinto-me orgulhoso, apesar de ainda me tratar com linguajar vulgar, rebaixado e denunciante, como se eu fosse um inimigo na tocaia, pronto para liquidá-lo. Neste aspecto, precisamos rever este modus operandi, excelência. — Comentou Nestor.

— Pois é, seu sacripanta! Notou muito bem que estou vestido conforme você sempre exigiu, também treinei todo o linguajar que gosta que assovie em teus ouvidos, porém, dado à sua embromação costumeira, e à minha situação desastrosa atual, perdi a compostura antes das corujas sequer emergirem para nós. Mas, deixemos isto de lado e o senhor já pode, com toda a sua galhardia, iniciar o inquérito por intermédio do seu douto juízo. — Afirmou José, sem ainda controlar a sua inquietação.

— Pois bem, sua postura cumprindo meus rituais em relação aos trajes me deixou venturoso e, somente por isto, descartarei sua condição de não versar com o vocabulário que eu admiro. Vamos começar, portanto, a nossa "audiência" particular, diga-me, José, você já se convenceu de que sua opinião no caso de sua prima começar a trabalhar, mesmo na pandemia, é correto da parte dela, pois o trabalho dignifica o homem?

— Não, não estou absolutamente convencido disso! Ainda acredito ter sido uma postura muito arriscada, mas não quero tratar disso hoje! — Exclamou José.

— Bom, se ainda não está convencido do seu erro analítico, mesmo depois de tantas brigas no seu seio familiar por causa desta questão, então, devemos discutir sim sobre ela, pois está em aberta. Aproveitando a sua teimosia, pergunto-lhe logo sobre mais um tema sem desfecho, você aceitou a ideia de que informar a morte de seu avô aos seus pais, mesmo neste momento tão difícil para a humanidade, foi o correto? Pois devemos agir sempre com a verdade, nunca esconder nada, a mentira é a vilã de nossa história.

— Nestor, já lhe avisei, poupe-me do prefácio, vamos logo ao conteúdo do livro, ou melhor, seguiremos logo ao posfácio. Você sabe que já discutimos essas e mais dezenas de outras questões por diversas noites e não vou mudar minha posição, nem sempre a verdade é o certo, eu uso a justa medida Aristotélica, às vezes uma mentira é

mais necessária e conveniente do que a verdade imediata, como é neste caso em que me perguntas, não podemos viver sob a égide de uma rígida régua inflexível. E eu também já sei suas opiniões quanto a tudo isso, sempre fazendo o papel do advogado do diabo contra mim. O que eu quero discutir agora é um fato novo. — José disse, fitando com veemência os olhos de Nestor — Lá no meu trabalho, eu passei um pouco do horário de retorno às atividades após o almoço e o meu supervisor me deu uma bronca esdrúxula por causa de 5 minutos de atraso, xingou-me de tudo que é possível ao nosso vocábulo, eu o respondi à altura e ele me disse para passar amanhã no RH que eu seria demitido. Mas, levei a questão ao gerente e ele disse que eu errei e se me desculpasse com o supervisor estaria tudo resolvido. Espie, o mesmo gerente todos os dias atrasa mais de 1h na volta do almoço e o mesmo supervisor, atrasa por 30 minutos. Ele quem errou em querer me demitir por algo que todos lá fazem e eu o fiz pela primeira vez, em quase uma década, ontem. Ele que me deve desculpas, não o contrário. Diga-me o que acha?

— Bom, Zé, você está errado novamente. Primeiro que infringiu uma regra da sua empresa sobre o horário de almoço, segundo que desacatou um superior hierárquico seu. O gerente está certo, cumpra o que ele disse e ponto final, mantenha o seu emprego. Ainda lhe ponho em contradição, você sempre diz que os funcionários inferiores sempre estão cumprindo ordens dos funcionários superiores, portanto, se você deveria retrucar e xingar alguém não seria o supervisor, nem mesmo o gerente, mas sim, o dono da empresa.

— Ah, vá para o averno, aquele de Dante, seu miserável, junto com Neleu, Aquiles e Agamenão, sua trupe. Junte-se à "besta", pois seus propósitos se assemelham. Você, todas as vezes está contra mim, aponta o erro em minha direção, sempre jogando a culpa em meu colo, não aguento mais! E é verdade que estou em contradição, eu bem sei que o sistema hierárquico é corrompido por natureza, mas, não posso nada contra o dono, nunca nem o vi, ele é inalcançável, minha única batalha possível é contra aqueles que estão próximos, como o supervisor que comete o mesmo "erro" que o meu e ainda tem a audácia de me insultar. Quando eu acordar, irei lá e não pedirei nenhuma desculpa, serei demitido, mas com honra. Vou viajar para longe e procurar alguma empresa séria para trabalhar, e ainda escaparei de todos os problemas e brigas que você tentou reaver neste diálogo, sumirei! E quanto a você, Nestor, prepare-se, pois logo seus "conselhos" não serão mais possíveis, eu pararei de tomar meus remédios psicoativos que me causam como efeito adverso esses pesadelos contínuos onde tu apareces. Vossa Senhoria, submergirá!

Carmem Aparecida Gomes

Ipameri/GO

Ventos

Em algum lugar dentro de nós, simples seres mortais habita a esperança.
A esperança oculta a nossa tristeza e desalento e nos tornam pessoas sonhadoras.
Os sonhos de um ser esperançoso são como os ventos mensageiros do infortúnio, frios e gélidos que nos transportam ao desequilíbrio e nos amedrontam.
E ainda insistem em ordenar que nossas emoções sejam recolhidas num baú amaldiçoado como vultos imaginários em noites negras e solitárias.
Ventos que balançam árvores e arrancam a força e sem pedir licença suas folhas, despetalam rosas e flores e para nos adoecer esvoaçam as nossas cortinas trazendo-nos medo e temor do que jaz lá fora no sepulcro do tempo.
Tal medo e temor fazem de nossa liberdade uma reclusa.
Não é justo!
Ventos livres, bailando atrevidos adentrando jardins floridos e bulindo a meiga Azaleia.
Ventos audaciosos assoprando e derrubando para o solo o frágil ninho do Beija-Flor que com muita valentia não demora a reconstruir outro ninho mais perfeito, obedecendo à soberana natureza.
Nós seres mortais com a nossa esperança oculta nos assemelham ao Jasmim soprado pelo o vento e no meio da tormenta adentrou a janela e se confinou atrás do inerte porta retrato.
Só nos restam encontrar forças e nos agarrar a esperança para superar esse desequilíbrio que nos arrastam para labirintos como gotas de orvalhos sem destinos na escuridão.
A nós só nos restam esperarmos o acalmar da tormenta para outra vez nos tornarmos seres livres e
VIVOS.
(Quarentena/2020)

Carmem Teresa do Nascimento Elias
Rio De Janeiro/RJ

Carne Para um Mago

Que haja alguma zanga, sim!
Não ligo; se no céu há alguma máquina de voar,
E carne
Com os olhos rasos de lágrimas, o mundo fica estranho que nem me espanto.

Há momentos de sentimentos tão pesados que, saídos da vida,
Ficam voando pelos céus em embarcações estranhas
E só mesmo por muita distração
É que são arremetidos ao chão.

Meu coração sente frio e viaja
Inventa situações para distrair desses horrores
Fica opaco, desluzidos de ouro e de todas as cores
Do falso perfume que incorpora a noite e me faz pensar em você.

E agora só falta vir o tempo falso
Esse que faz ver naves voando no firmamento
De Velas içadas, a arrastar para dentro,
Esses olhos sem Deus que fitam tanto os meus.

Caroline Cristina Pinto Souza

Botucatu/SP

Infinidade Deserta

Gélido vácuo. Um persistente invólucro em uma dimensão sombria, demarcada por átomos ocultos. Imersa em uma perspectiva ofuscada de vivacidade e de lembranças outrora refulgentes. Uma opaca ótica preenchia um universo esvaziado, aniquilado de sensibilidade. Subtraído de benevolência e de ávidas convicções, as quais residiam nas penadas almas de um pretérito longínquo. Absorvido e deletado por gerações de astros implodidos - o fim do sistema planetário. Assim, os naturais satélites se sucumbiram a um finado espectro, arrastando o conjunto de fulgor que externavam.

Liquidaram-se, inclusive, as fulgurantes constelações - marcadoras simbólicas, registravam as memórias de diversos povos. Desprovidas destas, o desnorteamento se abrangia imutavelmente, visto que forneciam um roteiro de orientações a todo aventureiro que almejava demarcar as suas pegadas.

Um profundo mutismo sustentava a vacuidade de mecânicos pulmões, abastecidos por resquícios d'uma época remota, a da Humanidade. Nanômetros cibernéticos rastejavam sobre a pulsação cardíaca de Khyra Allen – uma cientista que se conservou no corpo de androide com o propósito de resgatar as imateriais reminiscências da sociedade, visto que descartara a possibilidade de outros sobreviventes, desde que se viu a sós num mundo pós-apocalíptico.

Equipada com um aparato infravermelho, enxergava em meio ao denso negrume, distintos destroços que serviriam a reabastecê-la com combustível. Os auxílios robóticos a apoiavam na caça, impulsionando o seu alcance, camuflando-se na vastidão silenciosa. Cerrou os olhos artificiais e flashbacks vieram à tona na forma de turbulentos algoritmos:

Gritos ecoavam num volume ensurdecedor, suplícios incendiavam na garganta de uma população desamparada e temerosa com a iminência de uma balbúrdia assoladora - agasalhada pela ganância, discriminação e frialdade dos Líderes dos Eixos - os "Faixa Preta". Compulsivos por uma mórbida hegemonia no espaço sideral. Selecionavam perfis padrão para a formação de uma linhagem genuína. Num projeto de extermínio daqueles que consideravam como insignificantes para a progressão de uma geração legítima e desenvolvida. Khyra cedera seu laboratório de estudos genéticos para a facção criminosa por conta das constantes ameaças à sua vida.

Durante os experimentos com genes pré-estabelecidos e testes que limitavam o emparelhamento cromossômico - debilitariam a variabilidade de características de uma primorosa população, a doutora se arriscou em reconfigurar a máquina que coletava e

gerava informações para restringir a fabricação de protótipos humanos.

Entretanto, em uma falha tentativa, constataram sua intenção, prometendo uma pungente vingança.

A Faixa Preta prosseguiu em suas experiências até obter êxito e formar um reinado de súditos à sua disposição, destituindo dos mesmos qualquer tráfego de fraternidade.

A ânsia em amplificar a soberania justificou as consecutivas explosões de cosmos através de máquinas trituradoras.

Dizimaram-se as minorias: a parcela negligenciada; os lânguidos; os que possuíam limitações; uma massa populacional que se opunha aos padrões estéticos, que contrariava o modelo da família tradicional, uma multidão que contemplava um leque de religiões e que se recusava a reverenciar a chefia absolutista.

Em uma brevidade de milissegundos, o corpo celeste – abrigo de uma gigantesca população, palco de laudáveis recursos naturais e de vultosas culturas; ao mesmo tempo que foi assinalado por batalhas de século, guerras civis e genocídios, se dissipou no espaço.

Uma varredura desde o Planeta Azul até outras galáxias. Somente os "mais bem adaptados", artificialmente selecionados sobreviveriam e usufruiriam dos benefícios sob domínio da Faixa Preta.

A perspicácia de Khyra foi a responsável por afeiçoá-la numa espécie de robô para escapar das garras da hegemonia bárbara e estúpida. Acoplou no seu corpo aparatos tecnológicos por meio de uma combinação de doses injetáveis de hardware e fortaleceu a sua imunidade com uma pílula de software – ambos usados em algum momento da experiência processual da facção.

Observando a explosão de soslaio e diante da tamanha potência do estouro, flutuou durante anos pelo vácuo do universo, rebobinando exaustivamente o amontoado de acontecimentos que embrulhou a sua vida. Um insondável sono a consumiu e ao despertar, se encontrou solitária num âmbito desconhecido. Aspirava reconstruir as esferas de algum modo, devolver a existência, a vitalidade, o caráter e a indulgência aos mundos.

Khyra compreendia a infinidade deserta de sua jornada - os copiosos obstáculos frentes a seu horizonte indefinido, suas cegas pegadas em um terreno inexplorado. Adestrava a sua mente para prosseguir, porém ecos de desistência ressoavam em seu cérebro virtual como uma perdurável interferência de sinal. A androide desmaiou em uma posição fetal.

Uma orquestra de sonidos passou a zumbir, vinham de um discreto maquinário volátil com duas hélices, o qual se aproximava da face da Dra. Allen com um par de garras fabris. Ela inconsciente, encontrava-se imóvel, intacta aos movimentos daquele inusitado autômato. Em uma instantânea investida, infiltrou no rosto da desacordada androide um fluído viscoso, promovendo movimentos involuntários da mesma como se estivesse ocorrendo um curto circuito dentro de si.

Tais agitações foram se atenuando até ela tomar controle de seu próprio organismo robótico. Piscou durante um efêmero ciclo de download e se deparou com um aparelho planante a observando.

"És... um drone", balbuciou. Ele se apresentou como Zero, em alusão aos despovoados locais por onde rondou.

"Chame-me de Khyra" disse a androide já se erguendo. "A todo momento imaginava a possibilidade de haver alguém além de mim", admitiu com um sorriso.

Perambularam os dois lado a lado, cada um compartilhando o seu aflitivo passado.

O drone relatou que se lembrava de se despertar já em uma dimensão sinistra e vazia, sua memória só captara reminiscências dali em diante. Sobrevivera rastreando sobras de combustível, suprindo a sua retroalimentação.

A doutora narrou toda a trama por qual passara, transmitindo a Zero o estrangular de uma perda.

Súbitos tremores promoveram a queda dos dois. Um barulho ensurdecedor preencheu a atmosfera, outrora tácita. Uma gigantesca espaçonave emergiu da escuridão. O poderio da Faixa Preta mostrava-se triunfante!

O par robótico forcejou uma fuga, porém, foram imobilizados pela patrulha através de um holograma de rede. Agitavam-se para se soltarem, todavia, sem obter êxito. Uma plataforma se abriu, surgiram os Líderes dos Eixos e em ato contínuo, uma multidão homogênea em marcha, como um enorme exército. Romperam todos num uníssono estrondoso: "Intrusos no Império, missão de extermínio! Distinguem se da Pura Nação, se curvarão perante nosso domínio!"

A rede soltou bruscos choques nos aprisionados, desnorteando Zero com uma supina intensidade. "Dessa vez, o Bem prevalecerá!" Vociferou, a cientista se vergou sugando o espectro energético da rede, transfigurando-se em um vigoroso abastecimento cibernético e transmutando-o à alada embarcação com fúria. "Pelo fim da sombria vacuidade, ´pelo retorno da Humanidade!". Jorrou um reluzente raio, atingindo a espaçonave e por inércia, as duas máquinas foram empurradas para fora de um complexo buraco negro.

Catarina Dinis Amarante

Portugal

Amnésia de amor

A saudade é feita de mar,
Tal como o teu sabor,
A vida é simples viver sem falar,
Esquecendo o que é o amor.

Até que sem saber o que é amar,
E ao coração apenas ofereces dor,
Apenas sei que és perfeito em hesitar,
Esquecendo que o passado tem valor.

https://www.facebook.com/catarina.dinisramos/
https://www.facebook.com/Autoracatarinadpinto-254206278801280

César Aquino Bezerra

Canutama/AM

Purus

Eu já passei por aqui antes
Mas essas águas não são as mesmas
Eu também não sou o mesmo

Então por que esse sentimento
Ainda permanece?

Como das outras vezes
Eu desejo que o rio leve
Tudo isso que há aqui dentro
Meu vazio não é mais forte que as águas

Por favor, me cure
Com o poder do Purus
E me faça feliz,

Se alguma vez eu passei por aqui feliz

http://www.facebook.com/PseudopoetaCAB/

Cizina Célia Fernandes Pereira Resstel e Ana Paula Fernandes Pereira
Marília/SP **São Carlos/SP**

Enfermagem: Um olhar mais que especial

Nesse atual cenário planetário, vivemos a experiência da destrutividade, em que a natureza responde à violência expressa em seu ambiente, na qual a imagem saudável está sendo desfigurada pelas mãos do homem, haja visto, o seu reflexo, como o desmatamento e as queimadas das florestas, o aquecimento global, os rios quase sem vida, a poluição exacerbada de toxicidade depositada no ar e a COVID-19 (CORONAVIRUS DISEASE, 2019) que alterou a saúde e o comportamento biopsicossocial das pessoas.

O mundo parou por conta da ameaça da COVID-19 e não tivemos que pedir para pará-lo, como fala a música "Pare o mundo que eu quero descer" de Silvio Brito, e desse jeito "tá tudo errado", enquanto ficamos aqui parados, esperando algum modo de vida diferente. O velho cada vez mais se distancia de nós e o novo se torna imprevisível diante de nossos olhos, nessa guerra secular pela vida, em que o vírus invisível, carrega a carga letal, que é considerada a maior bomba desses últimos tempos contra a vida humana.

Assim, vamos escrevendo a história da humanidade, pois sofremos intensamente e pagamos por tudo. Somos indivíduos endividados! Pagamos para nascer, viver e morrer, como diz Silvio Brito. Essa é a condensação de tributos que carregamos, dado a nós pela nossa existência. Sem segurança, o isolamento foi a estratégia posta como eficaz no controle para não disseminação da COVID-19. Dessa maneira, causou-se uma ruptura da mobilidade humana, em que o homem social e em movimento, teve que se reinventar diante do caos. O contato com a alteridade se tornou uma ameaça real de morte.

O tempo é único em todos os instantes e a velocidade anda desacelerada, menos para alguns profissionais, em especiais, os da enfermagem e os técnicos. Esse é o outro palco da vida que segue acelerado, de quem cuida do infectado

pelo vírus e muitas vezes esses profissionais, passam despercebidos aos nossos olhares, e de invisíveis ao esquecimento, assim faltam serem dignos de reconhecimento e de serem ovacionados pelos próprios hospitais, pelos políticos e pela sociedade.

A enfermagem e os técnicos são a força pulsante de vida do enfermo, como um conta-gotas, pois dia-a-dia vão restaurando o corpo doente através de seus cuidados. Cuidados que exigem o contato "pele a pele", na atual circunstância do perigo da contaminação, arriscam suas próprias vidas e de seus familiares, na luta pela recuperação do paciente. Eles cuidam é de nossa gente!!!

A equipe representa a "pele protetora", que segura as dores causadas pelos sofrimentos físicos e emocionais da doença, pois as mesmas mãos que cuidam, são as mesmas que alimentam, higienizam e banham de afeto o enfermo, e muitas vezes a única palavra dita e escutada no leito de um hospital, que consegue apaziguar a alma de quem sofre dentro (enfermo) e fora (familiares).

Em qualquer lugar, na urgência, na emergência, na unidade de terapia intensiva ou em outros, lá estão eles, dentro de uma rotina exaustiva, em que consta a visita aos leitos, coleta de exames, a evolução dos pacientes e a comunicação aos médicos. Ademais, a administração da medicação prescrita a cada paciente, está sob sua responsabilidade em cada jornada de trabalho.

A cada passagem de plantão, a enfermagem e os técnicos averiguam e discutem cada caso. Esse é mais um dia de trabalho, como todos os outros. A escala nem sempre é uniforme, às vezes o plantão cai em dias alternados e outros, são dias consecutivos, assim permanecendo sem o descanso suficientemente bom e necessário. A exaustão provocada pela sobrecarga e o estresse da profissão, leva embora as energias diárias, e sem poder recuperá-las a tempo de mais uma jornada de trabalho, a enfermagem e os técnicos estão sempre prontos para recomeçar outro plantão.

O perigo de contágio pela COVID-19 é iminente para os profissionais de saúde e essa é uma ameaça real, pois acompanha-os por todos os cantos, vivendo emocionalmente alarmados. A atenção da equipe deve ser de forma efetiva em sua integralidade, pois a enfermagem está defronte a guerra diária

pela dupla sobrevivência (profissional e paciente) no campo de batalha, porém, ninguém sabe quem vai sobreviver ou quem vai morrer.

A Organização Pan Americana[1] (OPAS) de saúde, divulgou em 02 de setembro de 2020, que aproximadamente 570 mil profissionais de saúde foram infectados e 2,5 mil perderem suas vidas pela COVID-19 nas Américas. A diretora da OPAS, colocou que os países devem combater essa vulnerabilidade e garantir a segurança desses profissionais de saúde no trabalho, como a manutenção suficiente dos equipamentos de proteção e de segurança individual (EPIs) e os treinamentos. Além disso, assegurar uma remuneração justa, pois a maioria assume dois empregos para completar o salário.

De acordo com o Conselho Federal de Enfermagem [2](COFEN, 2020), o Brasil registrou a maior taxa de mortes de enfermeiros do mundo pela COVID-19, da qual em 27 de maio, foram 157 profissionais que se sucumbiram por terem sido infectados. Os últimos resultados divulgados pelo Observatório da Enfermagem[3], em 27 de setembro de 2020, o Brasil está respondendo por 30% de mortes e estão reportados 39.956 infectados, e o total de 434 óbitos dos profissionais de enfermagem, isto é, corresponde a 1,97% de letalidade pela COVID-19.

A vida desses profissionais de saúde, se assemelha a um campo de guerra. Diante disso, nos remeteu ao passado, que vale relembrarmos das duas grandes pioneiras da enfermagem, a Florence Nightingale e Anna Nery que estiveram na guerra pela vida. A Florence Nightingale [4](1820 – 1910), nasceu na Itália, porque na época seus pais residiam no país. Ela fundou a primeira Escola de Enfermagem da Inglaterra, em Londres, no Hospital Saint Thomas. Durante uma viagem ao Egito, visitou hospitais e despertou o interesse vocacional para a profissão, que na época era vista como não digna. Florence Nightingale, com

1Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6270:cerca-de-570-mil-profissionais-de-saude-se-infectaram-e-2-5-mil-morreram-por-covid-19-nas-americas&Itemid=812

2Disponível em: http://www.cofen.gov.br/brasil-e-o-pais-com-mais-mortes-de-enfermeiros-por-covid-19-no-mundo-dizem-entidades_80181.html

3 Disponível em: http://observatoriodaenfermagem.cofen.gov.br/

4Disponível em: http://biblioteca.cofen.gov.br/florence-nightingale-historia-da-enfermagem/

uma pequena equipe, cuidou dos soldados no hospital militar, reduzindo drasticamente o número de mortes. Era conhecida como "A Dama da Lâmpada", por percorrer as enfermarias com uma lanterna na mão (BIBLIOTECA VIRTUAL, 2017). A outra grande personalidade é a brasileira, baiana, Ana Nery[5] (1814 - 1880). Teve 3 filhos, que eram militares. Anna Nery perdeu seu marido, Capitão-Tenente, aos 43 anos, que foi morto a serviço da marinha. Com essa tragédia, foi para Guerra do Paraguai (1864 – 1870) com os dois filhos. Aprendeu a técnica dos cuidados de enfermagem no Rio Grande do Sul e foi posta na linha de frente, em que recebeu o título de "Mãe dos brasileiros" (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020). Além disso, criou protocolos de cuidados dentro do hospital de campanha.

Nessa missão, a equipe de enfermagem é o soldado-salva-vidas nas linhas de frente da COVID 19. Eu, Ana Paula, enfermeira, faço plantão de 12 horas, numa Unidade de Terapia Intensiva (UTI). A equipe de enfermagem permanece o tempo integral com os pacientes em seus leitos, aumentando ainda mais o risco de contágio pela COVID-19. Eu, Cizina Célia, coloco que a enfermagem merece um olhar mais que especial!

5Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/05/anna-nery-grande-simbolo-da-enfermagem-brasileira-morreu-ha-120-anos.shtml

Cleidirene Rosa Machado

Catalão/GO

Cérbero, o Guardião dos Mortos!

Tempos atrás, assisti pela mídia televisiva que um argentino estava assando carne de pitbuls mortos em rinhas de organização dele, e essas carnes assadas eram para ele e seus amigos comerem. Fiquei horrorizada e comovida. Os cães são seres da natureza, almas que devem ser livres e bem cuidadas...

E parece que tudo estava apenas começando naquele dia...

Logo a noite eu recebi uma carta de Cérbero! Eu sei que a maioria dos leitores não sabem de quem estou falando, então vou explicar um pouco...

Cérbero é o guardião do mortos, ele vive no reino de Hádes, que segundo a mitologia grega é o lugar para onde se vai todas as almas que foram ruins aqui na terra, algo como o "inferno" explicado pelo Cristianismo, mas com a diferença de que aquela alma que for entregue ali, deverá levar consigo uma moeda e será essa moeda que dará o direito a entrada para aquele mundo, caso contrário a alma ficará vagando pela eternidade sem nenhum destino.

E então o Cérbero, guarda a entrada de Hades e ao que a maioria diz, é um enorme cachorro com três cabeças. Ele é muito feroz: não aceita que nenhum vivo se aproxime de Hades e também não aceita que nenhuma alma morta saia de lá. Esse é o trabalho dele!

É certo que houve alguns que conseguiram entrar no reino de Hades por meio de enganação: houve quem jogou bolo de farinha e mel para o cão como

forma de despistar, querem exemplo? Heracles, Orfeu, Eneias, Psiquê e Ulisses, mas como veem foram poucos.

Cérbero dormia com os olhos abertos e mesmo quando fechados ainda estava acordado. .Ele realmente era um grandioso guardião, apesar de que um dia foi levado a força para o mundo dos vivos por Heracles. Felizmente o rei que os aguardava ordenou sem mais delongas que o cão fosse devolvido ao seu mundo sombrio o quanto antes.

E a estória de Cérbero se assemelha e muito a dos pitbulls: tão fortes e ferozes, sedentos por carne, sangue, mas, cães de guarda, sempre. Obedecem aos seus donos e fazem o que eles lhe pedem. Se tornam dóceis se criados em ambiente em que se sentem seguros. Porque a ferocidade desses animais é a mesma que da maioria dos animais selvagens, ou seja, uma espécie de defesa de sua honra, de sua guarda e certamente a defesa própria e de quem ele sente afeto.

São capazes de morrer para defender aquilo que acreditam e isso deixa uma grande lição para todos nós.

Aqueles cães que foram mortos em rinhas estavam tomando anabolizantes e ativadores de ferocidade, vi isso pelo telejornal e é algo que somente traz uma revolta maior contra aqueles que se dizem civilizados e racionais.

Mas, como eu disse no início, eu realmente recebi uma carta do Cérbero, e ele contou para mim algumas estórias, uma delas diz que meu ascendente é em gêmeos, e não é que isso pode ser verdade? É claro que o Cérbero não deixa de ser gêmeos, aliás, trigêmeos, mas, na verdade alguém que gostei muito e que talvez ainda hoje desperte algo bom em mim, ele também é do signo de gêmeos.

Cérbero também me contou uma estória sobre as estrelas e me disse que às vezes ele rouba o brilho de grandes estrelas para dar a pequenas estrelas sem brilho. (Realmente, as vezes é bom fazer obra de caridade.)

Não me perguntem como eu consegui falar com o grande guardião dos mortos. A simbologia é bastante confusa diante de tudo. Digo apenas que ele me pareceu tranquilo, assim como quando a mitologia diz que Cérbero era dócil diante de almas que acabavam de chegar a Hádes conformadas com o destino. O cão apenas se tornava feroz se uma dessas almas quisesse retornar ao mundo dos vivos.

Para finalizar, eu apenas pedi a ele que recebesse com bons olhos os Pitbulls da terra, porque pode ser que eles o auxiliassem na entrada de almas ruins, principalmente daqueles a que deram causa de seus fins.

Daniela Genaro
São Paulo/SP

Que máscaras são essas agora?

Que máscaras são essas agora?
As que eu conhecia cobriam os olhos,
faziam mistério, deixavam sorrir,
eram usadas nos bailes e nos carnavais,
eram só alegria.

De repente o relógio marcou meia-noite.
Foram doze badaladas e nada mais.
Mudaram-se os tempos,
trocaram-se as máscaras.

Que máscaras são essas agora
a nos amordaçar, a abafar as vozes,
a esconder os sorrisos, deixando entrever
apenas olhos esquivos e reticentes?

As pessoas não aguentaram muito!
Deram então de inventar
máscaras coloridas
em busca de alguma alegria.
Será que alguém
pode inventar agora
a não máscara, por favor?
Para sentirmos novamente
o vento amigo
fazendo festa em nós…

Danielle Ferreira Czmyr
Curitiba/PR

Haicai

David Leite
Jandira/SP

Space Soup Opera

A invasão Kirlliana havia se iniciado pela baía de desembarque do Cargueiro Espacial Sphinx II. Um batalhão de cabeças ovoides esverdeadas se espalhava pelo amplo espaço, prontamente entrando em conflito com não suficientes sistemas de segurança da espaçonave. Na Ponte de Comando, capitaneada pelo Almirante Charles Manwell, os monitores clamavam por atenção ao ataque, mas seus olhos só eram para Agartha, sua noiva.

- Agartha, já são quatro ciclos que estamos juntos. Lembro-me como se fosse ontem, quando a conheci, nos satélites de Arian. Você com sua indumentária diplomática, enviado pelo Imperador Kroll para nos recepcionar, estava tão bela que me esqueci completamente de minha missão e tomei outra no lugar... Casar-me com você.

- Oh, Charles... Como desde aquele dia fui feliz... A etiqueta não permitia que eu demonstrasse... mas ainda assim, senti o mesmo por você.

- Capitão Charles....tzzz – O comunicador em sua cintura se pronuncia – Não estamos conseguindo conter a invasão... A tropa Kirlliana já acabou com toda a segurança do setor 4 e estão avançando para a área Amarela 2... Suas ordens, capitão.

- Lembra-se quando sentamos na relva e começamos a dar nomes aos asteroides de Centurion?

- Sim... Lembro-me

- Era como se estivéssemos nomeando filhos.

- Sim... – Agartha ruboriza com a ideia.

- Capitão... Estamos sendo obliterados aqui. – O comunicador insiste. – Os canhões fotônicos não os derrubaram... Eles continuam avançando... Tzzz – Mas é ignorado novamente.

- Pois bem, meu amor. Estamos aqui, sob o luar duplo de Cyrlen – Aponta para o

grande visor a frente, onde o espaço e duas grandes luas se mostravam – E aqui, hoje, quero consumar nossa união.

- Oh... Charles...

- Capitão... – O comunicador tenta novamente – Eles estão no corredor da ponte de comando... não conseguimos para-los... Responda capitão...

A comporta de acesso à ponte de comando se abre abruptamente, e Charles, alheio até então, finalmente se aterroriza com o que vê.

- Ishtar?!

- Charles. Seu COVARDE! – A voz dissonante da mulher de pele azul soa por toda a ponte de comando.

- Charles Eduardo Manwell... Quem é essa sirigaita alien?? – Agartha vocifera.

- Eu... Eu... Posso explicar... – Charles responde, hesitante.

- E NOSSO FILHO, CHARLES? – A alien continua.

Nisso a comporta mais ao fundo do corredor se abre. Milhares de cabeças esverdeadas preenchem o corredor.

https://www.facebook.com/leite.david/

Diego Binotto

O eterno retorno do mesmo

Sabe, hoje me sinto particularmente admirado por estar vivo
Eu ando, respiro, falo, faço coisas ou não as faço
Independentemente de minha vontade
Ao menos daquilo que usualmente
(e erroneamente)
Se concebe como vontade
Algo de ideal, de abstrato e egóico
Artificial, e posterior ao verdadeiro querer
Estar admirado com a vida compreende outras formas de interpretar o mundo
Quando a própria realidade deixa de ser aquilo que espero dela
E passa a ser o que ela realmente é
Há um poeta multifacetado
Que se julga irmão das pedras
Agora, sentado e rodeado por flores amarelas
E pelo vai e vem de pessoas que não vão além de onde querem ir
Percebo o grau de parentesco que há entre esse poeta e uma pedra no seu jardim
Laço sanguíneo por sinal
Que anima cada molécula do cosmo
Eis que se apresenta a vida
E por ela eu muito me admiro
Pois a vida é, independentemente da minha vontade
Não sou eu que defino conscientemente e egoisticamente o que é a vida
Ou mesmo quem eu sou
Pois a vida a mim não se detém!
Ela flui, me arrasta consigo
Ela acontece, e me faz acontecer
Não existo por mim mesmo
E sim passo a existir quando estou imbuído de vida
Dela partilho, assim como uma fera
Um oceano, ou mesmo uma pedra
Até mesmo o transeunte que me pede as horas
Ou fala tolices sobre o clima
O fato é que a vida operou nesse momento

Conjurando uma série de acontecimentos
Que me trouxeram aquele ser a mim
E preparando toda uma nova série de acontecimentos a partir de então
Como nau sem leme
Soprada pelo vento do acaso
Eis quem sou!
Sem identidade, orgulho, ou convenção
Um pequeno mundo, com sua órbita própria
Gravitando em redor de outros até formar um derradeiro universo
Admirador da vida
Da vida de uma pedra
Ou do que a vida nela operou
Admirador de caminhar, respirar, tossir e espirrar
Enfim, de toda frivolidade que compõe a vida
Como uma orquestra, ou mesmo uma paisagem
Que se vê em perspectiva
Que se ouve no uníssono e totalidade
Mas que é formada por minúsculas e diligentes partes
Um homem, sentado e rodeado por flores amarelas
Uma história de vida que se passou
E que o fez ali estar
E que o fez não querer estar noutro lugar senão ali, naquela hora
Eis a vida
Eis o eterno retorno
E mais, o eterno retorno do mesmo
Quando se constata que toda frivolidade
Seja ela boa ou ruim
Não deixa de ser mera frivolidade
E ocorre para nos favorecer
Pois não importa o quão penosa seja a forma de vida que escolhemos
O fato é que a vida, ela própria
Nunca vai deixar de acontecer
Mesmo que eu não queira mais nada
E não faça mais nada pela vida
Mesmo assim ela vai acontecer
Mesmo assim existirão as flores amarelas
E o banco onde me sentei e escrevi frases sem sentido
Bobagens sem cabimento
Apenas por sentir o querer e perceber que estou vivo
E ter sensibilidade suficiente para me admirar disto tudo.

Dryyca Marques
Nilópolis, Rio de Janeiro/RJ

Preta que sou

Preta que sou
Preciso não enlouquecer com mazelas diárias desse mundo.
Preta que sou
Observo seu riso cheio de maledicência desejando ou oprimindo meu corpo.
Preta que sou
Choro quando uma mochila ou um boné sugere ao mundo quem tu és.
Preta que sou
Defendo cotas para quem precisa e não pra os abastados que economizam tirando oportunidades de quem nada tem.
Preta que sou
Combato o patriarcado que tanto nos rouba e subjuga ao seu bel favor.
Preta que sou
Grito no seu silêncio de conivência com as barbáries impostas sobre meu povo.
Preta que sou
Leio, falo e escuto tudo que aos seus olhos parecem bobagens, mas não é.
Preta que sou
Sigo subvertida nessa vida ainda contida em nome da minha cor.

https://www.facebook.com/dryyca.marx
https://www.estadopoetico.com.br/post/dryyca-marques
Instagram_ @dryycamarques

Edgar Borges
Boa Vista/RR

Fotopoema

Eduard Traste
Florianópolis/SC

Na mesma

ratos alcoolizados boiam
tranquilos na piscina da inércia.
eu, um pouco mais barrigudo
e menos peludo,
afundo.

@estrabismonet

Edweine Loureiro
Saitama – Japão

Memórias Póstumas de Quincas Borba

Naquela manhã,
o cachorro pareceu-lhe
insistente, impertinente…
Um inconveniente!

E, Rubião, indiferente
(ou com Sofia em mente),
afastou o animal,
pagando-lhe a fé
com um cruel pontapé…

Foi quando, ressentido,
ladrou o cão ao amigo,
que parou, assustado,
como se ouvisse ao finado:
"Ai, Rubião…
por que essa ingratidão?".

***

https://www.facebook.com/edweine.loureiro

Eni Rivelino
Campinas/SP

Fuga lua

Fuga lua rua pura sua

Palavras sem rumo escorregam

Palavras sem rumo se acumulam

Palavras sem rumo viram amontoado parado desatado

Vira muro

Que venha o grafite com força e cor

Que venha o grafite tatuar a mensagem

Quiçá reverbere as palavras rolantes e agora paradas

Erica Gil
Rio de Janeiro/RJ

Arte

Não sou dessa parte

Desse mundo

Dessa classe

Não me faça entrar

Onde não me cabe

Onde não existe a arte

Não sou descarte

As regras não vão

Me domar. (Na corda bamba do mundo imundo... a poesia é o grito no silêncio profundo).

www.instagram.com/ericagil.poeta

Eryk Matheus Ferreira Marques

Fortaleza/CE

Que cor é o Bicho-Papão?

Débora era uma menina criativa e adorava imaginar, todos os dias se colocava a pensar como eram as coisas. Uma vez pensou sobre os gatos e seu pai a levou em uma loja de bichinhos, onde ela viu gatos de todas as formas e cores. Tinha gato amarelo, marrom, preto, grande e pequeno. Seu pai que era alérgico a gatos soltou um espirro e saiu da loja.

Vendo que seu pai espirrou, Débora se perguntou como aconteciam os espirros e começou a pesquisar com sua mãe nos livros de ciência. Descobriram que os pelos dos gatos faziam seu pai espirrar. Curiosa, Débora já tinha se perguntando sobre várias coisas:

Como são feitas as roupas?

O que existe dentro do relógio?

E da televisão?

O que faz as nuvens chover?

Qual a altura do maior prédio da terra?

Certa noite, quando estava deitada em sua cama se perguntou "Qual a cor do bicho-papão?". Sempre tinha escutado histórias sobre a criatura que habitava os guarda-roupas ou morava debaixo da cama das crianças e saia a noite para assustá-las caso não dormissem na hora certa.

Perguntou a cor do bicho-papão para a sua mãe que respondeu:

— O bicho-papão é rosa e tem dentes enormes, possui olhos grandes e usa um laço vermelho na cabeça com várias bolinhas brancas.

Débora imaginou como seria a criatura, não satisfeita perguntou ao seu pai.

— Papai, qual a cor do bicho-papão?

— Ele é verde! Tem dentes afiados, veste uma gravata marrom com bolinhas e usa um óculos para seus olhos grandes.

A menina imaginou como seria a criatura e não satisfeita foi perguntar para seus avós que estavam na sala assistindo novela.

— Qual a cor do bicho-papão?

— O bicho-papão é amarelo e calça um sapato de palhaço. — respondeu seu avô.

— Na verdade ele é azul como o céu da manhã, seus dentes são afiados e seu nariz grande é verde. — respondeu sua avó.

Débora imaginou como seria e não satisfeita, ligou para a tia da escola.

— O bicho-papão é roxo, como a roupa das bruxas. Tem um nariz grandão e marrom. — respondeu a tia da escola.

Débora imaginou como era a criatura e já começava a ficar com sono.

— Hora de dormir, se não o bicho-papão vai vir — disse sua mãe pegando-a no colo e levando-a para a cama.

Quando sua mãe fechou desligou a luz e fechou a porta, Débora começou a pensar em todas as respostas que obteve. Qual seria a verdadeira cor do bicho-papão? Imaginou que ele poderia ter várias cores e cada pessoa o via de uma forma diferente. Ela não tinha medo do bicho-papão, pelo contrário, era corajosa como todas as crianças do mundo são.

Só havia uma maneira de descobrir qual a cor do bicho-papão, respirou fundo e olhou debaixo da cama.

Que surpresa teve a garotinha, não encontrou o bicho-papão, olhou no guarda-roupa e nada encontrou. Então se perguntou "Onde será que está o Bicho-Papão?"

Ora, ora, quem adivinharia? O Bicho-Papão que para cada um aparecia de uma cor, foi às compras naquela noite, os baldes de tintas haviam acabado.

FIM.

Instagram: @professoreryk

Fábio Daflon
Vitória/ES

Baba de moça

A graxa de estudante é uma flor
usada largamente em mil jardins,
e tem alguns matizes em sua cor
que são justificados pra tais fins.
Vermelha ou rosada ou laranja,
floresce em arbustos de folhagens
de um verde bem brilhante e a franja
da pétala na borda cai em margens
um pouco amarfanhadas em desleixo
que dá toque romântico à flor,
qual roupa amassada em sua aba,
camisa que num jogo sai do eixo
enquanto a moça beija o seu amor
e o moço o sabor da sua baba.

Felipe Pereira dos Santos
São Domingos/PB

CARNAVALESCO

Tinha tudo para não dar certo
Tudo era incerto
O convite era certo.
As inseguranças chegaram
Culpas que eu não tinha voltaram
Os medos consolidaram-se.
Carnaval de encontros
Comigo e com outros tantos
De antigos desencantos
Agora, encanto.
Carnaval de reflexão
De aceitação
De transformação
A minha evolução.
Carnaval de beijos
Fonte dos desejos
Carnavalesco.

https://www.facebook.com/feliptos/

Fernanda Piedade de Freitas
Canoas/RS

Corpos na areia

Luz do luar,
Doce companhia.
E as estrelas, no céu,
São o nosso guia

Na beira-mar,
Nossos corpos na areia.
Tua pele na minha,
Meu imo incendeia.

Banho de mar,
Te amar me estremece.
No vai e vem das ondas,
A paixão nos aquece.

No mar ou na areia,
Arrebatados de desejo,
Teu corpo embala o meu
Num arranjo perfeito.

Francisco Cleiton Limeira de Sousa

Poço Dantas/PB

Vovó

Hoje foi um dia incrivelmente emocionante. Fui, como de costume, tomar café na casa da minha avó após ter lido dezenas de páginas sob pressão, eram textos acadêmicos... Deitado no sofá e degustando o melhor café do mundo, depois do meu, é claro. De repente, ouço a voz da coisa mais preciosa do mundo... Começa a me relatar um sonho, foi lindo. Eu sabia que alguém ia chorar, e de novo, não fui eu... Era manhã de sol preguiçoso - no sonho - quando meu bisavô paterno, o mesmo que chamava o lugar no qual residimos de "Tanquinho de açúcar", se aproximou da minha preciosidade e convidou-a para embarcar com ele naquela aventura infinita, visto que lá tudo é desconhecido, ninguém nunca soube explicar direito a sua grandiosidade, mas não era um local assustador, tudo brilhava, todas as cores se emaranhavam, formando um belo arco-íris. Inácio Limeira, nome eternizado nesse poema, pela escrita de alguém resultante de lutas e abdicações de gerações para que cá vos escrevesse, usava do seu vocabulário não tão amplo para persuadir a minha avó. Encosta aqui o ouvido que vou te esclarecer a sua proposta. Veja, queria nada mais que companhia - naquela aventura - mas de modo infinito. Contrariando-o pela primeira vez na vida (ela ainda tinha, a física; ele já não mais) afirmou com dores no cardíaco coração não ser capaz. A justificativa foi linda, proteger as filhas que a cercam e ceder amor aos netos, os seis netos. Ele entendeu... Não julgou-a, disse está tudo em paz e que voltaria para o seu quarto para descansar e tomar um chá. E... Saiu, todo corcunda. A minha avó acordou, dos seus olhos escorriam lágrimas. Na minha frente, chorou, dos seus olhos escorriam lágrimas, lágrimas escorriam... Escorriam... Lágrimas. Eu fotografei tudo no coração. Nunca tomei um café tão cheio de sabores.

https://cleitonlimeira3930.wixsite.com/poesie-sea-1/blog/

https://www.facebook.com/cleiton.limeira.3

Gabriel Alves de Souza

Corrente/PI

Óleo Sobre Tela

Em uma manhã de sábado que poderia ser uma qualquer; eu estava visualizando alguns pôsteres do Instagram. Apareceu uma foto com texto da página Sociologia Liquida, muito reflexiva. As palavras era a seguinte "No Japão, ocasionalmente, objetos quebrados são reparados com ouro. As falhas são vistas como características adicionadas à peça por sua história, e isso a faz ser única. Considere isso quando você se sentir quebrado. "

É um costume peculiar que me remeteu a profundas lembranças. Temos que aceitar que somos falhos e dignos de ser perdoado. Quantas vezes falei alto com alguém, mas por dentro meu coração doía, as vezes pensei em pedir desculpas, mas o egoísmo falou mais alto. As palavras malditas é um tiro que rompe a alma. Quantas vezes permaneci em silencio levando a culpa do amigo por ser fiel. Quantas vezes meus cacos se quebram para ser reparado com ouro.

Nosso tempo na terra é curto e de muitos aprendizados. Sou errante e você também. Às vezes desejamos outra vida, mas essa é nossa história; um fracasso de oportunidade em aprender com a vida. As nossas falhas mancham o quadro pintado a cada dia por nós. Não interessa se é preto ou branco, somos humanos. Perdoe e seja perdoado. A inveja, ingratidão e traição são pedras nos rins, você pode dissolve-las com a água purificada - o amor.

Pinte seu quadro em qualquer estilo; realista, surrealista, gótica, abstrata, figurativa, impressionista, classicista, simbolista, cubista, modernista ou até mesmo "colorida". Vim ao mundo para viver, deixo o julgamento para morte. Admire sua tela e veja suas conquistas. Quando sentir-se quebrado, suas falhas serão maturidade. Sou o pintor e na minha essência carrego as falhas, ao máximo tento reproduzir no meu quadro reparos a ouro. Quando estiveres pronto a partir verás que sua tela é única e que foi emoldurada no palco da história. É gratificante pintá-la cada dia.

Instagram: vixi.gabriel_alves

Gedeane Costa

Recife/PE

Vestida de Vermelho

Vesti-me de vermelho só para te encontrar;
Perdi-me no caminho dos sonhos,
quando eu percebi
você ficou tão longe de mim...
virou uma estrela em noite de luar.
Pensei que nunca ia poder te tocar.
A noite me deu permissão
para tocá-lo com minhas mãos...
mas não toquei seu coração.
Quando acordei
a estrela era minha lágrima
que brilhou em meu olhar...
e minhas mãos
tentam o sangue estancar.
Estava mesmo de vestido branco
com um grande amor no olhar...

http://paginasinfinitas.blogspot.com/

Gérson Augusto de Oliveira Junior
Fortaleza/CE

Voo

Pousei meus olhos nas assas de um pássaro

Atravessei o silêncio das nuvens

Queria contemplar distâncias além do crepúsculo

Pegar pela mão a linha do horizonte

E saber o ponto exato onde começa o infinito...

gerson.augusto@uece.br

Gilberto Moura

São Luis/MA

O Vazio da Existência

O ter na vasilha do vazio
Que não enche o vazio do ser
Aqui ou lá há de se rever
A existência por um fio

Vem e depois vai embora
Sem saber de onde
E muito menos pra onde
Assim como água, se evapora.

Pra que tanta luta vã
Pra se chegar a nenhum lugar
Pra viver sem se cansar
Há de não ter a mente sã

A luta é ferrenha desde o início
Nos primeiros dias a infância
Nos próximos, a ganância.
Do ofício, nenhum benefício.

Acumula-se no quente e na aragem
Pensando sempre no futuro
O hoje é claro e o amanhã é escuro
Nada se leva na última viagem.

Giovani Roehrs Gelati

http://giovanigelati.blogspot.com

Gonçalo F. Al-Maldini

Vamos saudades suas sentir, Renato!

«Pour quoi? C'est que mon coeur au milieu des délices
D'un souvenir jaloux constamment oppressé
Froid au bonheur présent, va chercher ses supplices
Dans l'avenir et le passé.»
(Alexandre Dumas)

Vamos saudades suas sentir, Renato,
Porque, inda que tenhamos vivido pouco tempo juntos,
A sua ilustre presença me ilumina com seu silêncio vegetal e com muitos
Dos dogmáticos dons que você aprendeu ao conviver com sua materna sepultura – o que não foi barato…

Renato, vamos saudades suas sentir,
Porque você não era como as outras pessoas que conheci;
As outras eram cegas dos ouvidos e eu as percebi como mudas, a consentir
Definitivamente com as leis que o Mal neste Mundo implantou – e por causa delas adoeci…

Vamos sentir saudades suas, Renato!
Nunca vou esquecer-me dos seus deslumbrativos calcantes a incendiarem, mais ondeados que as oscilações; alegre-se ao lembrar de tal cunho, faça co' elas[6] um abaulo
Para guardá-las em sua recôndita mente no lugar mais aparato.

Renato, vamos sentir saudades suas,
A começar pelas alegres noites que passamos juntos em São Paulo
Nos jocosos bares e inócuos restaurantes das célebres ruas.

6Refere-se às lembranças.

Guilherme Hernandez Filho

Santos/SP

Eflúvios

Outro dia ouvi uma entrevista no rádio que me deixou pensante. Estavam entrevistando uma perfumista famosa, brasileira, e que tinha lançado um livro relativo ao tema. Perguntada afirmou que os bons perfumistas chegam a identificar até 3.000 aromas diferentes, que podem ser misturados, se obtendo resultados aprimorados. Fiquei surpreso. Comecei a pensar mais profundamente sobre o assunto. A impressão que a gente, leigo, tem, é que a coisa funcione mais ou menos como as cores, que são sete básicas, e suas combinações possíveis, mas daí a chegar a três mil, tem muito chão.

Depois que parei de fumar, e lá se vão mais de trinta anos, apurei bastante meu olfato, conseguindo distinguir muitos cheiros. Este fenômeno já me foi confirmado por outros que, como eu, melhoraram bem seu nariz. Ou seja, o fumo estraga o faro das pessoas, Mas isto traz consequências imediatas: sentindo melhor os odores, o que vale também para as comidas, você passa a repetir os pratos mais aromáticos, ganhando vários quilos.

Retornando ao tópico inicial, passei a recordar das variedades de perfumes, que eu mesmo usei desde minha adolescência, naquela época, a maioria estrangeira. Alguns marcaram seu tempo: Água de Colônia, Chambrey, Pinho Silvestre, Lancaster, Bond Street, Eau Sauvage, Rastro, Pour Homme YSL, L'Occitan, etc... Hoje uma sequência de marcas modernas infestam as prateleiras.

Estas lembranças excitaram minha memória afetiva, e olfativa, e acho que fui capaz de me lembrar de cada um deles, tal e qual estivesse usando-o.

Acho que não conseguiria ter o mesmo êxito com os femininos, claro, embora uns eu ainda possa me rememorar, pelo menos dos nomes: Myrurgia, Eau de Cologne, Un Air Embaume Rigaud, Miss Dior, Muguet de Bonheur, Fleur de Rocaille, Calesh, Eau d'Aliage, Opium, Angel, Carolina Herrera, e tantos mais.

Só não posso deixar de lado aquele perfume feminino que há décadas é um ícone e do qual todos sempre se recordam, o Chanel nº 5, e a lenda que o envolve, que dizem constituir a razão de seu sucesso: a atriz Marilyn Monroe perguntada acerca do que usava para dormir, disse que "só duas gotas" de Chanel nº 5.

Hilda Maria Fázio Pontes

São Paulo/SP

Perfume de Rosas

Arte

Iara Faria
Rio de Janeiro/RJ

Angústias

O ano de 2020 não será esquecido pela humanidade apenas pela pandemia de Covid-19, ele será lembrado como o ano no qual vivemos um turbilhão de emoções.

Não sei você, caro leitor, mas eu, mulher de 49 anos, vi minha vida dar uma guinada com os anseios pessoais e profissionais. A ansiedade de poder ou não fazer planos, entregar projetos, rascunhar a vida para aprontar o original. Num dia, brincávamos com a possibilidade da volta das "Duchas Corona", no dia seguinte, estávamos impedidos de voltar ao colégio para apanhar os materiais e trabalhar.

Por outro lado, novas oportunidades remotas surgiram, novos aprendizados, mas a angústia não nos abandonava, o medo do novo é inerente ao ser humano, e seguimos criando canais no *youtube*, fizemos *lives*, conhecemos pessoas que jamais poderíamos saber da existência se estivéssemos na "santa rotina".

Então...2020 será o ano de muito pesar, mas de muita mudança, é como se abrissem um baralho de tarô e a carta da Morte fosse a primeira a sair: perdas e ganhos em busca da mudança.

Simples Assim!

https://web.facebook.com/iara.faria

Ilza Carla Reis

Euclides da Cunha/BA

Meu olhar (Fotopoema)

Instagram: https://www.instagram.com/ilzacarlareis/
Facebook: https://www.facebook.com/Ilzacarlareis

Irane Castro

São Luís/MA

Poema

Eu Beco da Preta

Eu Beco da Preta, só vejo o lado bom do agora
"... haja mar de gente ao redor ou não, a solidão é uma ilha singular, impar, finita cercada das ondas de sonhos e realidade.
Nada de tristeza.
Ora invenção ora apreciação.
Tudo de meditação.
Ir coração leve.
Só inversão do meu querer.
O Beco da Preta
É minha inspiração diária.
Dentre tantas opções e ações.
Noite e dia ao dia e noite.
Vir de pé firme.
De horas, minutos e segundos.
É preciso astúcia, alinhamento e inventos.
Puxa salada de versos
Como a seguir de viajante na busca de conhecimentos.
Paralela viagem de livros, leituras e práticas reais.
Pra decifrar a história da história de algo.
Atrelo essência, destreza e inspiração para a mão escrevinhar as minúcias de tempestades de choro, alegria e vice-versa.
Chova ou faça sol.
Tento respirar e não pirar.
Unicamente levo aquilo que creio e me ac'alma.
Confesso que me enamoro numa peregrinação de poesia.
Uso ventania felicidade e mais amor em mim.
Numa andança de poesia sem fronteiras.
Logo, onde flor a maré de sensatez.
A minha maresia romântica
Apenas vê o lado bom do universo.
De tal modo bendizer o viver.
Melhor tempo do agora
Bem aqui em hoje's!"

Isabel C S Vargas

Pelotas/RS

Somos todos um

Quantas gerações me antecederam
Até que eu nascesse ?
Sou um pouco de cada um
Mas não sou nenhum deles.

Não vivemos sozinhos no mundo.
Necessitamos dos outros para viver
E nos reconhecermos como pessoa.
Embora sejamos todos únicos .

Podemos viver próximos , nos conhecer,
Como podemos viver muito distantes
Sequer termos nos encontrado
Mas sabemos de nossa natureza .

Habitamos um mesmo lugar no Universo
O Planeta Terra , a casa de todos nós.
Independente de idioma, etnia, cor
Temos consciência que somos todos únicos.

Uma explosão atômica, um tsunami
Um terremoto, queimadas atingem
A nossa casa, a nossa sobrevivência.
É necessario cuidar de todos , somar.

Não façamos guerras , cuidemo-nos.
A pandemia nos mostrou a fragilidade
Que nos caracteriza nas enfermidades.
Zelar por um é zelar por todos os seres.

Sozinhos nada somos.
É necessário agregar
Para o bem de todos .
É preciso sermos todos um.

Ivanildo Antonio dos Santos Pessôa

Capanema/PA

Acordoamento

Acordoa-me o juízo com
as cordas que tramam
teus cabelos.
Fio a fio, afina o
tom dos sons de
minha carne.

Veste-me com os tecidos
que se fiam em tua pele.
Linha por linha, faz um
ninho na casa que
urge em agasalhar
teus olhos.

Adorna-me com as pérolas
que se derramam pela vala
entre teus deuses.
Unta-me com o mel que tua
língua sussurra vento afora.

Sua-me os poros, cega meus
faróis e te agarra em meu
corpo feito as mãos dos
náufragos que por fim
albergam as areias
da praia.

Iça-me a vida, tempera-me
a alma e aviva o fogo que
me habita com o sopro
do fole que existe em
tua boca e em
tua voz.

E finalmente agasalha-te
em mim feito as aves que,
cansadas de ajuizar o mundo,
procuram a paz nos noturnos
do céu.

Ivo Aparecido Franco
São Bernardo do Campo/SP

Nova moral

Quando não houver mais nenhuma língua
Enleando meu corpo
Nada que me prive
Cessarão todas as amarras da fala

Que, imperceptíveis, confabulam
Feito armadilhas, não me deixam livre

Enfim, pleno, senhor de minha vontade
Serei livre do ardil semântico forjado
Em nome da moral dos fracos

Quando questionaram
"Quem és tu¿"
Ninguém nunca mais se perdeu
No inexpugnável labirinto do eu

Sem problemas de consciência
Finalmente
Erguerei meus olhos insetívoros
Entre a loucura e a demência

E com minha voz metálica,
Responderei resoluto, contundente
De uma vez por todas:
U-ber-mensch!

Jane Barros
Maceió/AL

Palavras Soltas II

Minha vida e pautada em folhas soltas e rabiscadas
Que um dia tentarei encontrar
Nos escritos da vida, do querer amar.

Em meus sonhos, encontro "palavras soltas"
Falando da poesia, do amor, do luar
Percebi que estão aqui, fazem parte de mim
Preciso evoluir.

Um dia irei encontrar, minhas palavras
Recitadas, cantadas, eternizadas
Neste momento estarei em outra dimensão
Quem sabe compondo a vida e a libertação.

@janebarrosmelo / Janysbarros1@hotmail.com

JAX

Do Nascer do Mar ao Marulhar do Sol, Naquela Praia Delirante

Manhã de sol que promete. Céu cristalino, brisa suave. Mulher caminha à beira-mar. Cachorro dá saltos, corre pra lá e pra cá. Dois projetos de atletas também correm na areia fofa, como a demonstrar seu preparo físico.

Do outro lado da avenida, sentado no bar, mas por ora bebendo da sua pura imaginação, o jovem Tiago contempla a cena. Tece comentários em pensamento, dirigidos aos amigos, colegas do colégio, que ali nem mais se encontram. Ele não procura respostas, na verdade. Busca inspiração, tão-somente. Quer escrever algo dedicado à sua atriz favorita, Jane Loren, ou então à menina que flutua sobre o mar, romanticamente, a relembrar antiga paixão dos quinze anos.

Enquanto não vem a inspiração, acompanha os movimentos, ora da mulher, ora do cachorro. Rabisca lembranças imperfeitas, imagens inexatas, analogias nada convincentes...

Num banco da calçada, a jovem fita seu namorado com amor que transcende o casal e espalha-se pela praia, por todo o bairro. Prenúncio de uma união cuja felicidade só será ligeiramente perturbada pelas ex-namoradas do moço, pelos pretendentes da moça, pelos credores, pelos filhos, pelos vizinhos, por sogras e sogros, pelo guarda de trânsito, pelo síndico, pelo papagaio do armazém, pelas baratas, pelas moscas e por todos os demais insetos que infestam a Cidade Maravilhosa,

bem como o país no qual inventaram de fundá-la.

Pinta fuzuê no pedaço! Manhã tão tranqüila e bonita, dá pra desconfiar. Mesmo ainda quase sem trânsito, o careca deu uma fechada no cabeludo (ou foi o contrário, segundo a turma do contra) e começa o tiroteio de impropérios mútuos. O casal de namorados decide retirar-se, prudentemente. Cadê os agentes da lei para contornarem a situação conflitante? Ah, sim! Apareceu um que já contornou a balbúrdia - a seu modo - e saiu correndo atrás de sabe-se lá quem.

Mais gente se soma à correria.

Correm atrás do salário. Correm em busca de atendimento médico-hospitalar. Correm pra pegar condução. Correm de si mesmos e de outrem. É, tá difícil pra todo mundo...

Em outro bar, distante daquela praia, no centro da cidade, Mourão diverte seus amigos com tiradas geniais, que lhe valeram o merecido título de Pensador do Boteco. Comes e bebes circulam com desenvoltura enquanto não chega a hora do batente. Se fosse sexta-feira, serviriam de preparativo para a noitada que, como de hábito, encerraria o melhor dia da semana.

Ali por perto, no intervalo das aulas, universitários discutem os absurdos da existência humana. Como o gritante contraste entre os que passam empertigados em seus ternos ou vestidos elegantes e o pobre molambo que se arrasta entre as lixeiras, buscando o que comer. Um dos estudantes afasta-se do grupo, vai ao bar da esquina e compra um sanduíche para o pobre coitado. Duas meninas aplaudem a atitude do colega, outra repreende o gesto meramente paliativo e, pronto, retomam-se as ardorosas discussões juvenis.

Será a praia a melhor solução para todos os problemas? Não reside dúvida de que constitui o centro do universo. O mar nasce no horizonte, majestoso, com seu verde exuberante, apesar da suspeita levantada pelo ecologista de plantão na orla marítima quanto à presença de poluição em suas águas. Mais um tema digno de discussão.

Para não ficar atrás, o sol vai aumentando a intensidade de seus raios. Passantes mais sensíveis têm impressão de ouvir ruídos, em seus cérebros, como ligeiro marulhar provocado pelas ondas de calor. Miolos "sautés" à carioca, diria o "chef" francês.

Indiferentes à canícula, mulher e cachorro prosseguem em seu passeio na fronteira entre o mar e a areia.

A violência volta a fazer-se presente. Dois bandos rivais de pivetes invadem a praia e iniciam confronto que ameaça, assusta e assalta quem ali se encontra, turista ou não (sorte da mulher e do cachorro já estarem longe). Gritos, palavrões, apitos de guardas, choro de crianças, apelos de mães, é o caos instalado. Salva-vidas? Salve-se quem puder!

Transtorno geral. Renovados e inconclusivos debates sobre a segurança. De resto, sobre a economia, a política, a educação (principalmente, a falta de), a ciência, os combustíveis fósseis, a seca no Nordeste, o jogo de bicho, a música popular, a telenovela, as redes sociais e as melhores técnicas para guardar queijos no refrigerador.

Na tranqüilidade de seu lar, na Tijuca, longe da praia, o circunspecto Praxedes distrai-se em regravar velhos discos de vinil e não menos antigas fitas cassetes no formato CD, igualmente ultrapassado. De vez em quando interrompe as gravações para atender ao chamado da esposa. O amor se reparte entre passatempos e afazeres domésticos, não há remédio.

Nunca é tarde para procurar o ser feliz. Sorrisos passeiam pelas calçadas, atravessam ruas, devem traduzir um mínimo de felicidade. Olhares sérios podem disfarçar a felicidade íntima, porém. Por que não? A vida assemelha-se por vezes a um jogo de pôquer, em que se torna necessário ocultar o sentimento, blefar. Quem garante, por outro lado, que o sorriso estampado no rosto não seja sinal de felicidade, mas sim da infelicidade causada a terceiro? As aparências não somente enganam. Conquistam apreço, adeptos, votos e apoio de quem as prefere à realidade.

O inconformado ateia fogo às vestes. Ato radical que aumenta o sufoco dessa tarde aquecida pelo sol. Duas ou três manifestações de tristeza, outras tantas de júbilo, em meio à predominante indiferença geral.

Alguém falou de futebol? De política? De religião? Temas sensíveis, capazes de gerar cisões. Indecisões! Cabeças atordoadas preferem o mar sereno, inspirador de boas causas, romances, poesias.

Nada de mar de tormentas ou de tormentos! Mar de lama, então, nem pensar! A atenção quer concentrar-se em determinado filme, naquele cinema, na última sessão da tarde. Se possível, em companhia agradável.

Na praia, mulher e cachorro seguem sua caminhada, agora rumo ao infinito, carregados pelos raios de luar quando a noite cai.

O cotidiano é um delírio!

Nota: Tiago, Mourão e Praxedes são personagens de outros textos do autor.

Jeferson Ilha
Santa Maria/RS

Privilegitimar

Implementar
Legitimar
Conservar
A ciência do privilégio
...
Interpor barreiras
Tornar intransponível
Justificar o status
Centralizando-o
A um sistema
O Sistema
Inquebrantável
Coadunando-o a uma lógica
Única
Que deturpa possibilidades
Desviando-as ao único caminho
A ser seguido.
E assim,
Ver através de mim
Só mostra a mim mesmo.
O Eu Sistema
A negação do ser do outro
E o poder se instaura
Enquanto poder.

https://www.facebook.com/jeferson.ilha

Jeovânia P.
Bayeux/PB

As Vestes de Eva

Só quando se banha
No mar de palavras douradas
Como se fossem areia
É que podemos ver
O tornear de suas pernas

Quando a água de palavras
Vai caindo de seu corpo
Ela vai ficando transparente

Quando não há mais nenhuma gota de palavra
Em seu corpo
Só vemos à paisagem

A poética está ali
Mas não é visível
Aos nossos olhos

Só o artista a vê
Traduz ela
Em tantos modos de ser
Que leigos não notamos
A dama no quadro
No canto da tela
Sua sombra
Formando a beleza da obra

Nem uns tantos impuros
Saberiam
Que no caminho do poeta
Ao céu
Ela é madre
E rainha

Existem alguns
Que quando a garota de Ipanema
Ou a vizinha de Caymim
Passam
Sabem
Que há aí uma deusa
Uma Eva
Vestida para matar

É com essa condição
De poucos
De parcos homens
Que não andam

Por raras estradas
Que encontramos
Algum
Perdido
Quase louco
Percebendo
A poética

Essa dama incompreendida
Que quantas vezes
Não consegue ser vista
Por aqueles que dizem amá-la
E que nem
Se dão conta dela

Ela pode passar nua
Fazer striper
Que o pau da ciência
Não vai levantar
Nem o dos cegos

Haikais da Origamízes

Joana Darc Lage

Após ter participado numa missão ao Japão em 2013 para o estágio de Cooperação em Educação numa parceria do lar Fabiano de cristo com a JICA, me apaixonei pela arte do origami e a uni a minha outra paixão: a poesia! Estes haikais que traduzem o momento atual da pandemia e seus efeitos foram inspirados em oficinas On line da Origamízes – Origami das Raízes do Brasil.

"

É assim com as borboletas!
Transforme-se!, inove,
Ressignifique! Reinvente!
Educadores em ação, em
Conexão!
"Todos On" e os que não
podem? Os que estão em Off?
Sem união não voaremos na
certa direção!
É hora do dar de mãos pelo
Ambiente/ gente/ essência/
vida/ preservação/
continuação!
Então
Voa borboleta!
Nosso Planeta
Nossa Transformação!

Joana Darc Lage
idealizadora da Origamizes
o Origami das Raízes do Brasil

"

E haja coração
para aguentar tanto luto, tanta
luta, tanta solidão!
Nossos corações ficaram
abalados
Fomos obrigados a
ressignificar ações!
A buscar por transformações
Sociais e pessoais
Mais ainda assim
Vivenciamos a dor da perda e
da discriminação
Grita forte o Covide, nosso
anfitrião: não consigo
respirar! Precisamos
transformar

Joana Darc Lage
idealizadora da Origamizes
o Origami das Raízes do Brasil

E assim como o papel de Origami... É se dobrando e sendo marcados pela vida que nos formamos e nos descobrimos inventores e rein ventores do viver. Ed Wilson
Joana Darc Lage
idealizadora da Origamizes
o Origami das Raízes do Brasil
ORIGAMIZES

Joaquim Bispo

Odivelas, Portugal

Para além do confessável

Quando o padre Vicente entrou na barbearia, temeu por um momento que não fosse conseguir cortar o cabelo antes da missa das seis: na cadeira do "tio" Matias estava o presidente da Junta, e à espera estava o secretário, mas depressa percebeu que este não vinha para cortar o cabelo; simplesmente acompanhava o chefe para todo o lado.

— Boa tarde, meus senhores! — cumprimentou.

— Boa tarde, senhor padre! — responderam os três em coro.

Sentou-se num dos bancos forrados a napa que se alinhavam voltados para a majestosa cadeira onde os homens se vinham libertar de sumptuosas melenas, quando se tornavam demasiado rebeldes para aceitar o pente. No rádio acabara de cantar Artur Garcia e anunciava-se Suzy Paula.

— Então, senhor padre, já está ambientado cá à terra? — perguntou o presidente.

O padre Vicente tinha sido colocado em Leirosa do Côa havia pouco mais de um mês e quase só conhecia o pequeno grupo que ia à missa. Ainda não tinha atingido os trinta anos, era alto e rosado, e não vestia batina.

— Sim, já conheço bastantes paroquianos, alguns até em confissão. Já se confessaram este ano? — inquiriu, com um prazer pouco católico.

— Lá havemos de ir, senhor padre! — respondeu o presidente, prazenteiro. Era um homem na casa dos sessenta, um pouco anafado, de cabelo ralo e nariz abatatado. — Todos os anos, pela Páscoa, me confesso. Eu e aqui o meu secretário, não é verdade, Simão?

O visado acenou que sim, subserviente. Teria quarenta e poucos anos, usava o cabelo liso com brilhantina e trazia um fato às riscas.

— Mas isto é uma terra sem pecados — carregou o presidente, enquanto o barbeiro se esmerava no recorte da orelha direita. — Aqui é tudo boa gente, sem cobiça, sem luxúria. Olhe, aquela que ali vai, a dona Clotilde, não deve ter mais de cinquenta anos; ficou viúva há uns quatro e nunca mais se lhe conheceu homem, ou sequer interesse por eles. Passa a vida na igreja. Às vezes, até gostava que houvesse mais movimento, para a gente ter de que falar, sem ser só de caça. A propósito, o senhor padre não caça? — rematou, com muita malícia na entoação. — Há por aí umas coelhas…

O secretário e o barbeiro riram-se, mas com pouco à-vontade, devido à inconveniência do presidente da Junta. O padre também riu, e sem cinismo.

— Há muito tempo que a minha alma e o meu corpo pertencem à Igreja. Sou homem, reparo quando uma mulher é bonita, mas estou comprometido com

algo maior e só aos seus encantos me dedico — acentuou, numa meia verdade. Fazia parte do saber viver do relacionamento social.

— Ah, senhor padre, contam-se muitas histórias de padres e saias. E não são batinas. Ali na aldeia de Trevez correram com o de lá, há uns cinco anos, porque andava metido com a governanta, o desavergonhado. Levou uma sova!

— Há sempre ovelhas ronhosas em todos os rebanhos. Por mim, espero ficar aqui por muitos anos, com o respeito de todos, que já vi que estou entre gente honrada.

Sentada numa das filas da frente da igreja, dona Clotilde observava o Cristo crucificado de tamanho natural, que estava em fundo, sobranceiro ao altar-mor. Os seus olhos percorriam os músculos das pernas, magras como as do seu Albano, que Deus tinha. Custava-lhe muito a viuvez. Nenhum homem se tinha aproximado, a não ser o untuoso do presidente da Junta, com umas insinuações porcas. Ela própria também não se mostrava acessível. Tinha muitas saudades, mas do seu homem. Recordava-o, ao olhar este Cristo: o mesmo corpo ossudo, a barba, uma certa expressão de abandono. Ficava horas esquecidas a percorrer-lhe o corpo com o olhar. Em momentos de maior desvario, imaginava que o abraçava, indefeso, e lhe arrancava o pano que a separava de algo tão indefinível que só se reconhece quando se volta a experimentá-lo. Louca! O mais perto que conseguia chegar desse algo indefinível acontecia quando, antes de adormecer, se persignava interminavelmente com o crucifixo, em que um Cristo em tudo igual, só que mais pequeno, abria os braços de impotência perante tal carência. Elevava-o ao rosto, aos lábios, beijava-o: "Em nome do Pai"; baixava-o até ao ventre, a rojar sempre um pouco mais abaixo, a cada descida: "do Filho"; roçava com ele os peitos, por cima da camisa de dormir: "do Espírito… Santo".

Pouco depois, de cabelo cortado e pescoço escanhoado, o presidente abandonou a barbearia do "tio" Matias, seguido pelo secretário. O padre Vicente sentou-se, pediu só uma aparadela, e daí a pouco estava na igreja.

Dona Irene, a esposa do presidente da Junta, veio pedir-lhe para se confessar. Era uma paroquiana muito bem arranjada, de uns cinquenta anos. Como ainda faltava quase meia hora para a missa, o padre acedeu. Pôs a estola e sentou-se no confessionário. Do outro lado da grelha, a senhora, em vozinha sussurrante, pediu perdão dos pecados e começou a estender um rol dos atos que vinha a praticar com o seu homem e que ela temia que fossem pecados da carne. Pormenorizava o que ele fazia, como fazia, com que vagares. O padre Vicente, envolvido pelo perfume floral de dona Irene, ia ouvindo a confissão num fluxo morno ciciado junto ao seu ouvido, tentando avaliar se a paroquiana era culpada de luxúria ou tudo se devia ao cio do marido. Foi a voz suave de dona Irene que se encarregou de o elucidar: queria confessar tudo, porque se sentia culpada de ter gostado e de ter colaborado com entusiasmo. "Perdoai-me padre, que eu pequei", pedia. O sacerdote observava o rubor do rosto da pecadora, os lábios cheios, o suave arquejo do peito generoso. Concluiu pela condenação: vinte pai-nossos.

Dona Irene sentou-se na sua cadeirinha almofadada da primeira fila e esperou pela missa, enquanto cumpria a penitência. Sentia-se mais aliviada. Tinha confessado tudo. Ou quase. Tinha descrito as partes mais escabrosas, mas dissimulara com quem praticara os atos confessados. Não tivera coragem de contar que, todas as quintas-feiras, enquanto o marido ia à reunião com o presidente da Câmara, na cidade, ela se encontrava com o secretário Simão, num anexo da Junta. Por outro lado, cedera ao prazer mórbido de se alongar em pormenores, para ver a reação do jovem padre. Pressentira a sua perturbação, o que, inexplicavelmente, lhe agradara.

O padre Vicente disse a missa um pouco inquieto. Não que duvidasse da sua vocação, mas aquela vozinha insinuante reavivara-lhe algumas memórias gratas de adolescente. Quando chegou o momento da comunhão, dona Irene encabeçou a pequena fila de comungantes. Ajoelhou à frente do padre, entreabriu a boca, pôs a língua ligeiramente de fora, estendeu um pouco o rosto para a frente e fechou os olhos. O padre, sugestionado, pensou reconhecer nesta visão uma das peripécias lúbricas ouvidas há pouco em confissão, mas mal hesitou: pegou na hóstia branca e, com calma forçada, depositou-a na língua húmida e rosada da cativante paroquiana. Logo a língua se recolheu com a sua preciosa carga, como se recolheu dona Irene à sua cadeira, de cabeça humildemente baixa, tentando não morder o que era para manter na boca até se liquefazer.

Acabada a missa, o padre Vicente refugiou-se no seu pequeno reservado da sacristia. Depois de, em gestos rápidos, retirar os paramentos, sentou-se na cadeira da escrivaninha e abriu a sua Bíblia, de onde retirou um "santinho". Era uma reprodução de uma "virgem do leite" do pintor Frei Carlos, que ele procurava em momentos de maior perturbação, desde os longos tempos de desamparo do seminário. Reviu o rosto adolescente da imagem, o olhar inocente, a boca onde parecia aflorar um sorriso compreensivo. Demorou-se a contemplar o seio da Virgem, que esta apertava, e do qual jorrava um fino esguicho de leite em direção à boca do menino, da qual escorria em veios brancos pelo queixo. A estampa, talvez pela assumida carnalidade, desencadeava sempre um movimento da sua alma, desta vez potenciado pela visão da boca recetiva de dona Irene e dos seus dois dedos a introduzirem nela o corpo de Cristo, com a mesma delicadeza com que agora seguravam o seu corpo e, mentalmente, repetiam o mesmo gesto. A comunhão de corpo e alma com o divino não tardou. Em arrebatamento. Em ausência de si. Em transcendência. Deus atingia-se de muitos modos.

http://vislumbresdamusa.blogspot.pt/

José Pires Marques

Almada, Portugal

A Mercearia

A luz era parca apesar das duas grandes montras de vidro que ladeavam a pequena porta de entrada, no entanto, a mercearia do senhor Lopes era cheia de inexplicáveis sombras.

Parecia até que a luz era sugada para dentro de algumas das muitas latas que forravam paredes e prateleiras.

O único lugar bem iluminado era aquele de onde o senhor Lopes, encostado ao balcão com tampo de mármore cor-de-rosa, dominava a porta de entrada, assim como todas as montras, prateleiras, tulhas, vitrinas e os armários à volta da mercearia.

A origem daquela luz, era um mistério insondável, como aliás e entre outros, era também o nome da mercearia do senhor Lopes; "Venturosa Mercearia Aventura", orgulhosamente ostentado por cima da porta em finas letras "Art-Noveau". Por baixo, em letras de forma mais pequena, podia ler-se ainda: "Refinados produtos de mercearia - azeite e vinhos de Portugal".

À excepção de uma, todas as tulhas, perfeitamente alinhadas por baixo de armários e prateleiras, tinham uma tampa de vidro, fixo e emoldurado por uma polida e brilhante cercadura de madeira castanha. Do tecto dois ou três bacalhaus, pendurados pelo rabo, deixavam cair sobre o balcão um pó branco e brilhante de salmoura.

A cor, um pouco como a luz, era como se não existisse na mercearia do senhor Lopes, apesar do colorido de algumas latas, ou de graciosos e variados rótulos de embrulho. A cor das coisas tinha, seguramente, sido comida pelas sombras e pela luz amarelada.

A mercearia do senhor Lopes não era, apesar de tudo e por mais estranho que isso pudesse parecer, um lugar triste.

Não seria certamente o murmúrio do velho rádio permanentemente ligado, que, por tão baixo ser o seu som, só a ele encostando o ouvido se sabia que cantilena vinha lá de dentro e, também não seria com certeza a luz parda e amarelenta que na verdade pouco ou nada iluminava, que ofuscava a alegria que se sentia lá dentro logo ao cruzar a porta.

Essa alegria serena brotava do sorriso permanente do senhor Lopes, do gracioso e animado movimento das suas mãos quase sempre atarefadas, e do seu avental tão alvo como a farinha ou o açúcar das tulhas.

Das gravatas coloridas com um nó tão pequeno e apertado que mais parecia uma azeitona, e dos cheiros que, só por si, podiam encher o bandulho exigente do mais lambão.

Se à mercearia do senhor Lopes faltava a luz e, por paradoxo, sobravam as sombras, já o cheiro a bacalhau, vinho, sabão e a café, que de tão abundantes se sentiam até no meio da calçada cá fora, eram como um cordel que, por um qualquer misterioso encantamento, enlevava e puxava a freguesia para dentro da loja.

Às segundas e quintas-feiras, sobretudo durante a manhã, a mercearia do senhor Lopes cheirava também a sabão amarelo e a cera.

Se a freguesia tinha acesso facilitado a todas as tulhas com tampa de vidro, já à que tinha apenas tampa em madeira, por qualquer misteriosa e inacessível fechadura aos olhos do mais observador, mantinha-se cerrada e sem rótulo, que, por fora, identificasse o que de tão secreto o seu interior continha.

Na mercearia do senhor Lopes nem tudo estava portanto à mão, fosse ele freguês habitual com direito a nome no rol, forasteiro dos bairros e freguesias limítrofes, ou mesmo ocasional provinciano de passagem pela capital, dado à curiosidade de saber se, na cidade grande, os frutos da terra tinham o cheiro e a cor que conhecera desde sempre.

O melhor freguês da mercearia do senhor Lopes, na verdade, nunca lá tinha comprado nada e tão pouco conhecia a expressão: "aponte no rol".

A Januário, assim se chamava este freguês especial, quem queria era vê-lo entrar de manhã, ou mesmo que fosse à tarde, para sair horas depois, sempre mais sorridente do que quando tinha cruzado a porta entre as duas montras.

Januário rondaria nove primaveras e, a julgar pela indumentária, era moço de ascendência humilde, se bem que o seu aspecto cuidado revelasse a existência de uma progenitora atenta e sensível aos desígnios do relacionamento social e da saúde física e mental.

Muito em parte por causa disso, o senhor Lopes tinha decidido, desde o primeiro dia em que se conheceram, alcunhar Januário de "Ricardo", em homenagem a Ricardo Reis [1] poeta de sublimes odes, médico e monárquico auto-expatriado no outro lado do Atlântico.

Segundo ele, Januário era nome de gente humilde, de baixa condição e pouco dada aos prazeres da alma e do saber, nada de acordo com o caminho que, imaginava ele, esperava no futuro o jovem "freguês".

A mercearia do senhor Lopes era, para Januário, o mais perto que acreditava ele pudesse ser uma enciclopédia, isto de acordo com a descrição que em tempos o merceeiro lhe fizera dos grandes livros, onde tudo estava escrito e explicado em pormenor.

Fora no meio de frascos com tampas de vidro e armários de madeira que Januário aprendera que ao açafrão, aquele pó amarelo de cheiro intenso, também se chamava Raiz-do-Sol e que podia até espantar, miraculosamente, a doença de cabeça do avô António.

Que o feijão tinha vindo das Américas, que do arroz se podia fazer papel e que, na Antiguidade, as pessoas se untavam com azeite para afastar o frio.

Para cada forma, textura ou cheiro, para cada dúvida de Januário, o senhor Lopes desvendava-lhe a origem, a história, e as curiosidades e, invariavelmente, recomendava-lhe procurar a essência e a profundeza das respostas nas letras já impressas e oferecidas à leitura.

A curiosidade do jovem era como os dias de verão no meio de Agosto, em que o sol parecia não ter fim e, por isso, a marcha das suas emoções pautava-se durante todo o dia. Um dia, quando o jovem Januário depois de esfregar a

pimenta entre o polegar e o indicador lhe perguntava para que lado ficava a India, o senhor Lopes disse-lhe para procurar na tulha com tampa sem vidro.

A tampa sem vidro parecia ter estado sempre aberta, já que, com apenas um dedo e sem esforço, o jovem Januário a tinha conseguido levantar totalmente para trás.

Centenas de livros amontoavam-se lá dentro, sem outro critério que não fosse o saber, havia, dentro da tulha, livros velhos e outros ainda novos.

Uns enormes que metiam medo, e outros, tão pequenos, que quase cabiam no peitilho do seu calção.

Uns delgados, à míngua de folhas, e outros tão grossos como o tronco de uma videira.

Uns tinham figuras coloridas com letras misturadas, outros apenas um disciplinado exército de alinhadas letras negras.

Januário deixou que o seu polegar fizesse dançar velozmente as folhas de muitos daqueles livros. As palavras, numa fugaz visão, correndo folha atrás de folha, soltavam um sopro capaz de enfunar as velas de uma nau em pleno mar, em busca de sonhos e aventura.

Sentado sobre os fardos de bacalhau, o jovem Januário, de costas encostadas à pipa de vinagre branco, deixava que os seus olhos ganhassem vida, esperando que o seu tempo deixasse, por momentos, de ser aquele e fosse então e apenas o da viagem e do sonho.

Na mercearia do senhor Lopes era altura de as sombras fazerem as pazes com a luz.

O velho merceeiro, encostado ao balcão como sempre, como se disso dependesse o normal correr da vida, sorria. A luz, que antes iluminava o seu lugar junto ao balcão, fazia agora brilhar os cristais de sal que sorrateiramente se escapavam por entre a serapilheira dos fardos de bacalhau.

Os cheiros característicos da mercearia do senhor Lopes tinham desaparecido como por artes mágicas, naquele espaço, de misteriosas sombras e rara luz, imperava agora o cheiro metálico da tinta e do papel, fosse ele novo e claro, ou já muito usado e amarelecido pelo tempo.

Januário, serenamente sentado no seu trono de serapilheira, sorria também.

Nas suas mãos descansava um livro, e outros tantos no chão, a seus pés, esperavam pacientes.

Na mercearia "Venturosa Mercearia Aventura", o tempo abraçava agora todas as coisas e, todas elas, cabiam na doçura de sonhos anunciados.

---

1 Um dos mais conhecidos heterónimos de Fernando Pessoa

Josefa Rodrigues

Pedra de Guaratiba - Rio de Janeiro/RJ

Ela. Quem é ela

Quem é ela?
O nome dela
É Rafaela!

Menina inocente
Gata russa
Selvagem!

Quem é ela?
O nome dela é Rafaela!
Menina sapeca
Sem noção do perigo!
Quem é ela?
O nome dela é Rafaela!
Inocente...
Inocente e sapeca.
Quem é ela?
O nome dela é Rafaela.
Menina inocente, carente.
Gata russa selvagem...
Quem é ela?
Menina sem pensar no perigo do mundo.
Quem é ela ?
O nome dela é Rafaela!

Karine Dias Oliveira

Nova Friburgo/RJ

Erga-se

Travamos uma batalha diária conosco e com o mundo...
E ter uma boa companhia
É uma das melhores armas
Sobre ações que não são confortáveis
Pois, pagamos o preço por muitas atitudes
Mas, resistir e confiar... é preciso!

Fracassos são irreversíveis
Entretanto,
Essas feridas são lembranças
E Deus opera...
Ter fé é conquistar a primeira vitória
Com entendimento e amadurecimento.

Fardos precisam ser descarregados
Abrindo mão dos suportes para reconstruir e construir
Calos também fazem parte da memória
Cada vez que latejam
Fortalecem a caminhada
E, mesmo com os pés descalços, refletimos sobre cada passo.

Coragem em versos simples
Nunca é cedo ou tarde demais
O espírito guerreiro
Precisa acordar
E para vencer inimigos invisíveis
As batalhas da vida... temos que encarar!

Seja forte
Reinvente
Siga...
Os desafios são constantes
Erga a mãos... e dispare esperança e amor!

Katellen dos Santos Silva

São Mateus/ES

No bater asas dos ventos dessa poesia

E no meio do caminho: emerge uma grande adversidade!
Uma mortandade sobre a terra veio.
Momento de incertezas… liberdade de ir e vir tolhidas… sonhos pausados…
Para alguns, uma prisão que sufoca… percalço enigmático…
O que a terra está vivendo? Isolamento… uma pandemia malfazeja…
Os burburinhos crepitam: É o novo normal? O que há de ser?
Turbilhão de perguntas ainda não respondidas… mas…
No bater asas dos ventos dessa poesia… uma luz no fim do túnel grita:
O esperançar de um povo ressoa… aspira a fé.

E no meio do caminho: um outro caminho!

O de amor. A si próprio.
Voe! Viva o seu momento. Seu tempo. Sem antecipação.
C.a.l.m.a. ESPERA - ESPERAnça. Diminuição de ritmo.
No bater asas dos ventos dessa poesia… traz a leve brisa.
Sê feliz, faça-te feliz! Sinta a levidade.

O inverno muito em breve se finda… tomo um chocolate quente…
Outra vez bate à minha porta a insegurança do porvir…
— Sinto o cheiro das flores se aproximando!
— A primavera já é anunciada… a primavera se percebe!
Ah... dou um longo suspiro… e a saudade me envolve…
Há quanto tempo não sentimos esse cheiro!
Ela! A primavera, pós-inverno regido à temperatura fria
Vem trazendo o aroma do jardim da ESPERAnça.
No bater asas dos ventos dessa poesia...
Renovem-se nossas forças para o prelúdio dessa estação.

As flores anunciam uma nova história: que o nosso tempo é o agora.
Tu, vento norte, vens! Tu, vento sul, vens!
Por que estão separados?
A dispensação do frescor de quem os recebe sobeja-se.
No bater asas dos ventos dessa poesia… percorra por todos os lugares e rumos transportando pelas palavras as boas novas e afagos que ameniza o sol escaldante de um coração solitário em apuros.

No bater asas dos ventos dessa poesia…

Instagram: @katellensantos

Laís Correia
João Pessoa/PB

De onde vem a inspiração

Ilustração: Laís Correia

É preciso nutrir-se para gerar frutos

Leandro Costa

Santana do Acaraú/CE

Tersa

O céu pesado trouxe leveza ao peito de Tersa. A luz, matiz do entardecer e amanhecer, aquietou-lhe os pensamentos acelerados e arrefeceu o calor do sofrimento.

A chuva digitou, no telhado, o consolo que os familiares não conseguiram mensurar pelo WhatsApp. Em sua linguagem inefável, entregou palavras que lhe encheram de um alívio eficaz.

Um luto, à queima-roupa, abriu uma chaga que nada conseguia sanar. A companhia dos amigos, mensagens de otimismo, livros de autoajuda, medicamentos e terapias, sequer funcionaram como placebo. Acordava no desespero e dormia na exaustão da dor.

Nos últimos quinze dias, refugiou-se na casa que traduzia todo o absurdo para o qual não encontrava resposta. Não havia contado a ninguém sobre ela. Seria uma surpresa para eles e suas famílias, assim que chegassem da volta ao mundo que planejaram.

Nenhum detalhe dela era ocasional. Tudo fora programado em função de uma vida cheia de significados. Por ironia, a construtora a entregou antes do prazo e ela teve que receber logo o projeto autossustentável que desenhou durante anos.

A mata preservada, os pequenos geradores eólicos, as placas solares, a mobília feita com madeira reciclada, o enxoval vegano, o quarto com teto para observar as estrelas, a máquina de café espresso, a cozinha com sua pequena horta e a fonte térmica do quintal, até aquela manhã, só lhe falavam de ausência e ruptura violenta.

O vento, cantando nas frestas das janelas e nos canais de ventilação, encheu a casa com tanta presença e sentido, que o sofrimento pareceu um susto do qual se ri. Tudo estava leve e respirava ares saudáveis.

A disposição, que havia lhe abandonado há meses, animou-lhe o corpo e a mente com uma saúde que lhe encheu o âmago e acordou o estômago. Não lembrava a última vez que cozinhara com tanta alegria e criatividade. Cantarolou La vie en rose involuntariamente e sorriu quando a máquina de café encheu uma caneca e não uma xícara. Dispensou a etiqueta.

Tomou café defronte à enorme janela da sala, assistindo ao balé da chuva. Sentiu vontade de ser livre como as gotas d'água que valsavam com o vento.

Bafejando-lhe o rosto e os cabelos, elas convidaram-lhe a dançar: Por que não? Venha! Venha

sim — disseram-lhe em sua língua livre e refrescante.

Unidas a ela, correram por seu corpo como pequenos rios que sabiam, com uma precisão divina, quando, onde e como lhe acariciar.

Com o espírito de uma criança que simplesmente se entrega, ela deixou, pelo caminho, os pedaços do casulo e entrou no palco pluvial. Serenamente, as gotas beijaram a sua pele, fazendo correr, por todo o seu corpo, a energia de bons arrepios que a fundiram na leveza.

Quando a última gota a deixou e escorreu pelos mistérios da terra, levou o último traço da lagarta.

Envolta na névoa, teve a pele perfumada pelo mato, enquanto gozava de uma satisfação sem culpas, medos e dúvidas.

Com cheiro herbal suave, entrou em casa refeita e o roupão quentinho, pendurado em um cabide, convidou-lhe para um abraço demorado no sofá da sala.

Deitada, sentiu um calor confortável que não vinha somente dos tecidos. Os braços e o coração que a continha: um espaço onde ela encaixava-se perfeitamente. Nele, o tempo corria tão devagar que parecia não existir.

Naquele enlevo, só um incômodo a desafiava: não saber que presença lhe acolhia. Passou pela memória todas as referências e nenhuma se encaixava naquele amor que ultrapassava os padrões.

Gastou tanto a mente naquele cismar, que decidiu não mais querer prender aquela presença com a razão. Silenciou, fechou os olhos, respirou fundo e encontrou alguém de quem fugira durante vinte anos de uma história que já durava trinta e seis.

Correu ao encontro dela, lançou-se lhe ao pescoço e demorou-se no clímax do abraço que sarava feridas, revogava sentenças, declarava paz e fechava brechas.

Quando tudo aquietou-se novamente, a grande amiga, tomando a sua mão esquerda, pôs-lhe, no anelar, a aliança que trazia o nome do grande amigo. Em seu juramento, ela lhe disse:

— Ágape. Ágape. Ágape.

Selando-o com um ósculo, uniram as partes, de um mesmo hálito, em laço de fio dourado que, estendido no rumo do céu, parecia ter a tensão dos que sustentam uma pipa. Segurando-o, sentiu a tensão diminuir vertiginosamente até o completo repouso.

Puxando a ponta que não estava no seu controle, foi abrindo a pesada cortina de suas pálpebras sonolentas.

Brilhando em um dedo de sua mão esquerda, o sol a despertou para um dia de um outro tempo, projetando nas paredes da sala palavras inscritas no anel: se um dia o amor me chamar de volta, não te entristeças! Sou contigo, minha vida.

Aquiles não havia partido. Ele era amor nela.

Leandro Emanuel Pereira
Matosinhos, Portugal

Intelecto cortês

Prever o crescimento;
Do meu sacrilégio;
É como engolir um mantimento;
Imbuído de mistério…

Pensará o leitor;
Deste vómito intelectual;
Com quanto amor;
Se ergueu tal surto banal….

Áspera rotina diária;
Forrada de insanidade;
Fortifica a estrada ordinária;
Da vida com vontade...

Esta forma de expressão;
Profícua em devaneios;
Ociosa por emoção;
Tantos pensamentos na cauda dos anseios…

Luce Lobo

Rio de Janeiro/RJ

Clamores da terra

Sinto a calidez que sobe pelo meu corpo
Inconscientemente tento me mexer, em vão, pois os meus pés estão fixados ao chão.
Eu grito:
-Estou morrendo!
Mas só ouço os choros das minhas irmãs...
Os clamores dos meus filhos...
E a fúria da chama que aos poucos vai me consumindo.
Sinto a dispneia aumentar e mesmo em meio a tanta fuligem, novamente eu tento gritar.
Em vão, novamente, só me resta chorar...
E aos prantos só vejo a flama finalmente me devorar.

Instagram: @luce_lobo

Luciane Leal
Curitiba/PR

Você é como vento!

Você é como vento...
Como uma suave brisa que embala a vida.
Uma doce canção que acalenta minh'alma

Você é como vento...
Me beija os lábios, e não consigo beija-lo
Me toca o corpo...um arrepio...e não consigo toca-lo
Te desejo, te procuro, mas não te vejo

Você é como vento...
Te sinto me envolvendo toda e não está aqui
Queria poder tocar, te abraçar, te beijar...
Queria poder te ver, me apaixonar e te amar...

Você é como vento...
Mas...o vento é livre e sempre será
O meu amor é eterno e como vento sempre existirá
Estará comigo onde eu estiver, me tocando, me acalentando, até o dia, que enfim, vento também me tornarei e juntos vamos nos misturar, e o tempo para nós deixará de existir...
Seremos eternos como o vento…

Luís Amorim
Oeiras, Portugal

A betoneira

Altura de férias lhe sorria lá de cima pelos solares raios por detrás do monte verdejante e de aparentes saudáveis colheitas quando na chegada à longínqua aldeia, a dona do lugar ia recordando casas ali e mais por diante em como tudo estava na mesma quietude. Mas na aproximação à sua propriedade, casa de dois pisos mais sótão na terceira possibilidade de vista para terreno do seu cultivo, havia um veículo em frente ao portão de garagem. Era uma betoneira, usada para o fabrico de massa para qualquer construção que a pedisse. Mas não era uma máquina qualquer. Tinha assento e volante, qual tractor agrícola, quase se podendo dizer tratar-se de um tractor-betoneira ou o seu inverso ou até um veículo com aqueles dois substantivos em acrescento. A imponência de semelhante objecto ou figura objectiva de motorizada valência e mais algumas como os compartimentos que albergava para depósito de água, cimento e areia, permitia fazer com rapidez e melhor ainda, aplicá-la em destino que a solicitasse com igual celeridade e em quantidade vistosa. Depois de levadas as malas para dentro de casa e de um «Até à próxima» ao taxista, lá ficou sossegada como até esse dia, a imponente maquinaria. Estaria ali há bastante tempo? Nem mais. Uns dias depois, vizinho do fundo da rua, afirmou estar ali há cerca de mês e meio. Seria talvez da junta de freguesia por causa de trabalho pontual na via pública e até nova tarefa que preciso fosse, estacionamento ali mesmo em frente a portão de garagem, seria o mais adequado em termos de local e até de não incomodar pois que a casa estava desocupada fora do período de férias. Mas tal não poderia continuar por muito tempo adicional e, em conversa com representante da junta, a dona disse-lhe «Os meus filhos estão para chegar e trazem ambos o seu carro. E não vão chamar vizinho aqui ou acolá para tirar este

monstro. O destino será a polícia para esta vir com o reboque.» «O reboque aqui não funciona» foi o que ele retorquiu. Mas a filha bem longe, na cidade, tinha outra resposta: «Mãe, vai à guarda na vila, mostras as fotografias que tiraste à betoneira para eles virem rebocá-la. E no dia seguinte, debaixo de chuva lá foi ela dar a saber o que se passava. O guarda de serviço nesse dia telefonou para a junta de freguesia em causa e disseram-lhe que já tinham tirado há muito o tal veículo. Mas o homem no seu posto de autoridade não desarmou: «Ou tiram ainda hoje ou então amanhã de manhã vamos até lá com o reboque.» Assim, descansada lá iniciou o regresso à aldeia a dona do lugar convencida que no dia seguinte iriam retirar a betoneira pois que chovia ainda bastante durante essa tarde. Mas não. Ao chegar a casa, a betoneira havia desaparecido. Depois o vizinho do fundo da rua contou-lhe que viu uma mulher a levá-la. «Depois de tantos dias de sol, com este temporal estava toda molhada a betoneira e mesmo debaixo de chuva e sem enxugar o assento, a mulher lá a levou cheia de pressa. Parecia estar a fugir de alguém!»

www.facebook.com/luisamorimeditions

Luiz Roberto da Costa Júnior

Campinas-SP

Pandemia

Em memória das mais de
100 mil vítimas da covid-19

O portador da tragédia
amordaça minha dor
Consolador me ampara
Há necessidade de
tratamento urgente
O médico não chega
Respire
Respire
A cabeça pousada
no tapete
Um instrumento
não evita
que me afogue
O rabo dos olhos
vê movimentação
Respiro em ritmo
que não conheço
Estou imóvel
Não me mexo mais
Um olhar branco
quando se apaga
o fogo

http://www.recantodasletras.com.br/autores/lrcostajr

Magna Oliveira
Belo horizonte/MG

Embondeiro

Conhecemos como Baobá

Dizem que Deus o colocou de cabeça para baixo, devido sua teimosia

Mas sabia me parece ficou melhor

Seu tronco parece uma coxa de perna saudável e robusca, forte que sustenta

Ora dois troncos unidos, ora um robusco e único.

As vezes ele sustenta vários troncos com galhos finos por vezes

Adornado de seus frutos

Tendo o sol ou a lua como pano de fundo

Proporciona um belo cenário africanista

Que remete ao passado, presente e futuro

Maira Bastos dos Santos

São Paulo/SP

Para sempre em minha vida

Nasci em uma família maravilhosa, cercada de pais amorosos e irmãs companheiras. Minha vida parecia uma historinha de TV; eu tinha uma família grande, cheia de tios e tias para me mimar e me encher de carinho.

Eu amava todos eles e certamente era muito amada, mas havia um tio especial. Meu tio Fernando... eu amava suas piadas e gracinhas, seu modo de nos fazer sorrir, as histórias que contava sobre o meu pai e todas as nossas conversas mesmo sobre as coisas mais banais. Estar com ele era diversão na certa, sempre alegre e animado, sempre tentando agradar.

Lembro-me de quando ele se casou... Nessa época eu já era maior e as lembranças são mais nítidas. Lembro-me de quando os visitávamos, das conversas na cozinha, do seu modo de demonstrar seu amor e seu carinho através das pequenas coisas, sua preocupação com meu pai e sua mania de irritá-lo ao contar fatos do passado e fofocas dos bastidores, sua implicância por eu não ter coragem de dirigir... Nessas visitas sempre ríamos muito e a imagem que ficou em minha memória é do seu sorriso.

Mas "no meio do caminho tinha uma pedra", um câncer que primeiro atacou o pulmão. Ele foi um guerreiro, aguentou quimioterapias, cirurgia, perdeu parte de um pulmão, mas superou. Deu a volta por cima. Mas a pedra era insistente, e ela voltou, em outro lugar, tão voraz quanto a anterior e tão devastadora. Mais uma vez ele brigou para viver, suportou todo o tratamento, idas e vindas ao hospital e melhorou. Se recuperou, ficou bem. Parecia que tudo voltaria ao normal, que a maldita pedra havia ido embora de vez, mas ela voltou, dessa vez mais forte e poderosa ela atacou uma área frágil, o pulmão já danificado e o pulmão bom.

O câncer não estava para brincadeira, ele tinha um objetivo claro: tirar meu tio de mim. E ele conseguiu... depois de muitas quimioterapias, radioterapias e tudo que a medicina podia fazer, a doença venceu.

Era janeiro de 2001, eu estava de folga sábado, domingo, segunda e terça… fato raro na empresa em que eu trabalhava. Na sexta-feira recebemos uma ligação avisando que o hospital havia liberado a visita porque já não havia nada que pudesse ser feito. Ouvir isso é como um soco no estômago, um tapa na cara; mas eu tinha esperança, ele tinha superado tantas recaídas, tinha lutado sempre contra a doença, eu não podia crer que ele estava desistindo, que ele deixaria o câncer vencer. Fui visitá-lo no sábado a tarde, esperava que os médicos estivessem errados, que fosse só um

contratempo; mas ao entrar no hospital naquele dia pude ver que ele estava nos deixando, ele estava indo embora... Sentei ao lado dele, segurei sua mão fraquinha e ele apontou para a janela e disse:

– Está vendo ali, é a minha casa. Viu como ela é grande? Você vai poder me visitar. Olha que linda a praia!!!

Eu respondi que ele não podia ir ainda, meu casamento seria em agosto e ele tinha prometido que estaria lá, que seria meu padrinho de casamento, ainda era cedo demais para ele ir embora.

Ele olhou dentro de mim e disse;

– Eu estou cansado.

Nesse momento eu entendi que era o fim... ele tinha parado de lutar, de resistir, a doença tinha sido mais forte e o estava levando embora. E na terça-feira ele se foi, como uma borboleta que encontrou seu caminho de volta para a casa. Fechou os olhos e não abriu mais.

Foi um dia triste na minha vida, por todo lado era só sofrimento e dor. Quando fecho os olhos ainda consigo ouvir a oração que fizemos em seu velório, ainda consigo vê-lo imóvel, ainda me dói a dor da sua partida.

No dia do meu casamento, sete meses depois, ao entrar na igreja, eu o procurei no altar, no lugar onde ele deveria estar, ao lado de todos os outros padrinhos, sorrindo para mim... mas ele não estava lá. Eu não conseguia vê-lo... Uma dor forte tomou meu coração e lágrimas vieram aos meus olhos, foi quando eu senti uma leve brisa e a sua presença, ele estava lá. Estava mais uma vez fazendo parte da minha vida e da minha história, estava demonstrando todo seu amor por mim.

Instagran: @mairabastos81

Márcio Adriano Moraes

Montes Claros/MG

Felicidade

Felicidade. Este era o tema da aula.

Um instante de vida que vale por si só. A visão beatífica da eterna bondade, verdade e beleza. Desejo de todo ser humano. Contemplação das virtudes. Busca daquilo que nos completa. Estado durável de plenitude. Bem-estar espiritual. Equilíbrio na satisfação dos desejos. Paz interior. Eudaimonia.

Na Filosofia e na Literatura, encontraríamos vários conceitos para a felicidade. Mas naquele dia, ao fim daquela aula, eu senti, sem esperar, surpreendentemente inusitado, o que realmente nos torna felizes. Uma felicidade que encontra, sim, correspondência no mundo antigo dos gregos, mas que ultrapassa qualquer explicação filosófica, simplesmente por ser uma experiência prática, distante do universo teórico das palavras.

A aula transcorria como planejado. Após assistir a um vídeo motivacional, discorri sobre o tema. A intenção era proporcionar aos alunos uma reflexão acerca de suas próprias vidas. Tratando-se de uma aula de Redação, a proposta foi feita, a elaboração de uma carta pessoal. Parece arcaico, mas as cartas nunca saem de moda, ainda que não sejam estampadas em vitrines. E pasmem, há muitos viventes deste século que nunca tiveram a graça de receber uma cartinha em sua caixa de correios. O intento era de que os alunos escrevessem uma carta a um amigo, relatando um momento de felicidade que vivenciaram juntos, ainda que o amigo nem se lembrasse ou percebesse que fora um instante feliz. Com isso, esperava eu que meus alunos tornassem uma pessoa feliz por um instante.

Já próximo do encerramento da aula, já quase ouvindo o sinal iminente, eis que me batem à porta. Sou chamado. E diante de mim, uma jovem com um sorriso encantador, daqueles que nos tornam felizes apenas com o olhar. Encarando-me, disse: “obrigada!”. Confesso que por um segundo, mas apenas por um segundo, antes de ouvir, claramente, essa palavra pronunciada por lábios sinceros, tive um ímpeto de fúria, por ter sido interrompido em minha aula. Contudo, ao receber, inesperadamente, um gesto tão magno de gratidão, que até então não o esperava, o furor dissipou e passei para um estado mais potente de meu ser, senti alegria.

Ali estava um instante que valeu a pena ser vivido. Um instante que eu desejei que durasse um pouco mais.

Com um embrulho nas mãos, a jovem, olhando-me com uma admiração mais do que merecida,

ofertou-me um presente. Um mimo que de tão verdadeiro ultrapassou toda a esfera da lembrancinha. Foi o presente mais magno que recebi na condição de educador, pelo simples fato de ser inesperado, sincero e, sobretudo, humano. Mais que isso, um presente do qual não era merecedor, porque, na verdade, não me sentia como tal.

Passei e passo todas as semanas com centenas de alunos, a experiência ilusória de conhecimento partilhado. Alunos que passaram por mim por vários anos e, simplesmente passaram, como deve ser, e nunca me disseram o sum gratus. Com raras exceções, claro, não sendo injusto, ouvi, sim, algum agradecimento por ter feito parte de uma história de estudos. Aquela jovem, porém, estivera comigo apenas alguns minutos. Tivemos uma improvisada aula, sem nenhuma pretensão, salvo a satisfação de atender a um pedido humilde de ajuda. Minutos que para essa moça se tornaram uma experiência discente jamais visualizada por mim. E o resultado desse encontro, que agora jamais me sai da memória, foi o êxito alcançado por ela nos exames seletivos do vestibular. Aprovada.

E para me provar a merecida conquista, ela me procura para agradecer por minutos de experiência real de conhecimento partilhado. Sem dúvida, a sua felicidade era grande. No entanto, a minha felicidade atingiu a beatitude aqui na terra. A minha aula se comprovava. Nas palavras do filósofo, aquela jovem foi a causa de minha felicidade por um segundo de vida ali. Um instante que eu desejaria que tivesse durado um pouco mais. Mas se já findo está no tempo dos homens, perpétuo se consagra na minha memória.

Felicidade é isso…

www.marcioadrianomoraes.com

Marcos Lisboa

Tóquio/Japão

Revolta!

Cansei de ser azarado.
De ter que consumir sal de mais em minha vida!
E escrevo de mais de tal maneira mesmo, pois infelizmente é disso que está recheado
O meu fado, pois que tenho consumido sal numa abundância exacerbada, desdita ávida!
Gostava de saber o porquê pelo qual tenho padecido de azar
Na iminência de aparentar que estou a conviver com a energia de Salazar!
Fui enganado, e justamente por quem?
Pela Vida, ora pois! Por acaso há de existir mais alguém
Que venha a metamorfosear o meu humilde nome numa vasta erupção de vulcões de lama
Do que essa infame e injusta Vida, a ingrata pela qual tu conclamas?
Desiludido estou, porque até papai foi uma personagem por ela tramado pra antagonista ser,
Que era algo que ele foi mesmo sem saber!
Fico demasiado melancólico em saber que sou lavas de um vulcão de fados algibeiros!
Poetas, saibam que os escolhidos são os últimos-primeiros...

O que mais distingo nesta vida: indivíduos que frequentemente têm alergia à sombra obscura!
Às vezes estou a questionar comigo mesmo:
"Por qual móvel necessitamos dizer adeus,
Posto que tal coisa sempre me faz sentir perdido qual uma caravela a balançar na poesia
Ao mesmo tempo em que está chora lágrimas de oceano?".
Cansei de viver em tal desiludida fantasia,
Logo, basta de uma vivência tão tenebrosa e escura!
E lúgubre também! Assim que o sol nasce, ele não ilumina a obscuridade.

O nome do verdadeiro autor do poema é... Duarte de Sousa Bento!

Marcos Pontal

Pontal/SP

Um novo ano se inicia

O ano que passou, não foi fácil.
Mas temos que ter esperança.
Vamos continuar planejando, sonhando e perseverando.

Se aparecer um problema,
não deixe que ele impeça o seu sonho.
Simplesmente adie ele, e resolva o problema.
Sempre coloque o amor na frente, é que proponho.

Muitos se negaram a cancelarem os seus planos,
um grande exemplo disso, foi a pandemia.
Atitude que gerou vários danos.
Então, tenha empatia.

Muitos se negaram a cancelarem suas viagens no exterior,
e hoje se arrependem.
De impedirem um sacrifício maior.
E muitos compreendem.

Isso sempre aconteceu na vida
muitos se negam a cancelarem viagens.
E ficam na dúvida.
Viajar ou ficar com parentes e
cuidarem de suas enfermidades.

Nesse ano que iniciará,
seja família.
Seja amor,
e tenha empatia.

SITE: www.velivros.visaoespiritual.com.br

Autor desconhecido

Maria Aparecida de Lima Zaganini
Iepê /SP

Só lágrimas

Lágrimas eu derramei, nem pelo povo, nem pelo rei.

Lágrimas de saudades, lágrimas de alegrias!

Lágrimas de tristezas, lágrimas vazias!

Sentindo saudades chorei,

Sentindo alegrias vibrei.

Senti tristeza quando de ti me lembrei

E ao procurar-te não te avistei.

Lágrimas vazias derramei!

Maria Carolina Fernandes Oliveira
Belo Horizonte/MG

Prece Inacabada

Devolva-me as minhas tardes alaranjadas sobre as paredes sem cor.
Já não são meus os olhos que lacrimejavam líricos,
tampouco reconheço a maciez das minhas mãos.
Como eram lúdicas as pegadas na areia levadas pelo mar.
Eu sonho em sentir saudade das bebidas adoçadas,
antes, porém, é preciso lembrar o gosto.
Dê-me um relógio,
uma ampulheta,
devolva-me a ilusão do tempo pois já não aguento mirar os ponteiros
sabendo que são inúteis.
O café sujou todos os meus versos.
Amargo. Amarelo. Agarro-me.
Cubro o rosto, mas os sinos de alguma igreja badalam.
É a segunda-feira outra vez,
indiferente a qualquer protesto,
mata mais um artista.

Maria Elza Fernandes Melo Reis

Capanema/PA

Atrás do olhar

Atrás do meu olhar
Guardo os dias que ficaram pra trás
Os finais de tarde ensolarados
As chuvas torrenciais de março
O café coado que me dá prazer
Guardo os olhares pela janela do ônibus
Idas e vindas dos dias
Que sou apenas gratidão
Guardo as lágrimas que não chorei
Quando o sorriso foi o melhor remédio
Guardo um punhado de estrelas
Que brilham todo anoitecer
Quando sei que sou amada
Em algum lugar
Guardo rios de saudades
Lagrimas de felicidades
Doces desejos
Infinitos segredos
Que somente meus olhos avistaram
Por ser a porta da minha alma
Meu cantinho suave de
Eterna contemplação.

Instagram: @maria_elza_melo

Maria Moura dos Santos e Marcos Andrade Alves dos Santos
Canaan/Trairi/CE

A sabedoria de um pote de barro

Tenho um pote de barro em minha cozinha de alvenaria. Esse pote vive comigo há mais de 30 anos. Comprei ele assim que me mudei para esse terreno que vivo na Lavagem e desde esse período compartilhamos as ilusões da água. Ele esfria a água com uma precisão maravilhosa e adoça minha memória toda vez que bebo seu conteúdo. Me recordo das coisas que vivi em minha juventude pelo meio do mundo como caminhante que espalhava segredos do passado com os pés. Em cada arrancho que me acheguei também me esperava um pote de barro, nele enchia minha moringa e refrescava minha imaginação.

Jamais coloquei um balde de água dentro de meu pote que não fosse coado por um pano. Amarro um paninho de prato bem lavado na boca do pote e ergo o balde até a abertura para despejar a água. O líquido escorre devagar pelo pano, deixando na superfície branca um misto de raízes e ferrugem que saem da bomba de água. Esse foi um segredo que aprendi com minha mãe em minha infância de barro nos anos de 1940. Na cozinha da mamãe também havia um pote de barro tão velho quanto o meu. Esse seu pote tinha sido dado pela minha avó assim que minha mãe se casou. As duas eram tão parecidas. Elas me transmitiram saberes muito antigos aprendidos com suas avós, entregues muitas vezes pelos *Encantados* ao longo de suas jornadas por essa terra.

O meu pote me reconecta com esses saberes, com as andanças de minha avó dentro da noite iluminada por um tição de lenha, com as panelas de cebola da minha mãe, com as estradas que eu trilhei, com o voo dos Encantados pelos astros. A água do meu pote de barro adoça todas as coisas que se ajuntam no passado e reclamam meios para renascer no presente. Quem

imaginaria que um pote de barro poderia conviver com uma geladeira? Que esse instrumento feito pelas mãos do artesão poderia alimentar um item comprado no grande comércio? Pois a água que resfrio da geladeira é retirada do meu pote de barro onde é cuidadosamente guardada.

O pote de barro vive em minha cozinha, vive dentro de mim a cada vez que me debruço sobre ele com meu caneco de alumínio. O caneco de alumínio é outra coisa que gente pobre como eu jamais pôde esquecer. Ele descansa em cima de meu pote de barro até que chegue o momento molhá-lo, enchê-lo com as águas frias. É com o caneco de alumínio que encho as jarras da geladeira e irrigo minha imaginação. Não se sente o mesmo sabor em uma água tomada num copo de vidro. As experiências são muito diferentes.

Sinto saudades do piso de terra batida sobre o qual meu pote repousava, mas não reclamo do chão de cimento grosso. Ele se esforça em preservar minha ligação com o chão, essa terra miúda que senti tantas vezes sob solado dos pés. Alguns me criticam por gostar de andar com os pés descalços, mas de que outra forma poderia sentir tão vivamente o chão de nossos antepassados? O chão preserva nossas origens, assim como o barro do pote nos recorda do antigamente. Ao olhar para o pote me lembro de minhas panelas de barro, do meu caco de torrar o café, do caco de fazer o beiju.

Preservo essas coisas vivas em minhas lembranças, muito embora as coisas mudem muito conforme o tempo avança sobre nós. O pote de barro me acompanha e nele se inscreve a minha própria vida e a de meus ancestrais. Tenho certeza de que se eu morrer, ele poderá continuar a contar as estórias que não pude. Basta beber sua água. É por meio da água que ele nos revela o mistério do *Antigamente*.

https://www.trema.com.br/autor/marcos-andrade

Maria Pia Monda
Belo Horizonte/MG

Presa e livre

Três paredes de aço em direção às quais ela estende suas mãos trêmulas; os ombros estão encostados em um espelho, no qual, nem querendo, ela poderia espelhar-se, porque está tudo escuro.

Já se passaram dois minutos.

Quanto tempo levará para alguém detectar a anomalia e corrigir o dano?

Imóvel, sozinha. Não há saída e está muito quente.

O elevador se fecha em torno de seu corpo e é como se ela estivesse detida em uma caixa, igual a um presente não solicitado e que ninguém espera. É como se ela tivesse ficado presa em uma caverna moderna, onde, no entanto, nem um raio de luz consegue entrar e nenhum som alivia o ouvido.

Os pensamentos palpitam e pulam de um lado para o outro, se separando e se recompondo e gerando novos pensamentos, sem parar.

Quanto tempo levará para ficar sem oxigênio?

Ela não sabe, mas para não correr o perigo de sufocar, prende a respiração de vez em quando. Está acostumada a preservar. Está acostumada a renunciar. Sabe que não adianta entrar em pânico, que, dessa forma, só pioraria as coisas.

Então fica assim, calma, imóvel.

A primeira reação, diante do barulho, da parada repentina, da escuridão e da solidão, foi de terror.

Um medo ancestral que, de repente, foi substituído por um alívio inesperado.

Por isso, ainda não pressionou- e não pressiona- o botão de alarme.

Não quer.

Ela poderia gritar, chamar a atenção, de modo que alguém corra para libertá-la, para tirá-la de lá.

Mas ela não quer. Não por enquanto.

A pressão do ar, ficando mais quente e pesada, não a sufoca. Pelo contrário, derrete o gelo em seu coração e aquece o frio que ela sente por dentro.

O desconforto é uma oportunidade de avaliar a própria força diante das adversidades.

Uma oportunidade que se permite sem pressa.

Presa neste pequeno espaço, nesta dimensão apertada, ela imagina e descobre que se sente mais livre do que nunca.

Lá fora, o mundo pode esperar. Lá fora, a vida, muitas vezes, pode ser uma gaiola mais abafada do que este elevador.

Um lugar que é apenas uma armadilha. Uma "arma de ilha" que ela transforma em uma ilha sem armas.

Maria Rosa de Miranda Coutinho

Contaminados

Todos os sentidos acenam
para auscultar sem piedade,
aquele a quem os corpos arrendam
um sopro de vitalidade.

Sotaques e subjacência
negam o vírus neolatino.
brindados pela demência,
confundem o aval do destino.

Gemeram as dissidências
em torno desse desastre.
Aquém de tais ingerências,
o mundo vive um contraste.

Mariah Guilherme

O sapo que falava de amor

-Como posso eu, amar alguém que nem se quer pode me amar?

Disse maria ao sapo e logo a responde:

- "Minha meiga senhorita, o amor tem suas entrelinhas, tem suas fases e seus mistérios, disse ele."

Maria meio triste se cala e pensa.

O sapo interrompe e indaga: "Mas o que você pretende com esse amor, Maria?"

E ela responde:

-Somente amar, já é demais pedir pra ser amada.

E ele pula em sua perna, dando- lhe um susto, olha fixamente em seus olhos e diz: "Maria, o que deseja é muito pouco. O amor tem sua diversidade. Porque não luta por um pouco mais?"

E ela triste responde: Ele me falou que sua condição não lhe permite que me corresponda, pois como o amor tem suas diversidades como o senhor mesmo disse, ele ama outro alguém do mesmo gênero que ele.

O sapo triste, lhe traz uma rosa e lhe diz:

"Se não for ele vai ser outro minha Maria. O amor traz surpresas, seu amor pode está em qualquer lugar, aqui ou ali, pode ser um príncipe ou somente um sapo. O amor tem suas particularidades."

Maria sorrir e fica feliz por ter um amigo tão sabido que entende tanto de amor e ela entendeu que amor é isso, uma mistura de cores e sabores, sem rótulos.

Insta: @oiiamariah

Marinina Gruska Benevides

Fortaleza/CE

Louvores à Valparaíso

Há mais que vinho nesta taça:
uma noite de chuva frutada,
uma saudade do frio intenso,
as lembranças reencontradas,
a mudança de nossas idades.

Há uma transformação misteriosa, contrastes,
nas cores de teus olhares
e no brilho dos teus cabelos nevados.

A acidez das tristezas se aveludou,
na redondeza do vento.
Os perfumes exalados pelas flores
chegam às nossas bocas,
beijados em nossos lábios.

Há mais que vinho nesta tarde:
a terra está gestando a infância dos pomares,
parreiras se tornarão vinhedos.

Há mais que vinho nesta tarde:
um brinde à nossa chegada,
a raposa cortando a estrada,
os minérios e mistérios da cordilheira,
e o condor que não vemos e nos contempla do alto.

Há mais que vinho nesta taça:
louvores silenciosos,
sensualidade em nossos gestos,
as pedras de Neruda, banhadas de mar e de versos.

Ergamos muitas taças de vinhos
aos sabores patagônicos, às gentilezas andinas,
à esta cidade inteira com seu cheiro de café!

Mayanna Velame

Manaus/AM

Português Amoroso II

É justaposição,

quando o beija-flor

beija a flor.

Quero um amor aglutinado.

Facebook: @portuguesamoroso
Instagram:@portugues_amoroso

Michell Ribeiro Sobral

Barreiras/BA

Indígenas Brasilis

Vejo Aimorés e Tupinambás
Vejo o que és e como serás?
Também Tapuias e Guaranis
Tamanha firmeza na Terra Brasilis,
Ianomâmis e Tupiniquins, gente feliz.

Vejo Caiapós e Charruas
Não estás só, nas fases da lua,
Também Zoés e Ashaninca
Belos que és, na noite aguerrida,
Bororos e Ticunas, das vozes soturnas.

Vejo Xoclengues e Xavantes
Sois vivazes e beligerantes,
Também Guatós e Awá
Vento feroz, na guerra e na paz,
Uitotos e Caingangues, nas presas que persegues.

Vejo Pirarrãs e Crenaques
Força da selva, velhos audazes,
Também Iauanauás e Pataxós
Fome que há, caça veloz,
Carajás e Potiguaras, com flechas afiadas.

Vejo Camaiurás e Caxinauás
Queres a luta ou queres a paz?
Também Mundurucus e Corubos
Altos levantes e grandes estrondos,
Uaianas e Camaiurás, muitos peixes nos samburás.
Vejo Caxinauás e Oiampis

Vida que segue da velha raiz,
Também Sirianos e Calapalos
Fortes argumentos e fortes braços,
Guajajaras e Suruís-Aiqueuaras, exaras de pedras.

Vejo Macuxi e Pankararu
Caça acuxi e colhe caraparu,
Também Iaualapitis e Matsés
Transpõem alcantis com fogo nos pés,
Shanenawa e Miranhas, muitos valentes, muitas façanhas.

Vejo Tucanos e Cocamas
Passos são largos na terra que chama,
Também Makuna e Maxacalis
Firmeza das punas e beleza amarílis,
Caiabis e Cuicuros, grandes triális ao som de besouros.

Vejo Muras e Matis
Sem tremuras e sutis,
Também Nambiquaras e Cadiuéus
Mestres de lanças e flechas ao céu,
Vejo a coragem, na fúria que ruge,
No canto que surge, da garganta grita,
Da alma aflita, da dor sentida, da face abatida,
Da saudade vivida, da herança perdida, da cultura riquíssima,
Que não é percebida no coração.

https://www.instagram.com/prof.michellsobral?r=nametag

Natanael Vieira

Maranhão

Verso 3

Ainda estou aqui
Recolhendo os restos mortais
Que ainda há de mim.
Vivendo os segundos
Como se fossem os últimos.
E eles são.
As horas estão rápidas
O coração insistente
Ainda pulsa com vontade de viver.
Os lábios ainda forçam alguns sorrisos
E eu, ainda tento
Ainda luto
Ainda insisto
Em permanecer por aqui.
Já sinto os vermes
Se fartando nos ossos
Que ficarão como sobras.
Porque o corpo já está falindo
Já está em decomposição.
Sinto a carne arder
E não vejo outra saída.
Na verdade não há uma alternativa.
Viver eu ainda vivo
Mas não sei até quando.
Estão me sugando
Estão me matando.
Eu estou morrendo
Enquanto uns pensam
Que eu estou vivendo.

Nazareth Ferrari

Taubaté/SP

O Bailar das Cores

Brincando com as tintas,
Brincando com os pincéis,
Vais tu criança colorindo,
As mãos e os papéis.

Com o azul tu pintas o céu,
Com o verde a mata,
Com o amarelo o sol tão lindo,
Todo o teu mundo retrata.

No teu primitivo,
Quanta beleza encerra...
Quando tu pintas o mar,
Quando tu pintas a serra.

E a paleta colorida
Da alegria de tua vida,
Mostra o mundo de esperança,
Tão lindo de tua infância.

Encanta-me tua arte,
Feita sem pretensão,
Desvendando o mundo de sonhos
De teu inocente coração!

https://www.facebook.com/nazareth.ferrari.9

Nilde Serejo
São Luís/MA

Dias Amargos

Quando as lágrimas secarem por dentro
E meu corpo parar de se baquear ao vento
Eu sei que vou ficar bem.
Quando a tempestade passar lá fora
O sangue cessar e a ferida fechar
Eu sei que vou ficar bem.
Quando as páginas se auto arrancarem
E as cortinas novamente dançarem ao vento
Eu sei que vou ficar bem.
Quando o sabor dos meus lábios voltar a ser sentido
Sem o gosto amargo de um destino interrompido
Eu sei que vou ficar bem.
Por ora, me deixe
Me deixe neste chão frio
Assim despida
Procurando a quentura dos teus abraços
Na frieza do teu olhar em mim.
Já não há mais sentido
A dor me envolve feito agasalho
Aperta meus ossos me deixando em pedaços
E cadê você?
Não sei se você foi
Ou eu que te deixei ir
Não lembro quando me perdi de mim
Quem sou eu e o que faço aqui.
Será delírio
Ou realidade cruel
Não sei se você existiu na minha vida
Se inventei a despedida.
Só sei que estou sozinha
Neste espaço escuro
Ouço vozes lá fora
E aqui dentro,
Silêncio.

https://m.facebook.com/NildeSerejoOficial/?ref=bookmarks

Nuno Maria

São Paulo/SP

Pandemia

Não é só uma pandemia
É ignorância, é morte, é dor, é agonia.

A peste negra dizimou milhares numa época de escuridão
Enquanto se matava no berço
Uma imensa geração.

Não é só uma pandemia
É ignorância, é morte, é dor, é agonia.

A história é contava nos livros,
Apesar dos seus detalhes bem escritos
Deixa passar despercebido
Os gritos, a dor e o gemido.

Não é só uma pandemia
É ignorância, é morte, é dor, é agonia.

A gripe nunca foi espanhola, mas a Espanha deu o seu nome para aquela horrenda história,
Que matou milhares de Homens.

Não é só uma pandemia
É ignorância, é morte, é dor, é agonia.

O tempo parece que anda em ciclos
Do dana volta das sombras os temidos gritos,
Provocados por uma nova onda de um Novo vírus

Não é só uma pandemia
É ignorância, é morte, é dor, é agonia.

A ciência que muito avançou
Parece não ter dado conta daquele que dela se apossou
Ignorando os dados formados de um passado que ela registrou.

Não é só uma pandemia

É ignorância, é morte, é dor, é agonia.

Em tempo de nova pandemia,
O povo não deve se reunir.
Precisa deixar os ignorantes de lado
E o destino da nação assumir.

Não é só uma pandemia
É ignorância, é morte, é dor, é agonia.

Quem dera o passado tivesse o conhecimento que hoje se tem
Talvez os gemidos de agora
Não se repetissem ontem também

Não é só uma pandemia
É ignorância, é morte, é dor, é agonia.

Quarentena parece um termo recente
Mas se desdobrou pelo tempo entre guerras e doenças frequentes.

Não é só uma pandemia
É ignorância, é morte, é dor, é agonia.

Não morri de peste negra
Tão pouco de gripe espanhola
Porque tenho que morrer de economia nessa breve história?

Não é só uma pandemia
É ignorância, é morte, é dor, é agonia.

Morrem homens e mulheres.
Uns pela saúde dos outros, outros em nome do pão.
Agora se indignam todos querendo entender a razão,
De onde saiu essa pandemia que mata a nossa gente para salvar a economia?

Não é só uma pandemia
É ignorância, é morte, é dor, é agonia.

Ovidiu-Marius Bocsa
Romênia

Frutas pintadas

De nossa jornada ao resort Felix,
minha sogra me perguntou
como presente possível, um cachecol da Caxemira,
a cor dos olhos dela, azul ou verde

-depende da luz ou sombra
e a distância que podemos olhar.

Claro, eu procurei por um cachecol
feita pelas mãos trabalhadoras
de uma mulher ou uma menina feliz jogando
com o azul ou com o lago.

cores vivas de Jammu e Caxemira,
Suponho, procurando, nas lojas.

Mas não encontrei nem o lenço
nem a cor, porque os vizinhos
plantar uma macieira cujos frutos
geralmente são verdes no início e vermelhos depois.

- então, as pessoas estão ocupadas para pintá-las de azul:
esta manhã provou o fruto da ira.

Patricia Hradec

Guarulhos/SP

O Natal

Ela disse que sua infância fora difícil, principalmente depois da doença da mãe e do sumiço do pai. Mas o Natal era uma época majestosa e conseguia recordar como ninguém cada detalhe daquele dia, mesmo que tivesse sido há mais de 63 anos, quando tinha apenas 8 anos.

Suas primas vinham para a ceia e ela, toda vaidosa, pedia sempre o melhor vestido para que sua mãe costurasse, queria fazer bonito frente as primas.

O pai ainda morava em sua casa e prometia todos os anos levar as crianças para comprar sapatos. Esse era o ritual: a mãe fazia a roupa e o pai dava os sapatos.

Mas naquele ano, ela ganhou mais do que roupas e sapatos, ganhou um anel de rubi, lindo, delicado, que a seguiria por toda a vida. Dessa vez, ela pode ostentar mais do que sapatos e roupas.

Ela conseguia se lembrar dos cheiros da casa, pernil assado com batatas e bacalhau ao vinho, odores deliciosos que traziam toda a vizinhança até o quintal.

Todos ajudavam como podiam, uns ajudavam com dinheiro, outros com comidas, e outros com as bebidas. Caixas e mais caixas de *coca-cola* em garrafinhas, aquilo sim era o líquido dos deuses!

Mas existia também os perfumes do campo, quando todas as crianças iam até os terrenos baldios buscarem flores para enfeitar as mesas, era uma época feliz, existia campos com flores silvestres, pássaros nativos e bichos diversos.

A vida constituía uma grande festa, com as ansiedades da preparação, a felicidade da festa durante e a tristeza de esperar pela próxima, depois de tudo concluído.

Com muita criatividade, a festa conseguia ser superada a cada ano, tanto na decoração quanto no número de convidados, toda a vizinhança comparecia com sua melhor roupa, sempre asseados e perfumados para aquela ocasião especial.

Claro que sempre tinha a tia que exagerava na bebida e naquele ano, tia Helena teve coma alcóolico, precisaram chamar às pressas o médico da vizinhança. Isso atrapalhou não só o andamento da

tão esperada festa, mas o do médico também, que teve de deixar o conforto de seu lar e de sua família para atender aquela senhora decomposta no sofá da sala, falando sandices sem parar.

Tio Aparício não sabendo onde enfiar a cara ao ver a esposa assim tão afetada pelo efeito do álcool, tentava minimizar a situação dizendo que ela não era dada a bebida e por isso o coma, mas sabíamos que era assim todos os anos, a diferença é que dessa vez a situação ficara séria e precisaram trazer o médico, apenas o repouso nos grandes quartos não adiantava mais, muito menos o chazinho de boldo, bom para o estômago.

Mas tio Firmino criticava a irmã, relembrando os tempos de juventude, quando tia Helena bebia até cair e não conseguia passar pelos pastos na saudosa cidade de Barretos. Tio Firmino não perdoava, remoía tudo o que passaram quando jovens, deixando tio Aparício mais sem graça ainda.

Alheia a toda a confusão, as crianças brincavam, corriam e se divertiam com os desafios em família. A brincadeira favorita era "duvido que você..." e nesse quesito as crianças eram cruéis, desde lamber sabão até comer cebola crua eram os desafios mais populares.

Na hora da ceia, todos comiam, riam e se divertiam com as iguarias, mas logo em seguida as crianças eram postas para dormir porque diziam que se alguma criança ficasse acordada, Papai Noel não viria e ninguém queria ser o estraga prazeres da noite de Natal. Todos sonhavam com os supostos brinquedos que ganhariam, mesmo não sendo tão bonzinhos assim durante o ano todo.

Os quartos eram bem organizados e com travesseiros feitos de uma erva chamada "Macela", típica da região, que deixava o cabelo perfumado. Era o cheiro da infância, da alegria e da felicidade.

No dia seguinte, acordavam cedo para ver, embaixo da árvore, o que o bom velhinho havia trazido para cada criança. A algazarra era grande e logo em seguida saiam todos para o quintal para brincarem com os novos brinquedos: carrinhos, bonecas, bolas e piões.

O dia prometia ser novamente de muita diversão e brincadeiras. Mas tudo acabava com a promessa de que no outro ano seria melhor, maior e menos tumultuado.

Até que a menina cresceu, sofreu, se casou, teve filhos e natais diferentes em vários sentidos, mas ela nunca conseguia não pensar no saudosismo do Natal e na lembrança daqueles dias felizes de sua infância.

patriciahradec@gmail.com

https://www.facebook.com/patricia.hradec.1

Paulo Cezar Tórtora

Rio de Janeiro/RJ

Vulcão Adormecido

Há no peito de cada ser vivente
Em silêncio, um vulcão adormecido
Que, na vida, navega distraído
Como um barco singrando ao sol poente.

Mas, um dia, eis que eclode, de repente,
Essa chama que vem sem alarido
Acendendo um afeto amortecido:
É o Amor — sorrateiro, altivo e ardente!

E no arder crepitante da erupção
Incandesce de luz o coração
Deslumbrado com a sua nova saga.

E o delírio do excelso encantamento
Traz o gozo e a delícia do momento
Na ilusão de que o fogo não se apaga.

Paulo Dourian Pereira de Carvalho
Natal/RN

Sonho de chuva no Sertão

De madrugada fiquei sonhando
E me enchi de emoção
Vi a chuva que estava chegando
Pra regar o nosso sertão

Fiquei feliz com aquela imagem
Até pulei feito criança
Será de Deus aquela visage
Que me encheu de esperança?

No sonho senti o cheirinho
Da água na terra morta
Um perfume leve e fresquinho
Que à alma tanto conforta

Os animais se animaram
E se puseram logo a dançar
As flores desabrocharam
Com os pássaros lindos a cantar

A caatinga ficou colorida
Como um mundo de fantasia
A natureza toda florida
Um lugar de poesia

Foi um sonho tão terno e bonito
Que chegou como um presente
Pro meu coração aflito
Onde a alegria estava ausente

No momento em que acordei
Eu estava bem deslumbrado
Com aquilo que sonhei
E por mim lhes foi narrado

Agora fico pensando
No futuro que está por vir
Com águas cristalinas plantando
Primaveras no meu peito a florir

Paulo Luís Ferreira

São Bernardo do Campo/SP

Duas Rosas de Plástico

"O
real não está no início nem no fim,
ele se mostra pra gente
é no meio da travessia..."
(Guimarães Rosa)

Nonada. Não nego nem renego. Se justiça foi feita? Nem dos homens, nem do Diabo, menos ainda do Divino. Assim eu ouvi porque nada foi escrito. O que eu conto é o que ouvi. Quer ouvir também? Então escuta:

O caso se deu, então, num dia de quase sossego. Quando seu Osvaldo chegou do trabalho e encontrou a casa vazia, silenciosa; na sala alguns brinquedos espalhados pelo chão. Gerusa não havia chegado ainda. Antônio e Mariazinha também não, mas seu Osvaldo já se habituara à falta deles. Contudo, o estranhamento estava por conta da sua chegada ao sentir falta de Clarinha, sua filhinha de oito anos, que tinha o costume de ir abraçá-lo logo ao portão, o qual estava aberto. Ainda bem que a criação das poucas galinhas, umas cabras e um casal de coelhos não se deram conta da portinhola escancarada. Deu mais uma olhada na desarrumação da sala: sobre a cadeira, a flauta doce, a partitura de Jesus Alegria dos Homens. A Clarinha devia estar tomando aula com o Juliano. Deduziu.

Nesses pensamentos, resolveu voltar lá fora para desanuviar o juízo. Sentou-se no batente da porta da casa. Uma pequena cabritinha aproximou-se dele, que ele delicadamente lhe acariciou a cabeça. E aquietou-se recostado na parede. Puxou do bolso um cortador de

unhas. Enquanto esperava em paciência e sossego Gerusa e as crianças chegarem, passou a cortar os cantos das unhas, pois estava achando-as pouco crescida.

Mas a preocupação era mesmo com a Gerusa, pois já passava das horas, o melhor seria que ele mesmo se apressasse a dar andamento às coisas da cozinha. Pois já sentia o estômago reclamando. Ia preparar algo para comer. Entrou para a cozinha. Bisbilhotou o forno do fogão, encontrou uma panela com arroz, outra com um pouco de carne cozida com batatinhas. Fritou um ovo. Pegou algumas folhas de alface e lavou, cortou meio tomate em rodelas, salpicou coentro, vinagre e sal, um fio de azeite, dando por feita uma pequena salada. Sobre a mesinha forrada com uma toalha de tecido branco, desenhada com raminhos verdes e florezinhas azuis e amarelas; de um jarro pendiam duas rosas... Pois prato, garfo, faca e se serviu.

Sem pensar em mais nada passou a comer em seu peculiar vagar. E ficou a averiguar com a mente leve: o armário, a janela, na parede um quadro de Jesus com o coração à mostra sinalizando sua grandeza e bondade; a pia com louças a ser lavadas. Já se imaginou dando conta de tal tarefa. Quando sentiu no ar certo arfar, como um pequeno gemido. Atentou com mais cuidado, aos sons vindos de fora. Não, algo acontecia dentro da casa. Levantou-se num ímpeto instintivo em direção ao quarto de Clarinha. O sobressalto, lá estava ela, Clarinha, prostrada na caminha, nua, esvaindo-se em sangue. O desespero tomou conta do semblante pasmo de seu Osvaldo.

No hospital, a fatídica espera. Gerusa em seus braços chorava inconsolável.

Entra a enfermeira, prancheta nas mãos, o olhar cabisbaixo, ergue a folha e lê anunciando para seu Osvaldo e dona Gerusa o atestado de óbito: hemorragia vaginal e uterina, provocada por pênis; *causa mortis:* estupro.

O mundo girou na cabeça de seu Osvaldo. Já não bastaram os tantos infortúnios que enfrentara pela vida afora? O que fizeram com sua filhinha? Encontraria o desgraçado nem que fosse nas profundezas do inferno! Saiu afogado no choro, tropeçando nos calcanhares. Ia cair no mundo, tinha que por as mãos naquele cão maligno dos infernos. Em casa, dona Gerusa desmaiada atirada mole na cama. Os outros dois filhos: Mariazinha e Antônio envolto em tormento e desespero. Seu Osvaldo, levado pelo desespero já não sabia se atendia quem lhe estimulava o coração ou quem implorava pela razão. Atinou pelo bom senso, sabia que podia arruinar ainda mais aquelas três vidas já tão desatinadas.

Foram todos para a delegacia, entre convulsão de choro e má explicação, o delegado pedia calma e detalhes**.** Seu Osvaldo misturava os fatos, tropeçava nas palavras, queria mesmo era ficar cara a cara com aquele que fizera a desgraça de sua vida e dos seus. Dona Gerusa, ofegante pedia justiça, senão a justiça seria feita com as próprias mãos. Não, tenha fé, Jesus é fiel e justo! Com a graça de Deus Pai! – disse o delegado para confortá-la.

O delegado providenciou o carro de patrulha com policiais e ordenou a captura imediata do estuprador assassino. Em pouco tempo chegaram à vila, que vivia em total desassossego diante notícia tão infame. O pega um pega outro se espalhou. Mas nem foi preciso tanto, pois o dono da venda, de língua afiada, sabia direitinho dar as informações que quisessem sobre cada um daquela vila: dessa vez foi aquele rapazinho quieto, de cabelos compridos, rosto de mulher. – o caso não era o primeiro do lugar, outros já vinham se sucedendo há meses – A polícia se aquieta e aguarda. Os demais silenciam em ansiedade e angústia**.** O silêncio e os ventos gastam o tempo. A paciência dos

policiais começava a se esgotar, quando avistam Juliano ainda longe na estrada. De quase sumido, vinha vindo aparecendo, crescendo, as pernas se entrecruzando no andar delicado, no piso falso do caminhar.

Chegando, antes de ter medo, ali mesmo foi detido e algemado. E logo forçado a confessar o bárbaro crime, a bárbara perversão. – apenas disse que nada sabia, deixara a menina com seus brinquedos.

Quando soube, dona Terezinha saiu à procura do filho. Na delegacia chorou, implorou, pediu compaixão, explicou, inocentou. Irredutível, o delegado falava da necessidade de se fazer a justiça. Enquanto ia chegando, o já idoso, seu Orozimbo, bem devagarzinho, morto por dentro, mas firme no propósito de não chorar; explicou tudo de novo ao delegado, tudo o que a mulher já havia dito, que o filho querido fora dar aula para a menina, como sempre. Não fora ele, de maneira nenhuma não podia ter sido. Era inocente seu menino, o Senhor Delegado haveria de ser indulgente, tinha a certeza e de como provar, que lhe escutasse com respeito e atenção. O delegado dizia ser pai de filhas também. Os velhos choravam em convulsão clamando por piedade. Se a justiça é da parte de Deus, tinha que devolver seu filho. Abraçaram-se. Saindo da delegacia dona Terezinha endureceu o corpo, choramingou, sentou-se na escadaria. Seu Orozimbo atravessou a rua, foi ficar de cócoras lá do outro lado, na calçada, a esperar justiça. Sem sossego nem para pitar um cigarro. Noite que num acabava mais. Quieto estava, quieto mais ainda ficou, quando resolveu dar voz aos pensamentos:

Antes tivesse ficado na roça, que tino fora aquele de ir para São Paulo em busca de serviço? Trabalho não havia; nem para velho nem para menino, – deu uma pausa nos pensamentos, enrolou um cigarro. – Tão bonito, tão delicado; menino triste, trabalhador e cumpridor dos deveres. Lembrou do primeiro serviço dele: cobrador de ônibus. A maior alegria do mundo foi o dia em que comprou sua gaita de boca e a flauta que logo aprendeu a tocar... Hum, cum, cum... E o dia que comprou o blusão preto de plástico brilhoso, chegava reluzir, com fecho de cima a baixo, só andava com o bicho fechado, que mais parecia um pacote, hum, cum, cum!... Que bonito que ficava meu Juliano! Já parecia um homem feito. Chegava o final de semana pedia pra mãe arrumar a melhor calça e a melhor camisa e metia o blusão por cima; o sapato tinha um salto de um tanto de altura. Tirou até um retrato, assim todo bonito, com a gaita na boca. Hum, cum, cum... – ria seu Orozimbo por dentro, enquanto tinha essas lembranças.

Janjão, aquele que era o motorista do ônibus em que Juliano trabalhou. Tudo que a mãe fazia de gostoso, Juliano levava, com muito gosto. Biscoito de goma, pé-de-moleque, tudo quanto era agrado levava para o amigo alto, moreno, imponente, de sorriso grande, dentes brancos. Vivia dizendo que ia levar o Janjão para a mãe conhecer o amigo bonito. E de Janjão, também se notava que sentia muito gosto nos agrados de Juliano. Houve tempo que só andavam juntos. Juliano apreciava muito o Janjão.

De repente, seu Orozimbo não quis pensar mais, levantou-se e começou a enrolar outro cigarro de palha. E logo voltou a pensar de novo. Não, seu filho não podia ter feito tamanha desgraça, era incapaz de fazer mal a uma mosca, aquele delegado tinha de compreender. Ele tinha como mostrar que Juliano não fez nada daquilo; mais que isso, podia provar. Quando seu olhar cruzou a rua e foi bater com dona Terezinha, lá do outro lado na porta da delegacia, abatida, enfraquecida, seus olhos encheram d'água; decidiu-se:

Desencruzou a tristeza junto com os braços e a agonia que lhe prostrava, soltou-se, deu o primeiro passo para pisar na rua, deu mais outro curto, mais

outro, assim meio indeciso, até atravessar toda a rua. Chegou perto de dona Terezinha, que também estava acabrunhada de tanto pensar nas mesmas coisas que ele havia pensado. Ele titubeou no querer de tocá-la, ela o agarrou. Não choraram mais, falaram baixinho: quem sabe alguém podia ajudar. Talvez o Janjão, era só explicar tudo direitinho. Seu Orozimbo aceitou a ideia, quis logo sair à busca do Janjão. Dona Terezinha disse não! Teria de resolver era ali mesmo, naquela hora, não tinha mais tempo a perder. E começou a encorajar o humilhado coração do companheiro. Iam tirar o Juliano da cadeia e livrar a família da vergonha. Tinha que fazer o que ser feito. Resolutos, entraram na sala do delegado. Jogaram todos os documentos sobre a mesa, e num palavreado desesperador passaram a explicar tudo, tim, tim, por tim, tim: num era possível que seu filhinho tivesse praticado aquela infâmia com a menina Clarinha, num tinha cabimento, eram amigos um do outro desde que ela era nenenzinha. Foi aí que dona Terezinha decidiu por limpar as patranhas do que houvera sido e passou a dispor o apurando da história; e falou num sofrimento de dá embrulho no estômago, mas sem papa na língua, de chofre, desentalou da garganta o que não estava nos escritos, nem nos ouvidos, mas o que havia de ser a verdade: Juliano não é Juliano; Juliano é Juliana Maria Rosa das Neves, nascida nesta cidade no dia tal do ano tal, e que foram para São Paulo com a menina ainda novinha, nos braços; a vida sempre foi dura, queixume de gente fraca de recurso, nunca tiveram um pedaço de terra, nem uma casa, viveram de déu em déu. Foi por isso que foram obrigados a ensinar a menina a se vestir como menino, brincar como menino, falar como menino até que começou a viver como homem, pois podia trabalhar e ganhar dinheiro como homem. Tinha medo da menina sendo mulher, nunca arrumar um bom serviço, receavam de ela virar rapariga e matá-los de vergonha. Foi tudo assim, foi assim que ela cresceu.

Foi desse modo que Juliana teve de ser. – disse dona Terezinha – Esperou a vida inteira para que Deus lhe restituísse a fertilidade para que ela pudesse ter um filho, era assim que ela queria, mas nosso Senhor Jesus Cristo não quis. Que o Senhor Doutor Delegado tivesse piedade, tivesse a humanidade de ajudar, fosse simples de coração. Juliana não era nem podia ser o monstro que imaginavam que fosse. Que o delegado tomasse as providências necessárias e libertasse sua filhinha.

O delegado, teso e de olhos esbugalhados, desencostou-se do espaldar da cadeira, com o ar preso até aquele momento, soltou no repente e respirou fundo, e num sopro levantou-se, consertou o corpo e saiu apressado, desceu para o calabouço em direção à cela, a mão direita empunhava o revólver no coldre. Ia verificar aquela história mal contada pessoalmente.

Era a pura verdade, Juliana tinha um belo corpo de mulher, mas agora nada mais adiantava inocentá-la, seu corpo jazia estendido no centro da cela sobre uma poça de sangue.

Atestado de óbito: hemorragia vaginal e uterina, provocada por pênis; *causa mortis:* estupro coletivo.

https://www.facebook.com/pauloluis.ferreira.10

Pedro Guerra Demingos
Porto Alegre/RS

A Alma e a Calma

Meus ministros me enchem de dúvidas:
até que horas vai a aula?
Até que horas vai a alma
nesse nosso continente?
Queria eu copiar a calma dessa nossa gente,
estendê-la sobre o mundo, adormecê-lo.

Porque adormecer é se afogar
e odiar cansa, sim, mas ser triste vicia,
porque o ódio é uma planície onde corremos
e a tristeza é um oceano onde boiar,
e nossas odes não despencarão o céu
e nossos gritos não farão erguer o mar.

O mar. Já cantei o mar porque o mar me pareceu eterno.
Hoje o canto porque está aqui,
porque a eternidade bate às costas,
porque o fim dos tempos não trouxe
um último banho de sol
nem um último banho de chuva.

Até que horas vai a calma?
Até que horas para alguém
estender a alma sobre o mundo?

www.instagram.com/pgdemingos/

Prema Shakti

Deus na Natueza

Contempla a beleza da Criação
Óh Irmão,
Na beira do abismo pare,
E faça uma Oração.
Repare,
Chegou a hora do Perdão.
Cada Estrela é uma Louvação
Cada Árvore uma Respiração.
Entrega-te ao Sol e erga-te cidadão !
Caminhe no Rio da Vida com Gratidão
Cada flor singela refleti a rica diversidade,
Sintoniza com a sua pureza e viva a Unidade.

Priscila Trindade
Rio de Janeiro/RJ

Como Fênix

Reaja!

Escuto uma voz dentro de mim...

Reajaa!

Um pouco mais forte ouço o ecoar dessa voz...

Reajaaaaa!

Grita de dor e desespero , um instinto de sobrevivência que ainda tem esperança de dias melhores.

Eu te escuto... Porém não tenho forças para reagir, me sinto tão envolvida nessa vibe cinza que por pouco não conseguiria te ouvir.

Boraaaaaa!!! grita com maior intensidade ...

Levanta dessa cama, penteia esses cabelos e tire esse pijama!

Como eu queria que fosse tão fácil! Queria ser como uma máquina que obedece à comandos ...

Sei que é o certo a se fazer... Porém hoje , preciso ficar quietinha , grudadinha nessa solidão.

Preciso encarar de frente os meus medos e incertezas.

Preciso ser mais forte pra vencer a escuridão.

Renato Bruno

São Gonçalo/RJ

Encruzilhadas

A mãe de Fernando completara 73 anos e, como era de costume, as pessoas passavam por lá, na casa dela, para saber se, naquela data, podiam ajudar em alguma coisa. Os mais chegados levavam até algum presente; outros ofereciam jabuticabas, já que sabiam que ela gostava de fazer licores e compotas. Aliás, muitos já ofereciam, com a esperança de poderem experimentar alguma coisa, durante a visita, e raramente saiam frustrados.

Portanto, Dona Mina, como era conhecida, não tinha nenhum problema com a vizinhança e até os meninos do movimento demonstravam ter um certo respeito, quando a viam passar na rua, já bem tarde da noite. Alguns tinham sido, inclusive, alunos dela. Por isso, se Dona Mina precisasse ir a algum lugar mais distante, não havia com que se preocupar. A hora em que voltava não era um problema, nem o fato de ter que ir ou voltar sozinha, morando naquele bairro.

Contudo, quando completou 75 anos, Dona Mina já não vivia mais essa realidade. Os meninos, agora, eram outros. O movimento era outro. Os vizinhos, com os quais já tinha se acostumado a conversar, no portão de casa, ou tinham se mudado, com a ajuda dos próprios filhos, ou viviam uma rotina completamente diferente. Para alguns, a vida era apenas "casa, igreja; igreja, casa", se dizendo até arrependidos do tempo que perderam no "mundão". "Dia desses, o pastor perguntou se a senhora já aceitou Jesus... A senhora já aceitou Jesus, Dona Firmina?" Naquele lugar, portanto, Dona Mina já não fazia questão de algumas visitas, nem de certas jabuticabas.

Por isso, Fernando, que, depois de divorciado, aparecia com mais frequência, para tomar um café com a mãe, orientava Dona Mina a evitar sair já tarde da noite. Fernando, inclusive, vivia prometendo que, em breve, ela estaria em uma outra casa. Para ele, era só uma questão de tempo. Dona Mina, no entanto, sabia que isso era apenas reflexo do constrangimento do filho, que, quando estava casado e ganhando bem, deixou, muitas vezes, de ajudá-la por causa da mulher.

– Mãe, eu tô falando sério. A senhora tem que sair daqui.

– E eu vou pra onde, Fernando? Eu vou pra onde?

– Eu já estou vendo uma casa. Não disse? Não é grande, como essa, mas é bem mais fácil de limpar. A senhora vai gostar. A senhora vai ver...

– Fernando, prova essa compota. Vê se tá estragada...

Os dois acabaram brigando feio, naquele dia, mas, uma semana depois, Fernando já estava pronto para fazer as pazes. Afinal, não convinha ficar alimentando rancores bobos, contra uma mãe que já tinha chegado àquela idade, sem nunca ter dado trabalho a ninguém. Portanto, para tentar agradar e desfazer a situação, Fernando ligou, avisando que, naquele dia, buscaria Dona Mina, lá no centro dela. A mãe frequentava esse centro de macumba, desde que ele era aluno, no curso de vigilante. E isso já tinha bastante tempo.

O lugar ficava no Jardim Albuquerque, numa rua sem saída, logo no início do bairro. Era nos fundos da última casa, à direita. A rua era um trechinho sem asfalto, bem curto e em

declive, cujo final dava para um pasto enorme, sem notícia de ter dono. A iluminação, à noite, vinha de um único poste, com lâmpada de mercúrio, e, para piorar, a prefeitura nunca podava as árvores que ficavam ao redor. O lugar, portanto, era uma verdadeira biboca esquisita, no meio do nada. Meio roça, meio subúrbio.

Fernando, então, chegou pouco antes da hora em que a gira costumava terminar. Até porque, ele não queria ficar parado ali por muito tempo. Ele não gostava de macumba e o tráfico tinha crescido naquela região. Por isso, querendo ser discreto, estacionou logo na entrada da rua, quase na esquina, embaixo de uma árvore. Àquela hora, o lugar onde ele estava, dificilmente, chamaria mais atenção do que a parte final, mais iluminada por causa do poste. Na esquina, a lâmpada estava queimada e a árvore escurecia ainda mais o ambiente.

Deixando, então, a pistola debaixo da coxa, Fernando começou a tentar se distrair, dentro do carro. Primeiro, contou os porcos que estavam fuçando no lixo, na parte baixa da rua, logo no início do pasto. "Uns seis, com aquele leitãozinho". Depois, passou a contar o número de carros, que, provavelmente, pertenciam às pessoas que estavam no centro, àquela hora. Ficar ali, esperando no escuro, não era nada fácil. O dia tinha sido cheio e, na manhã seguinte, já teria uma série de coisas para fazer. Não ia dar para dormir. Ia ter que virar, de novo.

No entanto, o som da gira logo desapareceu e, pouco tempo depois, as pessoas começaram a sair daquela casa. "Boa semana, Gleyce!"; "Até mais, Sr. Júlio!" Foi quando Fernando, já soltando o freio, para poder descer a rua, sem ter que ligar o carro, ouviu uma barulheira de motos, chegando. Eram cinco e Fernando, com isso, já tinha entendido a situação. Não tinha o que fazer.

Naquele bonde, estavam três de fuzil; o resto estava de pistola ou revólver. Dali, não dava para ver direito. Fernando, porém, torcia para que, pelo menos aquele casal, que já tinha entrado no carro, ficasse lá, quieto, porque os demais, que foram pegos a meio caminho dos carros, já estavam sofrendo, na mão dos traficantes. Eram pauladas, chutes e murros, sem distinção. Não havia o que fazer. Aliás, ele, Fernando, segurança de banco, poderia fazer o quê, naquela situação? "Aqui é o bonde de Jesus, macumbeiro filho da puta! O bonde é de Jesus! Entendeu? Toma! Não quero vocês aqui! Entendeu? Já falei! Toma, filho da puta! Não-Quero-Vocês-Aqui! Entendeu? Porra! Toma! Toma! Filha da puta!".

No entanto, o som da rajada de metralhadora, vindo de dentro da casa, fez com que Fernando tomasse um susto e segurasse com mais firmeza a pistola que já estava na mão. "E aí, Fernando? E aí, Fernando? O quê que você vai fazer, Fernando?". Mesmo que acertasse uns dois ou três, daqueles quatro, que estavam do lado de fora, a coisa ainda poderia ficar bem pior. Bastaria que um deles tivesse um radinho, um celular... E se tomassem alguém como refém, lá dentro... "Nunca mais eu quero ver vocês aqui! Entenderam? Entenderam, porra? Toma, caralho!". Fernando quis acreditar que era só um susto, que aquilo não ia demorar, mas, não demorou muito, e já se enxergava sinais de incêndio na casa. Mais gritos e mais tiros. "Meu Deus, o quê que eu vou fazer?".

Depois que tudo aquilo já tinha terminado e as pessoas mais abaladas já tinham ido embora, um grupo pequeno, formado pelas pessoas mais antigs do centro, se pôs em volta do babalorixá. Era um senhor já de bastante idade e a cara estava toda inchada, de porrada. Sentado num banco, ele segurava um pano com gelo, que haviam lhe dado para colocar na boca. Ao redor, o ambiente lembrava aquelas cenas de atentado terrorista, que passavam na televisão. No terreiro, não havia mais telhado. O congá tinha vindo abaixo, junto com uma parte da parede, nos

fundos. Não havia nem sinal dos atabaques, mas o mais triste foi terem colocado fogo, na casa do velho. Fernando e todo mundo ali olhavam aquilo tudo, sem entender. Tudo aquilo era um absurdo tão grande que não conseguiam assimilar o que estava diante dos olhos. "Posso avisar seu irmão, Seu Beto?" Era Dona Mina, perguntando.

– Faz isso não. Vai me dar mais tristeza...

– Que isso, Seu Beto? É seu irmão... – falou uma outra senhora, mais clara que Dona Mina.

– É, poxa. Nessas horas...

– A gente podia ter morrido...

– Já falei – Seu Beto achou que, com isso, encerrava o assunto.

– Tá. Então, o Sr. vai lá pra casa – disse Dona Mina.

Olhando aquela senhora de olho roxo, roupa rasgada, com o cabelo crespo, solto e desgrenhado, e sangue seco, na borda do nariz, Fernando não viu sua mãe. Viu o exemplo, a presença de espírito daquela mulher. Parecia até que aquilo que estava diante dos olhos tivesse se descolado do tempo presente. Não estavam mais no Jardim Albuquerque, nem na baixada fluminense, no Rio de Janeiro. Estavam em outro lugar. Era um outro tempo e, ao ver a reação tranquila do Seu Beto, que, sem largar o pano, levantou um pouco a cabeça, para poder olhar nos olhos de cada um, Fernando sentiu que estava fazendo parte de alguma coisa que era maior. Sentiu-se, como há muito tempo já não se sentia, fazendo parte, realmente, de alguma coisa. Alguma coisa importante. Foi então que disse:

– O sr. pode deixar que eu e mais quem quiser ajudar vamos arrumar isso aqui. – e olhando para aquele senhor de idade, que Fernando conhecia só de vista, emendou – Não vale a pena o Sr. se preocupar com nada agora. Na casa da minha mãe, tem umas roupas minhas que o Sr. pode usar. Eu junto o que tiver aqui e levo depois; ou o Sr. vem, com a cabeça mais fria, e vê o que ainda serve... É com o Sr.

– Eu levo os dois, no meu carro. Não fica aqui, não, Seu Beto. Não vai fazer bem.

– Eu fico aqui pra te ajudar.

– Eu também.

– Bora mexer na casa. O terreiro já era.

Seu Beto se levantou com dificuldade, dispensando, porém, os cuidados que insistiam em ter com ele e olhou nos olhos de Fernando. Na boca inchada, dava para ver que faltavam alguns dentes. "Obrigado, rapaz. Obrigado a todos vocês."

Rian Lucas da Silva
Poço Dantas/PB

Sangramento interno

Quem disse que não dói?
Às vezes, inclusive, ainda sangra
E quando a ferida está prestes a cicatrizar
Você retorna de novo e retira a casca.

Não é justo me ferir
E, ao mesmo tempo,
Querer ser minha cura
Não há lógica.

[Mas você nunca se importou, né?]

Minhas feridas são internas
E você só viu meu exterior.
Minhas enfermidades são dentro da alma
E por não ver sangue
Você acha que não dói.

Mas dói...
Inclusive estou com sérios machucados
Causados por mãos que não souberam cuidar.

Diga-me: se você visse sangue se importaria mais?
Tentaria me ajudar?
Estancaria o sangramento?

Acredito que não!
Mesmo se você me visse morrendo
Ainda assim me deixaria sangrar
Afinal, teu sangue vale mais que o meu.
Sempre valeu!

Ricardo Ryo Goto
São Paulo/SP

Licença Poética

para Mário Quintana

Que tem incomum poeta e o ignorante ?
Podem ambos falar e escrever errado
Inconsequência disso ficam semelhantes
Os poemas redigidos de cada lado.

Vejamos por exemplo este caso raro:
-Conquanto dinheiro você passa o mês ?
-Ganho tampouco que tenho de ser avaro.
-Mas contudo que junto passo mal toda vez.

Quem quiser porém evidência este fato
Preste muita atenção para verde perto
Que não é a rima nem ritmo nem métrica

Que faz o texto comum todo exagerado
Contanto esforço prá achar o termo certo
Colocá-lo torto com licença poética.

Roberto Schima

Salto/SP

De Volta para Casa

Quando eu era pequeno, nas férias do meio de ano, costumava descer a serra e ir para a praia com a família. Era meio que tradição na época. Creio que eram uns tios que tinham um apartamento de veraneio por lá, mas não tenho certeza. Apesar de várias décadas, recordo-me do mar, das ondas, da areia, do céu, da alegria e até de um potinho de sorvete, porém, não me lembro nada do apartamento e sequer de qual parente ele pertencia.

O tempo e a memória cuidam de filtrar o que, de fato, tem importância, eu presumo.

Sentia-me mais em casa no litoral do que no subúrbio da capital. Talvez, em sendo neto de japoneses, fosse a voz do sangue por descender de um povo insular.

A alegria de todo aquele espaço era o que importava. Poder pisar na areia fina e macia, às vezes quente demais, conforme o horário. Explorar as pequenas criaturinhas que viviam na rebentação ou aquelas que o rebuliço das ondas trazia de vez em quando. Adorava apanhar e colecionar conchas independentemente de seu estado, pois cada qual tinha a sua importância. A multidão de banhistas incomodava, entretanto, não se podia culpá-los e, tampouco, ter tudo na vida, não é mesmo?

Uma das coisas mais memoráveis que me contaram e eu jamais esqueci foi que, se eu aproximasse uma concha junto ao ouvido, poderia escutar o som do mar vir de lá de dentro. Ah, claro, quem me disse isso ficou para trás, muito além da lembrança. Mas, ter em mãos algo assim, que trouxesse o oceano dentro dele, estivesse onde estivesse, era mágico demais para ser ignorado e, muito menos, esquecido. Era mais uma das inúmeras charadas que o mundo tinha a oferecer a uma criança. E, para mim, foi simplesmente demais. E eu agarrei aquilo com ambas as mãos, tanto a charada quanto a concha que me fora oferecida. Sim, e lá estava ele, lá dentro... Tão perto e tão longe... O mar!

Nem sempre os enigmas eram tão bem-vindos, como naquelas histórias de fantasmas que os mais velhos cismavam de contar vez ou outra. Sempre trazia um arrepio nos braços ou na nunca. Era amedrontador! Se bem que era o tipo

de coisa que a gente tapava um dos ouvidos, mas deixava o outro descoberto de propósito...

Todavia, o som do mar dentro de uma concha, esse sim era um grande mistério. Como era possível? Haveria um oceano dentro da concha? Como cabia lá dentro? Estava certo que a concha tinha vindo de uma criatura do mar. Todo menino sabia disso. Porém, daí a poder escutar o mar dentro dela era fascinante demais. Seria algum tipo de vínculo que mantivesse a concha permanentemente conectada ao seu mundo de origem? Mágica? Seria algo como ouvir vozes e músicas de dentro de um radinho à pilha? (O que, por seu turno, era outra grande incógnita por desvendar.) Eram muitas perguntas, não necessariamente ansiando por respostas.

Era o mistério que contava. O mistério povoava a mente das crianças, inclusive da criança que fui e amava os oceanos. Já de volta ao subúrbio, na cama, pouco antes de dormir e com a concha bem junto à orelha, tentava imaginar a praia, as ondas quebrando, o vento, a amplitude do céu, o Sol iluminando tudo. Imaginava ouvir as vozes dos banhistas no interior da concha; pensava no que estariam fazendo, de onde teriam vindo, o que estavam pensando. Um sentimento de alegria misturado a uma espécie de vazio tomava conta de mim. Alegria porque o mar representava algo de bom: as férias, um fim de semana prolongado, o final de ano. Era a felicidade de enfiar os pés na água, de montar castelos de areia, de catar mariscos, filhotes de caranguejos e peixinhos. E o vazio devia-se por estar longe do que eu considerava a minha verdadeira morada. Os primeiros contatos da criança com o mar eram cruciais: ditariam toda a relação de ambos nos anos vindouros. Os momentos felizes na praia jamais seriam esquecidos, embora os detalhes se perdessem, e pensar no litoral traria sempre um sentimento positivo, algo de bom que merecia ser revisitado.

Nos anos posteriores, vi o mundo e os mistérios diminuírem. Compreendi que não havia oceano algum dentro das conchas e nem qualquer elo do som que eu escutava com o quebrar distante das ondas. Não passavam de ecos do som ambiente a ressoar dentro daquela espiral de calcário que atuava como uma caixa de ressonância. Nada de ondas, de praia, de areia, de vento, de Sol ou de vozes de banhistas.

Sim, eu sei: a vida adulta é bastante sem graça.

Entretanto, muitos anos depois, já velho e sozinho no escuro de um quarto no hospital, posso dar-me ao luxo de deixar a lógica e o bom-senso de lado. Atendendo ao apelo daquela criança que fui há muito tempo e que, por uma mágica do mundo dos mistérios, conseguiu sobreviver dentro de mim, embora não incólume, apanho a concha que ganhei, a maior de todas. Por um

milagre da vida, foi a única a sobreviver da velha coleção. Aproximo-a de meus ouvidos, os quais, faz alguns anos, lutam para poder ouvir. E, sem necessitar do aparelho auditivo, lá está, longe, de muito e muito longe, dentro da concha... Sim, novamente ouço. Não é a ressonância do sons no quarto ou na rua. É a rebentação, o marulhar. Seu som monótono e tranquilo invade-me a alma. Sorrio. Consigo avistar a praia, a areia molhada, gaivotas voando rente ao mar, barcos de pesca na linha do horizonte.

Neste leito, onde a minha existência se esvai, acima do som do mar, ouço risos de criança. Eu juro! Ela me chama. Eu deveria ter medo, como teria diante dos contos de assombração. Porém, não tenho... não muito. E, não me perguntem como eu sei, mas eu sei: é a minha própria voz, a voz da criança feliz que fui perdida no distante passado e reencontrada no presente. E essa criança me chama, convida-me a segui-lo. "Vem cá... Vem!" E eu vou, vou sim para brincar com ela, sentir a água molhar meus pés e o vento fustigar meus cabelos. Espere por mim!

Ah, não lamentem. Finalmente, depois de uma vida inteira de perambulações...

... retorno para casa.

https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima
Instagam: @robertoschima
rschima@bol.com.br

Rogério Costa

Cornélio Procópio/PR

Salmos 35:5

À noite,
A chuva que lava os olhos,
A curva que leva o sono
Quão turva leve lágrima
À margem do abandono!

Na madrugada,
A dor que repudia a despedida,
O vapor de uma brisa arredia
O clamor que anela pela saída,
Pelo favor e a calmaria do dia

Pela manhã,
O Sol já não detém seus laços,
O Sol da Justiça arde e inflama
O Farol que guia meus passos
Aos braços de quem me ama

Rômulo Garcia Vieira

Florianópolis/SC

Pais e Medos

Casados há quase 20 anos. Dois filhos, um deles já na faculdade, o outro deitado no banco de trás, dormindo coberto por um edredom surrado das tartarugas ninja. Era início de junho e o frio aumentava enquanto o carro subia a serra, para onde eles voltavam depois de um fim de semana visitando o filho mais velho. A luz azul do aparelho de som, sintonizado em alguma rádio distante que tocava mais interferência do que música, quebrava a escuridão que tomava conta do interior abafado do carro.

O asfalto correndo por baixo das rodas era marcado por buracos. A sinalização não existia mais. Do lado direito, a encosta de um morro. Do lado esquerdo o acostamento era curto e logo dava lugar a um barranco. Lá em baixo os postes iluminavam as ruas vazias da madrugada de um bairro afastado da cidade. Na sua frente um caminhão andando devagar força o veículo a diminuir a velocidade.

"Acho que dá tempo de ultrapassar antes da curva", pensou ele, pé no acelerador e mão no câmbio para mudar a marcha. O carro invade a pista da esquerda e fica lado a lado com o caminhão. Dois faróis no sentido contrário o fazem perceber que estava errado. Caminhão à frente, caminhão ao lado direito, e o barranco a sua esquerda. "Vou ter que puxar para o acostamento". O coração acelerando tanto quanto o carro segundos antes. O volante virando pra esquerda. A roda traseira saindo do acostamento, patinando na grama, a centímetros do barranco.

O homem já não via nada disso. Via o quintal de casa. As araucárias, os eucaliptos e um álamo gigantesco. Era outono. A mulher, os dois filhos ainda pequenos e o cachorro da família brincavam pulando em montes alaranjados de folhas secas.

Quando voltou a si o carro estava novamente na estrada, atrás do caminhão. O interior do veículo estava mais abafado do que antes. Apesar da interferência do rádio e da respiração pesada dos dois, havia um silêncio. Segurava o volante com força, para disfarçar as mãos que tremiam. A criança no banco de trás ainda dormia, apesar dos solavancos do carro. A mulher olhava fixamente para frente.

As letras da placa do caminhão eram, coincidentemente, MGV. As iniciais do filho mais velho. Era nele que ela pensava. Como teria sido se a roda tivesse patinado um pouco mais, tivesse escorregado um pouco mais perto do barranco. Não pensou nela, na faculdade que não fez, no negócio que não começou, na casa que não reformou. Pensou nos filhos. Devagar ela virou o pescoço e deu uma olhada na criança enrolada no edredom. Respirou fundo, aliviada. As mãos ainda doloridas por ter apertado o acento do banco a lembraram de onde estava. "Vamos parar no próximo posto?" perguntou ela para o marido.

Rosa Acassia Luizari

Rio Claro/SP

Solidão coletiva

Todas as noites eu chorava. Meus pensamentos organizados em um corpo estático, frio. As inúmeras leituras de teses e antíteses não foram suficientes para resolver os problemas com os quais eu me deparei ao longo da complexa jornada que durou muito tempo, mas acabou. Meu algoz, invisível, tornou mais difícil a mudança daquela situação de perdas em diferentes nuances, mas eu insistia em sobreviver. Tomei medidas emergenciais para enfrentar as dificuldades cotidianas. Mesmo assim, quando eu menos esperava, minha vida mudou. Fiquei quase sozinha. Meus sonhos foram forçosamente adulterados. Sentia-me em um processo de solidão coletiva. Ela chegou aos poucos. Veio com ares de liberdade exacerbada e tomou de empréstimo a voz regada ao vinho seco há muito guardado em um dos incômodos da minha casa e comprado na estabilidade a mim concedida pelo sistema de produção de trabalho no qual me encaixo quase que perfeitamente. Minha voz foi calada e ficou em completo isolamento. A experiência a que me vi forçada a cumprir levou-me a pensar no outro, imperativo ético adormecido em meus livros de filosofia acumulados na estante.

O algoz ocupou todos os espaços da minha mente e da folha de papel. Intimidou o desejo de exonerar cada superficialidade do imprevisível fato a revestir os meus dias. Agora que o pior passou e a morte afastou-se temporariamente de meu eu-sujeito, arrisco-me a afirmar que é chegado o tempo de dizer não a análises superficiais do outro, da página do texto e de considerar a subhumanidade a dominar o homem em tempos que parecem exigir profunda transformação ética, sociopolítica e científica. Em dias desafiadores como os que enfrentei, percebi a importância de haver mais autenticidade nas relações humanas e no modo como se configura a ideia de Deus. Importa não só a ideia, mas a decisão de como direcionar a fé sem amarras a qualquer tipo de religiosidade mal assimilada. Vejo-me como um sujeito pensante cuja alma está profundamente imbricada com minha materialidade e isso implica assumir a existência de Deus em meu processo de construção mental e material. Confesso que a situação deveras complexa com que me deparei à época da pandemia do coronavírus levou-me a pensar que recorremos a Deus ora como antídoto a todo mal ora para desencargo de consciência quanto à autorresponsabilidade de contribuir para aniquilar o inimigo comum.

Ao pensar na pandemia do coronavírus como subprojeto das ações humanas, fui escrevendo meu diário, e nele discorria a respeito da importância de Deus em nossas vidas e da minha fé Nele para superar toda a complexidade daquela situação que afetou o mundo inteiro. Em meio ao caos instalado no

planeta, tive a certeza inabalável de que apenas Ele para me ajudar a superar os males trazidos pela Covid-19. Convenci-me de que a adequação do coletivo a uma nova era e o respeito pelo próximo são premissas essenciais ao estabelecimento de uma ordem mundial avessa ao materialismo exagerado. Acredito que seja este o momento de pensar em um Deus propulsor da paz mundial e alicerce da reorganização das sociedades atuais. Deus auxiliou-me a operacionalizar um mundo novo, diferente deste no qual vivi até antes da pandemia responsável por prejuízos materiais e pela perda de tantas vidas. Sei que meu diário será lido também por ateus e deixo aqui registrado meu profundo respeito pelo direito deles em manter a não-crença em uma Força Maior a guiar o universo nesse espaço de tempo tão imediatista que me cerca. Não quero convencer meu leitor a assumir posicionamento semelhante ao meu. Quero apenas deixar registrada aqui minha certeza da existência de Deus e minha fé em Sua palavra consoladora.

Durante minha solidão coletiva, fiz o exercício de *estar junto* ao outro nas folhas de meu diário. Esse *estar junto* permitiu-me reforçar minha fé em um Deus que sempre esteve comigo, mesmo quando eu não percebia e praticava a recusa Dele em espaços variados de meu próprio ser. Ao compreender a existência Dele, modifiquei minha rotina de vida. Comecei a pensar no outro como uma extensão de mim mesma e faço orações nunca aprendidas em uma infância fechada em questionamentos científicos, os quais meu pai fazia questão de reforçar. Eu nada dizia, pois o lugar de fala dele não garantia a prevalência da verdade. A pandemia do coronavírus foi minha oportunidade de rever conceitos e o reconhecimento do outro permitiu-me salutar estranhamento. Renunciei a um poder ao qual nunca pretendi ter. A Verdade a que muitos querem chegar e compreender suscitaram os registros em meu diário. Agora que a pandemia foi extinta, novas vozes serão escritas e sou apenas mais uma entre as muitas a buscar o tom exato da palavra solidão.

rosaluizari.wixsite.com/meusite

Rosalina Lopes Pires Fialho

Rio Claro/SP

Sociedade Frívola

Espelho, espelho meu para que tanta futilidade?
Estamos atados aos valores frívolos da sociedade.
Perdemos os reais valores e nossa essência,
Ao tentar nos adequar ao mundo de aparências.

Subjugados pelas diferenças étnicas, crenças e classe social,
Somos desqualificados se não fizemos uma viagem internacional.
Nas rodas de conversas os temas são grifes famosas,
Sobressai toda vaidade das inúmeras viagens fabulosas.

Trabalhando arduamente para o conforto material,
Nesse formigueiro frenético arruinando nosso emocional.
Somos convencidos que temos que adquirir o inacessível,
Ficando frustrados se ao fim do ciclo isso não foi possível.

Somos impelidos de demonstrar quem somos realmente,
Ficamos atrelados aos padrões da sociedade vigente.
Deixamos de seguir nossa linda e sonhada vocação,
Para vivermos o enfado das tarefas rentáveis de uma nova função.

Esquecemos que os mais valiosos bens nos são gratuitos,
E que nossas maiores alegrias são eventos fortuitos.
Sejamos autênticos em nossos relacionamentos,
Nas amizades, trabalho, família e no casamento.

De nada adianta chafurdar-se em perfumes Chanel,
Quando a essência da alma é mais amarga que féu.
De nada adianta ter títulos de bacharel e doutor,
Se não for gentil com o porteiro e com o zelador.

@fialhorosalina

Rosangela Maluf

Belo Horizonte/MG

A – Quero Falar de Fernando

Olho para o teto branco e imagino palavras rodando em círculos. Não digo nada. Permaneço em silêncio. Silêncio absoluto. Não me deixo levar pelas ondas de letrinhas que insistem em me incomodar. Estou só nesse imenso quarto branco. Não sei o que pensar. Só sei que penso muito, mas nada falo. Nem uma palavra. Quero chamar Fernando, mas ele não está. Quero gritar seu nome, mas ele não me ouvirá, certamente não.

Estou mal. Em alguns dias amanheço bem, no outro dia, nem tanto! Ouço fados o dia inteiro. Quanto mais tristes, mais choro e mais chamo por ele! Fernando. Foi em Lisboa que tudo começou. Um caso de nada, para passar o tempo. Um português, residente no Brasil, matando saudades de sua terra e uma brasileira, de origem portuguesa, visitando pela primeira vez, o país de seus avós. Fernando, onde está você?

O certo é que ele se foi. E desde então, não tem dado mais notícias. Apenas disse-me que não podia mais viver longe do seu país. Tudo lhe fazia falta: em Lisboa viviam a mãe já idosa, a única irmã, o cunhado, dois sobrinhos que lhe eram muito queridos e uma madrinha, que vivia em Ponte de Lima. Quanto ao trabalho, não foi difícil conseguir uma transferência pelo Banco Milennium BCP, o maior banco privado português, onde ele trabalhava já por alguns anos, não muito longe daqui, no Itaim Bibi.

Enquanto ouço mais uma vez, um dos meus fados preferidos, sinto raiva por ter esperado dele o que, em momento algum, parecia que me seria dado. De nada adiantou ter passado mais de uma semana inteira, na mesma cidade, saindo todos os dias juntos – passeios, confeitarias, centros de compra, jantares à luz de vela & fados - e o que foi que restou? Nada.

— Você sabe por que os doces portugueses são feitos à base de gema" d'ovos", ele pergunta rindo.

— Claro que sei, respondo com sotaque português. Os padres e freiras precisavam usar roupas bem passadas e então, usavam as claras "d'ovos" para engomá-las. Ah, e os nobres também, imagine todas aquelas golas plissadas, os punhos rendados. Usavam as claras e as gemas sobravam. Alguém teve então, a genial ideia de aproveitá-las nos doces. Não é que deu certo, ó pá?

Ele me apertou num abraço gostoso e rimos, os dois! Riso bobo, de casal enamorado. Ele me olhando bem de pertinho, beijou meus olhos.

— Adoro teus olhos de ameixa em calda, diz.

Não era a primeira vez que ele falava assim. Contou-me que sua mãe assim dizia ao tentar explicar "os olhos de uma rapariga que não se decidiam entre o castanho e o verde".

Continuamos na "cola" para fazermos nossos pedidos. A confeitaria estava cheia. Muitos japoneses tirando fotos, dos azulejos, do mobiliário, dos lustres – tudo muito lindo e muito rico. Turistas africanos com roupas típicas, coloridas, muito barulho de vozes e um fado, ao fundo, tentando, desesperadamente, se fazer ouvir. Escutamos brasileiros falando muito alto e logo quisemos distância daquele grupo. Outros turistas muito louros, muito brancos, falando uma língua estranha. Escandinavos?
A Confeitaria Nacional, a mais antiga de Lisboa, fundada em 1829 é muito conhecida no mundo todo. Ponto obrigatório para quem visita a capital portuguesa e deseja deliciar-se com as maravilhas da confeitaria lusitana: os pastéis de Belém/ pastéis de nata, as queijadinhas, lencinhos, bolos e toda a infinidade de delícias, maravilhosamente expostas nas vitrines bem iluminadas e convidativas.
Cada um escolheu seu pequeno almoço (assim os portugueses falam "o café da manhã"): uma fatia do famoso Bolo Rei, uma xícara de café com leite, bem grande e subimos ao piso superior, no Salão de chá. Ali, com menos vozes e menos ruído pudemos ouvir Ana Moura, cantando "Ninharia", uma música que eu adorava e que, quando ouvia, virava "chiclete" – eu cantarolava sem parar.

Foi nessa noite maldita/ Que abri a porta à desdita/ De que só eu sou culpada/ Precipitada, incontida/ Expulsei-te da minha vida/ Por uma coisa de nada.

Depois do Bolo, inúmeros beijos doces para finalizar o café da manhã.
A nossa programação era intensa. Como aproveitar o máximo do Centro Histórico? A Baixa, o Chiado, Alfama, Castelo, Mouraria e o Alto. Esperávamos que houvesse tempo para tudo o que fora por nós programado. Da Praça da Figueira, onde estávamos fomos a Restauradores e pegamos o funicular da Glória até o Miradouro São Pedro de Alcântara. Uma vista linda da cidade, construções belíssima, arquitetura bem típica e o encanto dos telhados vermelhos. De lá víamos o Castelo de São Jorge, outro ponto do nosso roteiro. Muitas, muitas fotos: nos olhando, nos abraçando, nos beijando, apenas rindo; muitas risadas.
— E esses olhos?
— Já sei, respondi, de ameixa em calda. Mais abraços e mais risos.
Andar pelo Centro de Lisboa é sempre uma experiência única. Descemos então até a Praça Luis de Camões e bem pertinho dali tiramos fotos com Fernando Pessoa, estátua conhecidíssima e famosíssima do maior poeta português. Eu já sabia que todo brasileiro, em Lisboa, precisa tirar uma foto junto à estátua de Pessoa e comigo não seria diferente! Lá fomos nós para mais uma sessão de beijos, risos e fotos.

Cansados e com fome, olhamos o relógio: três horas da tarde. O dia estava claro, céu muito azul, temperatura agradável e um ventinho fresco e constante. Fernando escolheu um restaurante bem antigo, conhecido por seu bacalhau maravilhoso (como o são quase todos, em Portugal) e pensando no almoço que esperava por nós, fomos ao João do Grão.

Eu não entendo nada de vinhos; ou gosto ou não gosto. Iindependente do país de origem, do tipo da uva, do preço da garrafa. Apenas aprovo os que me

agradam ao paladar, mas gostei muito do Follies Touriga. Tomamos duas garrafas e voltamos alegres demais para o hotel. O Bacalhau com Natas estava maravilhoso. Teríamos um tempo pra descansar, dormir um pouco, antes de sairmos para o show de fados. Fizemos amor. Repetimos. Dormimos pouco e descansamos quase nada.

Ainda que estivéssemos hospedados no mesmo hotel, optamos por continuarmos cada um em seu próprio quarto, mas com direito à fugidinhas. No apartamento 601, eu com minha eterna mania de arrumação e ele, no 902, com sua velha e estimada bagunça geral. Assim, tomei um banho demorado, escolhi o único vestido que havia colocado na mala, o único sapato de salto, a única bolsinha de festa – tudo já havia sido usado uma vez, em outro show de fados.

— Pareces uma rainha, ô pá! Ele disse ao ver-me descendo a escadaria.

— E tu me pareces um rei, digo. Risos, abraço apertado e demorado, beijos.

— Que perfume é esse que "estou a sentir"!

— Segredo, respondi. Gostou? Muito ou pouco?

— Sim, muito. E esses olhos? Tão bem maquiados que parecem de uma atriz de cinema.

Risos, mais abraços.

E, mais uma noite memorável, mais um show de fados. Maquiagem borrada de tantas lágrimas. Como o fado me comove! Ao Fernando também. Ele se emociona, mas não tanto; apenas suspiros, nada de choro! Foi assim quando estivemos antes, na Casa de Fados Faia, porém o show dessa noite, na antiga e tradicional Severa, nos arrebatou e fomos tomados por intensa emoção.

A Casa de Fados "A Severa" é uma das mais tradicionais casas de fados de Lisboa. Existe desde 1955 e até hoje pertence à mesma família. A comida deliciosa, bons vinhos, os fados mais tocantes e um ambiente acolhedor e agradável. Diante dos murais, feitos com os tradicionais azulejos azuis e brancos, mais fotos, mais beijos, muitos olhares de ternura e sorrisos, muitos! Conversas românticas, gostosas, cochichos "ao pé d'ouvido", algumas safadezas dissimuladas. Mais risos, mais beijos. Olhares e sussurros.

E a fadista canta o meu fado preferido que me leva às lágrimas.

...E logo rompi os laços/ Atirei-te p'rós seus braços /Só por essa ninharia/ O que fiz não tem remédio/ Tudo é solidão e tédio/ Não mereço ser feliz.

Poderia descrever todos os nossos dias em Portugal. E foram muitos dias. Dias intensos. Inesquecíveis. Passamos o tempo todo juntos. Muitas afinidades, mesmo gosto, os dois bem-humorados, felizes, sem nenhuma preocupação com o de futuro ou depois de nossa chegada ao Brasil. Estávamos, os dois, agradecidos pela oportunidade de sermos tão felizes, um ao lado do outro. Só isso.

Muitos museus, inclusive o dos Azulejos que sempre quis conhecer. Os bairros famosos e muito conhecidos. O charme de andar de bondes, passear pela Praça do Comércio, fotografar o Arco da Rua Augusta. Visitar as lojinhas de lembranças e conversar com as atendentes portuguesas, todas loucas pra conhecer o Rio. O Mosteiro dos Jerônimos, a Torre de Belém, a pastelaria de Belém (imperdível); as dezenas de monumentos espalhados pela cidade, as docerias menos famosas, mas não menos deliciosas. E mesmo sem apreciar o moderno, fomos ao MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, um projeto arrojado, audacioso, com *design* moderno, inaugurado em 2016. Era

também a primeira vez para o Fernando. Poucas fotos, muitos abraços, muitos beijos. Adorava o sotaque português e não perdia uma oportunidade de conversar com os nativos, sempre gentis com os "brazucas". Foi um garçom do restaurante Gambrinus quem nos sugeriu dar um pulo até Sintra. Lá passamos um dia inteiro e foi mais um passeio maravilhoso.

Sintra fica apenas a 25 km de Lisboa. Bem próximo da capital e com tantos lugares para se conhecer, passa-se lá o dia inteiro retornando no finalzinho da tarde. O Castelo dos Mouros, os palácios da Pena, de Monserrate, da Regaleira, todos muito bonitos, bem cuidados, interessantes. No centro de Sintra compramos lembrancinhas aos montes, ele com uma lista e eu, de memória. Por lá mesmo almoçamos e pela primeira vez em tantos dias resolvemos mergulhar um pouco mais em nossa intimidade. Até então o que nos importava eram aqueles momentos vividos, sem perguntas, sem questionamentos, como se não houvesse amanhã. Era delicioso, forte, intenso e isso nos bastava.

Sim, nós dois tínhamos alguém. Não estávamos apaixonados por esse alguém e, coincidentemente, essa viagem seria para dar um tempo. Ele com a namorada de três anos e eu com um namoro que ia e voltava, já há mais de um ano. A conversa foi longa, durou o almoço inteiro, a sobremesa e o café. Só falamos disso. Ele pediu a conta, me olhou e disse: - Quero você!

Voltamos calados. Abraçados sem falar nada, nem ele nem eu. Teríamos ainda três dias e três noites em Lisboa. A cada dia programávamos, juntos, o nosso dia seguinte. E assim continuamos até o final da viagem. Sentíamo-nos muito felizes em companhia um do outro. Estávamos alegres por dividir momentos tão ricos e preciosos. Satisfeitos com a cama tão quente, tão boa e tão animada. Íamos registrando em fotos nossos momentos, celebrando com abraços e beijos o nosso encontro tão especial e desejando que a volta ao Brasil não acontecesse tão cedo.

Entretanto, foi preciso voltar. Conosco trouxemos as melhores recordações de uma viagem dos sonhos. De volta à rotina, nós dois colocamos um ponto final em nossos relacionamentos anteriores. Terminamos nossos compromissos e iniciamos novos meses de descobertas. O dia a dia, cada um em seu trabalho, o mundo profissional, não compartilhado. Nos finais de semana grudados, com muitas atividades, um fds em sua casa e outro, na minha. Tudo normal. Tranquilo, sossegado. Extremamente prazeroso. Uma afinidade de almas, eu diria!

Oito meses depois, numa noite de sexta feira, ele chegou meio estranho. Muito sério, com a expressão que em nada me lembrava o melhor companheiro- de – viagem- da- minha- vida! Resumiu rapidamente o tempo feliz que passamos juntos, falou da leveza da nossa relação, das nossas incontáveis afinidades, do amor que ele sentia por mim e como lhe fazia bem mergulhar em meus olhos de ameixa em calda. Eu ri, nos beijamos e por longo tempo estivemos, os dois, aninhados em um abraço apertado.

Imaginei que alguma coisa iria acontecer e não seria coisa boa. A gente sente, pressente. Ele então respirou fundo. Falou da mãe, da irmã, dos sobrinhos, da cunhada, da madrinha que tanto amava e me contou da possibilidade de transferir-se para Lisboa e voltar pra Portugal. Não me assustei. Não chorei. Achei natural que ele sentisse desejos de voltar às suas origens. Lá no fundo, eu gostaria que ele ficasse, junto a mim,

pelo resto da minha vida. Mas, achei também que certamente seria melhor pra ele. A maturidade me havia trazido equilíbrio e desapego.

Tivemos ainda oito meses juntos. Felizes, transbordantes de amor. Continuo trabalhando no mesmo escritório de arquitetura. Vivo um dia de cada vez, entre o encantamento e a decepção. Entre as lembranças e o esquecimento. Continuo esperando que algo de bom nos aconteça, mas não vou tomar nenhuma iniciativa. Vou esperar por mais algum tempo. Vou continuar calma, tranquila, fazendo minha dança circular, tocando flauta doce, respirando profundamente sempre que me sentir mal. Continuar fazendo meditação, tomando meu vinho tinto à noite enquanto leio, antes de dormir.

Continuo ouvindo fados, cantando baixinho e me lembrando dele:

> *Porque não fui eu capaz / De logo voltar atrás / E desfazer o que fiz? /Agora, quando te vejo/ Suspiro pelo teu beijo /Mas nem pergunto aonde vais/ Chamo baixinho o teu nome/ Na culpa que* me consome/ Mas sei que é tarde demais.

Guardadas no celular estão dezenas de fotos, arquivadas para que nunca sejam deletadas. É a esses arquivos que recorro pra matar a saudade que, às vezes, me dói mais do que deveria. Seria mesmo amor? Não saberia dizer como me sinto com o seu total silêncio. Desde que se foi não mais nos falamos. Seria mesmo amor? Raramente uma mensagem. Pouco sei da sua nova vida em terras lusitanas. Nada de fotos, nada de nada. Procuro entendê-lo, mas acho difícil. Entretanto procuro não sofrer por isso. Lamento e me entristeço, mas logo passa. O tempo é senhor da razão, vou esperar. Vou deixar acontecer. O que tiver que ser, será. Se tiver escrito...

E assim tem sido...

Rosangela Mariano

São Leopoldo/RS

Sobre ser pedra

(Homenagem ao poeta Carlos Drummond de Andrade)

Deixei de ser mineral,
pedra e ágata,
transcendi minha alma.
E, de pedra bruta,
lapidei arestas,
defeitos, vícios e violência.
Na jornada do espírito,
elevei-me em vibrações
e luz...
Da pedra ao arcanjo.
Do cascalho ao anjo.
Do pedregulho ao sol.
Do mármore frio ao coração-amor!

Blog: http://lunaraescritora.blogspot.com

Rosimeire Leal da Motta Piredda
Vila Velha/ES

Poesias do cair da tarde

(Meu pai partiu desta vida no fim da tarde e nunca mais o encontrei ao amanhecer.)

Escrevo porque minha voz calou-se no peito.
Traço estas linhas com lágrimas.
O meu olhar, vermelho de chorar,
expressa o vazio.
São rabiscos,
tentativas de explicar a dor da saudade.
Persigo os rastros dos meus entes queridos,
seguindo suas pegadas deixadas em minha memória.
São letras borradas pela tristeza.
O passado, carcereiro cruel,
trancou a porta do tempo.
Meu semblante: versos jamais escritos,
espelho nítido do meu coração!
São poesias do cair da tarde:
à noite, vestida de luto,
declarando o fim da existência,
que escorrem dos meus olhos.
Fragrância de partida,
chuva fininha ao entardecer,
que, gota a gota,
umedecem esta folha de papel.

Esta poesia faz parte do livro:
• Livro "O Cair da Tarde" Editora CBJE - Rio de Janeiro - Brasil - Julho/ 2012

Sandra Modesto

Ituiutaba/MG

Pareceres

Tento ser disciplina
Mergulho entre uma velha e uma menina
Perco-me em meio a tantos desafios
Um tempo, por favor, um tempo.
Deixa-me espichar minhas pernas abertas e fechar meus braços.
Romper laços e desafetos
Beber um café. Um porre de café. Fazer promessas vãs.
Sutis deslizes, momentos febris beirando êxtases.
Entardeço eu no atropelo sem fim.
Uma música nostálgica, uns refrãos acalantos.
Coragem. Coragem. Muita preguiça de tanto ouvir coragem.
Anoitece. E quando o céu me escurece me esvaio. Não sei.
A exatidão do sono interrompendo meu dia eu perdida me virando frente ao espelho depois do banho, acaricio meu colo e vou descendo hora adentra.
Só um cheiro me consola, a terra é minha. Perfume de chuva respira de mais uma manhã.
Respingo dos cafés tragados e sujo a mesa. Lugar onde sozinha eu esmaeço.
Janelas abertas oxigênio no cérebro. Ligo o computador tento alguns versos umas rimas qualquer história. Fujo do noticiário. Boletos vencendo dinheiro sumindo, imagino uma atriz encenando o último ato. Fecho as cortinas. Invento um público. Mesmo sem aplausos, eu sigo.
Enterneço, falo mal, excomungo. Tá estranho. Mar de lamas. Muita gente morrendo. Mulheres sempre indo embora.
"Parece que meus olhos cortam cebolas".
Sujeira espalhada, fumaças, fogo, fome, fezes, arranhões.
Tento mais um verso. Já é tarde.
Amanhã eu amanheço.

https://www.facebook.com/sandraluciamodesto.modesto

Fotografia de José Borges
Parque Eduardo VII
Praça Marquês de Pombal
Lisboa – Portugal
(2019)

Sigridi Borges
São Paulo/SP

Reencontro

Ainda menino
deixou sua pátria
embarcou num formoso navio
navegou pelo Atlântico
chegou ao Brasil.

Viveu mil histórias
guardou tudo na memória
lutou com bravura
obteve vitória.

Mas após sessenta anos
a saudade bateu.

Levantou voo
planou com imensa alegria
pois saudade sentia
daquela terra que, um dia,
foi seu lar.

Retornou à terra natal
não se conteve
voltou a Portugal.

O reencontro aconteceu.

Em homenagem ao meu pai que, depois de sessenta anos esperando para voltar a Portugal, retornou e reencontrou-se com a terra que, um dia, deixou para trás.

Sonia Oliveira

Mulher

Fique atenta mulher
Hoje é você quem quer
Histórias boas contarei
Sente e fique à vontade.

Eu só digo a verdade
Será é sobre o meu rei
Sou mulher corajosa
Posso ser até famosa.

Mas, não estou afim
Tenho resistência
E também resiliência
Creio que será assim

No meu ser brota a força
Pode ser que eu disfarce
Sou isso que parece
Alegoria com alegria

Quanta violência
Haja paciência
Algema é tortura

Eu assim resisto, persisto,encerro...

Tauã Lima Verdan Rangel
Mimoso do Sul/ES

Fauno Solar

Os olhos são ofuscados pelos raios ardentes
Queima a pele intensamente, turva as mentes
Numa sensação psicodélica de uma miragem
Desfaz-se ao sabor do vento como mensagem

Sob o cume estéril e seco, há um fauno solar
Mítica criatura caprina iridescente a caminhar
Com seus cornos curvos a ostentar numa luz
Tal como o cobre fulgente, avejão que reluz

Os olhos rubros em um intenso feixe luminoso
Vibrante revelação, raio forte e muito formoso
Fauno indômito, espírito montanhoso liberto

Flamejante figura mitológica de feição surreal
Curioso, mira o firmamento curvo e universal
Com seu espírito, está a admirar o céu aberto

Teresa Azevedo
Campinas/SP

Dançava, hoje não mais

Houve um tempo que minha mente me via sempre dançando.
Eram diferentes coreografias que se modificavam
Dependendo do que eu estava fazendo, falando ou ouvindo…

Parecia viver em dois mundos, um real e participante do agora e
Outro que vivia em eterna audição rodopiando conclusões obscuras
Indeléveis sentimentos de que o acaso me era propício e inspirador.
Eu, a única plateia de meus devaneios ardia em loucura.

Plena da leveza dos pássaros,
Precisa como um relógio britânico,
Constante como o amor eterno,
Suave ou em choque de ritmos alternados.

Perderam-se as danças no tempo e quando percebi
Saí do palco e para ele não mais retornei.
Não sei se minhas pernas enrijeceram com os anos
Ou se a loucura impetuosa abandonou-me…

Sonho em voltar ao salão de baile ou ao palco da imaginação
Quem sabe não o faça em meu mundo real.
Talvez, ainda que não rodopie com a mesma avidez,
Mas ainda assim como bailarina do meu destino.

Fotomontagem

Vagner Pereira

Barra Mansa/RJ

Primeira Vez!?

A república veio abaixo, quando o calouro Fricássio Canela, vulgo Mineirão, declarou que estava louco pela primeira vez dele no Rio de Janeiro. Os republicanos sob o efeito do álcool não acreditaram naquele soneto ingênuo. Mineirão tinha 37 anos, o aluno mais velho do curso de Engenharia de Agrimensura. Tinha idade para ser pai de seus veteranos que começavam a descobrir a vida na faculdade. Então, disse pausadamente:

— Estou louco pela minha primeira vez no Rio.

Acreditaram.

Determinou-se que realizariam tal desejo. Criou-se um grupo de zap compartilhando o drama do moço de boa família, frequentador de missas e devoto de São Judas Tadeu. A intenção era arranjar uma jeitosa de alma caridosa.

O grupo bombou. Mineirão ganhou notoriedade no *campus*. Ficou constrangido a princípio, mas foi convencido que a exposição de sua figura seria benéfica. Também bolaram o esquema da vaquinha virtual para

financiar a empreitada amorosa em grande estilo na cidade maravilhosa. Em sete dias arrecadaram um salário-mínimo para a defloração do caipira.

Dentre as candidatas, escolheram a dedo o *top* dez, para um possível encontro casual. De cara excluíram três periguetes, pois não queriam que a minhoca fugisse do anzol. Quatro santinhas do pau oco que tinham históricos quilométricos em safadeza. Duas gatas CDFs que queriam um relacionamento sério. Por fim optaram pela surpresa da lista, a única docente entre as candidatas: Erondina Paschoal.

Erondina era Mestre em Direito Constitucional, uma das coordenadoras do Departamento de Direito, lecionando em várias turmas. Tinha um currículo acadêmico invejável e profissional altamente gabaritada.

Mas foram as palavras dela que chamaram sua atenção, parecia esses anúncios apelativos de perfis em *site* de pegação. Mineirão e companhia julgaram ter tirado a sorte grande. O anúncio dizia:

"Divorciada, livre, leve e solta, cinquentona enxuta com muita lenha para queimar, dois filhos maiores de idade que não se importavam com ela. E o principal; não quero compromisso, apenas diversão".

Mineirão estabeleceu contato, pegando-a de surpresa entre o intervalo das aulas dela. A conversa foi acompanhada pela galera, pelo viva voz, torcendo a cada lance como se estivesse num estádio de futebol. Torciam pela vitória de Mineirão, para aquele zero a zero incômodo deixasse de figurar o placar dele.

Erondina preferia ser chamada de Dina. Estremecia cada vez que a voz potente dele chegava ao seu ouvido. A conversa tornou-se picante, onde ambas ambições pareciam se completar. Acertaram o encontro para sábado no apartamento dela no Leblon.

No dia D, Mineirão tomou um banho de Cleópatra assim como as musas de Nélson Rodrigues. Depois para finalizar, caprichou na dupla camada com fragrâncias de camelô sobre a pele. Vestiu o melhor traje. Munindo-se de um buquê de rosas vermelhas que indica paixão. Nem parecia um ogro desajeitado tamanha a perfeição de sua aparência cavalheiresca.

Dina abriu a porta, ficando extasiada com sua vítima. Admirou cada pedaço daquele homenzarrão que seria somente seu. Logo recebeu o buquê, aspirou o aroma de luxúria. Abriram uma champagne, brindando aquele momento especial. Cruzaram seus olhares de amantes, ela jogou a taça de lado. Partiu para cima dele sem medo de ser feliz. Entregaram-se aos beijos e as carícias que prometiam abalar os pilares do edifício.

Por um instante, pensou, estar sendo lograda. Afinal de contas, um virgem tremeria nas bases, cometeria erros inocentes devido ao afobamento, e, por fim se deixaria ser conduzido por uma professora nas artes do amor. Desvencilhou-se dele, dando-lhe um tapa na cara. Com o dedo em riste, a baixinha exigiu a verdade.

— Essa é a minha primeira vez no Rio — defendeu-se ele.

Convencida, entregou-se de corpo e alma, entrelaçando os desejos. Desejou

jamais ser esquecida por ele. Foi uma noite muito louca, aquela brincadeira de adultos a dois.

Na manhã seguinte, como recompensa, preparou uma bandeja de café especial, que seria levado na cama para o ex-donzelo. Ainda na cozinha, iludiu-se como nunca antes havia feito com outros amantes, pois estava sacudida de certeza diante a boa impressão causada por Mineirão. Cogitou, intimamente, a possibilidade de querer encontrá-lo de novo. Julgou ter encontrado uma joia rara, em estado bruto, que em suas mãos seria lapidada ao seu bel prazer.

Na cama, entre uma fatia com geleia de pêssego, biscoitinhos amanteigados, gemada cremosa e beijos. Ela indagou ao amante:

— Você foi maravilhoso!

— Eu!? Maravilhosa foi você.

— Não seja tão modesto. Nunca pensei que me divertiria tanto com um virgem.

Mineirão gargalhou.

— Qual é o motivo da risada?

— Você achou que eu era virgem?

— Sim.

— Sério!?

— Você disse que era.

— Desculpas, mas nunca disse que era.

— Como não? — gritou ela, furiosa.

— Deixei de ser desde 14 anos, com a prima Shirley atrás da igreja, na festa de São João. Achei que estava bem claro para você e os outros, que gostaria de fazer sexo no Rio pela primeira vez.

Valéria Barbosa
Anil – Rio de Janeiro/RJ

Dia de Festa

Jogou as tranças. Uma, depois a outra...
Que virou uma escada a deslizar do firmamento
pra Ibeijada vir do orum pro ayê, na alegria do brincar de vento.

Balançar em nuvem fofa qual travesseiro de algodão.
Descer do céu devagarinho até tocar os pés no chão.

E numa grama verdinha cheia de flores coloridas pousar
ser mais uma Margarida, Jasmim, Rosa ou Cravo.
É o axé da criançada a enfeitar todo lago.

Depois na grama verdinha conversar com joaninha,
grilo, minhoca e abelha e se lambuzar no manjar.
Dar um pedaço de bolo, de cocada ou de uma pera,
para um menino lá de longe que olha a brincadeira.

Chamem mais um menino!
Venha brincar com Ibejada!
Corre pra cá, de risadas, limpe a boca melada.

Olhem adiante o mar, vamos correr na areia?
Molhar os nossos pés, provar a água com Sal?
Jogue as tranças Mariazinha, temos que retornar.
Vó Câmbinda está chamando, Pai Miguel vem nos buscar!
Deixem tudo arrumadinho!
Tchau! Dona Iemanjá.

Valéria Vanda Xavier
Campina Grande/PB

Fatalidade

Era fevereiro, mais ou menos duas horas da tarde. O sol a pino brilhava no céu e o calor era insuportável. Precisando respirar um pouco, o porteiro do prédio desceu de sua guarita e ficou olhando a rua que se estendia muito longa como um tapete fervilhando ao sol. Neste momento, ele reparara em duas mocinhas que caminhavam a passos lentos e assustadas. Seus trajes eram simples e a maneira como andavam, olhando para os lados e para cima, admirando os arranha-céus, denunciavam que não eram meninas acostumadas à cidade grande.

O porteiro tinha razão.

Fazia pouco tempo que Ana e Julia moravam naquela cidade. Haviam chegado do interior no começo do ano. O porteiro não sabia, mas naquela tarde, ela foram incumbidas pela mãe de procurar escola para si e para todos os outros irmãos. Família grande, dona Olívia não tinha tempo para este tipo de atividade. Como elas já eram mocinhas, a mãe as incumbiu desta tarefa.

O calor continuava intenso. Elas já haviam andado por todo o bairro e não haviam encontrado nenhuma escola até aquele momento.

Do seu posto de observação, o porteiro percebia que elas se sentiam inseguras pois caminhavam lentas e apreensivas como se tudo aquilo que viam fosse realmente novo para elas.

Estavam naquele ponto quando perceberam um enorme pátio cheio de árvores que naquele dia quente e abafado nem balançavam suas enormes folhagens. Viram alguns brinquedos como escorrego, carrossel, balanços de madeira e outras coisas mais que caracterizam uma escola o que as alegrou enormemente, pois já estavam bastante cansadas. Imediatamente os seus rostos antes apreensivos tornaram-se mais animados. Finalmente, parecia que alcançariam seu objetivo.

O homem do prédio, de seu observatório, percebeu que elas tentaram abrir o portão já bastante velho e um pouco enferrujado. Não conseguiram seu intento. Bateram palmas, chamaram, gritaram, mas não foram ouvidas, uma vez que a enorme casa que para elas seria uma escola, ficava bem ao fundo do pátio. Tentaram abrir o portão outra vez. Não conseguiram. Após algum esforço, na terceira tentativa, as correntes enferrujadas cederam sob suas mãos e elas finalmente conseguiram entrar.

Logo que entraram a apreensão tomou conta de Ana, a mais velha das irmãs, pois percebera movimento de pessoas ao fundo. Não tiveram coragem de se aproximar de imediato. — *Fica quieta Júlia*—, pediu Ana. Ao fazer um reconhecimento superficial do local, perceberam movimentos estranhos das pessoas que se encontravam no parque.

De longe não conseguiram definir se eram crianças, adultos ou jovens. Mas notaram que não apresentavam muito equilíbrio no andar.

Quanto mais elas iam se aproximando para tomar informações mais percebiam as atitudes estranhas das pessoas que se encontravam no parque. Aquilo começou a preocupar Ana. Pegou na mão de Júlia e começaram a caminhar mais para perto.

Neste momento, um dos jovens que tinha um rosto esquisito e um defeito nos pés e nas mãos, começou a se aproximar das duas. Ana não sabia que aquele era um hospital para esquizofrênicos, mas percebeu um pouco tarde que corriam perigo. Agarrou a mão de Júlia com força e deu-lhe a ordem com olhos apavorados — *vamos correr, Júlia —,* deram meia volta e saíram as duas em disparada fazendo o caminho de volta para a saída do pátio com muitos dos jovens da "escola" atrás delas. Júlia não compreendia o desespero de Ana, mas a obedeceu e corria desabaladamente.

O portão ainda estava distante.

O desespero tomou conta delas naquele momento de agonia e pavor. Olhavam para o prédio à frente em busca de socorro, mas o porteiro não se encontrava no seu posto. Era hora de almoço.

Mãos nervosas tentavam retirar a corrente do portão bastante velho e enferrujado. Olharam para trás e viram que seria tarde demais. O desespero tomara conta das irmãs naquele momento.

Horas depois, de volta de seu almoço, refestelado em sua cadeira pronto para fazer uma sesta, o porteiro no seu posto toma um susto com a cena que assiste do seu posto de observação. Não acredita no que seus olhos veem. Um misto de indignação e tristeza toma conta de seu ser. Ele entendeu tudo. No entanto, nada mais poderia ser feito nem por ele nem por ninguém. Era tarde demais.

Naquele triste começo de uma tarde quente e sufocante, seus olhos foram as únicas testemunhas daquele ato insano. Daquela tamanha atrocidade.

As meninas jaziam. Ensanguentadas na entrada do portão.

Facebook – https://www.facebook.com/valeriaxavier.leia.75
Instagran: https://www.instagram.com/valeriaxavier_autora/?hl=pt-br

Valquiria Imperiano

Genebra,Suíça

O brilho da Ilusão

Cadê a natureza? Massacrada pelos arranha céus. Que pena! Destruída por construções malfeitas, sem alamedas, sem coqueiros que balançam ao vento, sem árvores frutíferas nas ruas fornecendo frutas para as crianças comerem enquanto brincavam de esconde-esconde.

Uma natureza respeitada pelas construções, dos tempos em as casas eram desgradeadas, erguidas em ruas tranquilas, onde a família podia sentar-se no jardim e jogar conversa fora, onde crianças podiam brincar de pega, de pular corda e de circo. A natureza permitia a liberdade, era selvagem, mas não nos amedrontávamos ao passar numa rua deserta e as crianças ousavam ir à escola a pé para "comer" o dinheiro do ônibus sem causar preocupação aos pais. Uma natureza bruta, com praias selvagens que só podiam ser alcançadas a pé porque o carro atolava na areia.

As cidades eram tão escuras que, à noite, podíamos ver as estrelas e a lua cheia banhava a nossa pele com a cor prata.

Tudo mudou, hoje João Pessoa tem um monte de prédios que enclausuram gente, onde as estrelas foram apagadas pelas luzes que o povo aprecia e acha normal. Esqueceram que essa mesma natureza nos dava liberdade, e como era bom essa liberdade! Apreciar prédios e chamar isso de crescimento, isso é um engodo alimentado pelos fazedores do mecanismo econômico e o resultado são prédios que isolam gente; são casas que aprisionam pessoas; são ruas e mais ruas iluminadas pela eletricidade e nas quais não podemos nem passear para não ser assaltado. Sob o brilho falso da falsidade do brilho artificial as pessoas deixam-se iludir, como crianças são iludidas por um pirulito de um mal-intencionado, o pirulito acaba e resta apenas um palito sem açúcar.

Homens são facilmente iludidos por tudo que brilha, em tudo e por tudo. Posso até discursar mais sobre o brilho da ilusão, mas paro por aqui, sem apagar as luzes da esperança, mas com uma pequena frase: apague a luz e não se deixe iludir pelo falso brilho, procure enxergar no escuro, essa verdade será muito mais verdadeira. A pureza não tem o brilho de uma lâmpada, mas o brilho de uma estrela, por enquanto ela está afogada no artifício, mas uma estrela é mais poderosa e, com certeza, ela vai desafogar e sobrepor-se às luzes fabricadas pelo homem.

Vanderlei Kroin

Cascavel/PR

Busca no espelho

Buscamos descobrir no brilhante espelho
sempre alguma coisa diferente em nós
e acabamos por descobrir sempre algo diferente de nós
e nos vemos sempre outro
outro igual ou outro diferente
mas sempre na nossa frente, encarando-nos
indecentemente, maliciosamente.

E não há como fugir
cada gesto do outro é um gesto antes nosso
quebrar o espelho não é viável
porque o outro não é atingido
foge da desgraça se por acaso nos cortamos
e está aparentemente muito mais alegre
quando felizes estamos
com um sorriso que reflete mais
que o nosso.

E precisamos desse outro.
Não adianta trocar o espelho...
o outro é sempre presente
e um presente indesejado muitas vezes
mas é esse outro que buscamos
sempre no espelho
buscamos as luzes
e descobrimos as imperfeições
e o outro nos diz, maquiado
que podemos sair ao mundo livres
nos cobrir com um gesto
e com um velho pano deixar a prisão
do espelho.

Vitor Sergio de Almeida

Uberlândia/MG

Cantada de boteco

Cantada de boteco I – [no guardanapo]

Às vezes, penso no acaso,
Porém, me vem o ocaso
ou um
momento de...
imaginar e contemplar
a eterna (des)ventura
de conhecer...

Cantada de boteco II – [no contraverso do guardanapo]

Significativos e prazerosos versos. Parabéns! Mas,
O ocaso se torna realidade!
E qual realidade?
A de apenas, e tão somente, contemplar...
Pois, mesmo no boteco, há um pretendente.
Um brinde a...
Fidelidade insurgente!

https://www.facebook.com/vitor.s.almeida.33

Wagner Azevedo Pereira
Nova Iguaçu/RJ

Presença

Presente a tua pessoa encoraja
O dia nascer sem pedir licença
Para a flor que no jardim abraça
Sem nada dizer, nem o que pensa

Guardada na voz por meio, por parte
Invade o desejo pelo mais pleno vigor
Se sabe se ideia, se luz ou se é arte
Que inunda de brilho em pleno primor

E o amor? Ele sabe que pode, certeza
Desabrochar quando menos se espera
Também quem pode com a pura beleza?

Do profundo do âmago que adviera
Nem é segredo a plena vontade acesa
Que nasce no sonho e o caminho enumera

Instagram – @wagnerazevedop
Facebook: https://www.facebook.com/wagner.azevedopereira.3
Youtube Dicionarista Wagner Azevedo:
https://www.youtube.com/channel/UCMbvo_XnEpF2yAQvO7yAz0Q

Wellington Silva
Icó/CE

Negro

Sou pérola negra,
Sou a história,
Sou a memória,
Sou a vitória.

Em gritos,
Em prantos,
Na dor os encantos.

Sou negro,
Sou gente,
Vivente,
Emergente.

Passei muitos males,
Chorei muitos mares,
Cansei de sofrer,
E só quero viver.

Willian Fontana

Rio de Janeiro/RJ

Sapiofobia

Ao acordar ligo a televisão e percebo nos noticiários mais problemas criados pela inteligência humana. Pego uma panela e percebo que um pote de plástico está entalado dentro dela. Sem conseguir tirar e saber o que faço a deixo e volto as minhas atenções a televisão onde as notícias mostram hackers maliciosos que criaram um transtorno num site de compras, dizia. Noutra reportagem falava como a genialidade é cruel quando um homem armou uma série de arapucas para pegar sua mulher que estava o traindo escondido. O noticiário então enfatizava que muitos sociopatas, inclusive *serial killers*, eram muito inteligentes. Segundo consta na notícia era que o ser humano nasceu para a poligamia e que o terrível e horroroso ardil do homem por ciúmes acarretou a morte da mulher inocente. O ciúme associado a inteligência é uma tragédia!

As pessoas inteligentes eram como demônios! No ano passado fora alegado que um jovem hacker invadiu os servidores de uma instalação militar quase provocando um incidente nuclear com uma bomba de fusão atômica. A solução prevista para a grande questão da inteligência 'sem rédeas' era domestica-la mantendo-a num limite tolerável pois segundo estudos indicava que pessoas inteligentes eram as mais problemáticas e por vezes instáveis e assim imprevisíveis ao tentar criar conceitos que saíssem da segurança de suas rotinas e do cotidiano de trabalho, casa e lazer.

"Tudo que a humanidade precisa a civilização já possui", dizia o anúncio, os problemas servem ao progresso e tentar prognósticos que exacerbem o além rotina é um risco a humanidade, afinal as grandes revoluções humanas mataram horrores e o único revolucionário que não matou ninguém acabou morto, Jesus. Para que então revolucionar? O iluminismo, a reforma protestante e industrial, quanta tragédia o ser humano em sua ideia de sempre procurar arrebatar novos níveis de compreensão e liberdade.

Fora com essa mentalidade que fui para o trabalho para mais um dia do mesmo, trabalho, hora do sexo com alguma desconhecida (ou desconhecido), casa, dormir, comer e no dia seguinte a mesma coisa, novamente. Novamente.

Porém, não contava com um detalhe. Ao passar pela porta de saída de meu prédio onde moro topei com uma obra que sem perceber dei de cara com uma tábua a qual lasquei a cabeça. Aturdido pelo impacto fiquei tonto e minha visão se escureceu. O peão de obra me acudiu temendo algo mais grave, mas não parecia. Me recompus e segui em frente colocando a mão na nunca onde o implante 'domesticador de pensamentos' estava quando notei que parte dele quebrou.

Fiquei preocupado de ser tomado por uma intempérie de pensamentos

tempestuosamente criativos a ponto de ter alguma ideia que ferisse a rotina sagrada de nosso país. Mas ao invés disso estranhamente refleti de que a inteligência não seria tão má assim mesmo que os especialistas alertavam que um dos ardis sintomáticos disso seria justamente pensar desse modo. Fora nesse momento que tive uma ideia de como tirar o pote te plástico preso na panela. Colocando água que ao ser esquentada ferveria permitindo que a pressão do calor que sobe empurrasse o pote para fora, um preceito físico básico!

Passei por um carro com um pneu furado, o homem parado me fitou com a mão na cabeça após observar atentamente o vazio numa contemplação letárgica e me disse.

— Perdi as porcas do pneu, não tenho mais como ir para casa.

Parei diante do homem e seu dilema quando tive uma epifania que me levou a concluir a seguinte coisa.

— Pegue uma porca de cada roda e ponha no pneu que a perdeu.

O homem permaneceu paralisado por uns longos momentos até que finalmente compreendeu o insight e assentiu com a cabeça com um sorriso.

Segui a diante me questionando se aquela solução proposta por mim demonstrasse mesmo que a inteligência é um peso. Naquele momento dei início a uma série de raciocínios sobre o mundo que normalmente faziam parte da proibida arte da filosofia, uma arte de pensamento perdida que segundo a história oficial trouxe enormes problemas a humanidade. Todavia, eu precisava ser comedido pois assim que adentrasse ao trabalho o sensor de calibragem intelectual efetuaria a varredura afim de verificar que não tivesse quaisquer pensamentos originais e criativos que pusesse pôr em risco a ordem social vigente.

Mas o pensamento persistente não saia de minha mente sobre como todos pareciam drogados num vício de uma rotina irrefletida e condicionada a repetição sem sentido. A rotina eram doses entorpecentes de marasmo viciante. Parecia que alguns se incomodavam profundamente com o livre-arbítrio alheio mesmo que não estivessem cometendo crime algum, seja qual for o lado. Mas curiosamente os que querem controlar para resolver tais problemas poderiam ser os que justamente cometiam crimes, não crimes do pensamento, mas contra o pensamento.

Parecia assim que a idiotice e estupidez humana estava em seu ápice quando alguns alegavam resolver o problema justamente o provocando. Tirando exceções a inteligência livre nunca fora um problema! Mas sim para o paradoxo dos idiotas, onde a ignorância pode ser uma benção ao viver alienado por uma convicção falsa de que você luta por algo quando na verdade apenas faz parte do problema e da ilusão que te controla. A sensação é que é livre mesmo que seus desejos te dominem ardentemente como um cão na coleira de quem induz os seus desejos. Todos rodando em círculo.

Fora assim que tomado por estes devaneios percebi que mesmo as leis que determinava os crimes originalmente eram tudo aquilo o quanto atentava contra o direito livre de cada um. Por acaso a criatividade não seria uma forma de liberdade? Por acaso pensar diferente, encontrar novas ideias e reflexões poderiam renovar o mundo do marasmo da mesmice reconfortante que era o

cotidiano? Todos filmes seguiam padrões e fórmulas pré-estabelecidas de clichês que eram aprovados pela audiência ao combinarem elementos de filmes anteriores numa sucessão variavelmente igual de sequências de ação sem fim. As músicas eram retalhos de sonetos precursores como combinação de ritmos e sucessos anteriores do billboard. E todos estavam felizes com aquilo! Afinal tudo que era mostrado na mídia era a verdade e o certo.

Após tais pensamentos percebi que estava atrasado para o trabalho em 18 minutos, parado num restaurante! A ordem social exigia pontualidade e rigor em todos procedimentos rotineiros. Assim corri até o lugar quando o porteiro alarmando com o atraso me questionou inquirindo que aquilo poderia levar a sensações e pensamentos não corriqueiros.

— Fora apenas um incidente no meu prédio, mas estou bem! Deixe-me entrar. — Comentei eu.

O homem me fitou severamente e disse.

— Lembre-se que mesmo ontem prenderam um pintor lá na esquina... Ele pintou algo muito esquisito, nunca visto, ele fora preso ao não ter explicações de onde tirou aquelas ideias para pintura.

— O que ele pintou?

— Algo com enormes estantes repletas de livros assim como algo a qual ele dizia fazer apologia a viagens no tempo! Uma heresia! — Vociferou o homem agora legitimamente irritado. — O pobre diabo acredita que o tempo existe, quando há apenas o agora e todo mais é espaço. O idiota era inteligente criativo! Um absurdo, parece que não acredita no que as músicas cantam e a mídia mostra.

— Olha, não quero problemas apenas quero fazer meu trabalho e ir para casa.

— Passe no calibrador de inteligência, soubemos de rumores daquela arte proibida do pensamento.

— Qual? — Indaguei fazendo-me de desentendido.

— A filosofia, aquela droga maldita e viciante que tornam as pessoas em loucas por um pensamento não homogêneo e vislumbradas em epifanias e críticas vis. Soube de rumores de livros de um certo autor que circula na surdina da noite. Uma filosofia horrorosa, um verdadeiro atentado a ordem social que tenta manipular as pessoas a acreditar que tudo isso é um modo de controlar a humanidade.

— Não tenho parte com esses delinquentes, são pessoas menores. Nada tirará a grandeza de nossa nação ordeira! Nada! — Comentei com firmeza tentando disfarçar o contrário que sentia.

Passei pela porta onde estava o calibrador de pensamento quando senti um zumbido no ouvido. Um som perturbador que me tomou de assombro. O intrigante era que naquele som pareciam eclodir ruídos distintos de vozes distantes como uma interferência de comunicação. Aquilo me fez lembrar de um mito proibido da caverna de um certo louco chamado Platão, nele seria como se talvez estivéssemos apenas fitando sombras do que era a realidade. Porém, para minha surpresa o aparato de calibração rapidamente soou um alarme que fez uma senhora ficar chocada com o fato de que o QI mostrado no monitor alcançou um nível extremamente perigoso de 163 pontos quando o limite aceitável era no máximo 90.

Logo, os seguranças correram até minha direção vociferando aos quatro ventos.

— Potencial risco de pensamento divergente! Cerque-o agora!

Logo uma viatura policial parou diante de mim e com alto-falante vociferavam enquanto corria.

— Você está cercado, se vós possuís algum livro da arte proibida do pensamento o entregue agora! A diversidade de ideologias e pensamentos é um risco a ordem social!

Continuei correndo com os pulmões rufando quando entrei num beco onde um senhor pôs a mão no rosto de vergonha ao afirmar "que horror, temos aqui alguém inteligente!"

Exausto da corrida parei estupefato enquanto ainda ouvia os ruídos na minha mente que agora falavam que o pensamento originalmente divergente é considerado uma forma de terrorismo.

Um policial adentrou o beco armado, virei até uma porta aberta por de trás de um restaurante e subi um jogo de escadas quando topei com um jovem que tentou me pegar com um taco de beisebol. Me esquivei e o empurrei enquanto ele gritava: "o inteligente está aqui! O inteligente está aqui!".

As pessoas se perguntavam por qual motivo eu não aceitava ser burro ao invés de uma aberração, o que me irritava. Porém ao empurrar o jovem ele bateu com a cabeça vindo a literalmente apagar. Aturdido com aquele acidente parei para tentar acudi-lo quando notei que algo como uma minhoca saia de seu ouvido. O ser translúcido parecia emitir luzes disformes similares a peixes abissais.

Perplexo pus a mão no meu ouvido e percebi que o mesmo saia de mim. Não pode ser possível!

Naquele instante um homem abriu uma janela e sussurrou para mim chamando-me.

— Venha antes que eles te vejam! Posso te proteger.

Sem escolha fiz o que o homem pediu e adentrei ressabido de que pudesse ser uma cilada pois diziam que a delinquência de QI permitia com que os inteligentes fossem difíceis de serem pegos.

Ao adentrar o homem fechou a janela quando vi uma jovem loira segurando um livro intitulado 'O Leviatã' de Thomas Hobbes assim como 'O Contrato Social' de Rosseau. Dei-me conta então que naquele lugar clandestino eram onde um grupo de resistência se reunia para discutir filosofia numa espécie de clube de livro clandestino. Um lugar que segundo o governo era deplorável ao permitir a liberdade responsável e livre dos ditames impostos exteriormente.

— Somos o grupo RQL, ou Resistência QI Livre. Não se atemorize, aqui você pode ser livremente inteligente, suas ideias serão respeitadas e discutidas harmoniosamente. Sabíamos a algum tempo de alguns de Qi adormecido ao fomentarem alimento as entidades. Você era uma delas. — Comentou a bela jovem.

— Me perdoe por não apresentar seus novos amigos. Fomentamos uma rede subterrânea de filosofias éticas, morais e metafísicas compartilhando livros de autores e gênios e mesmo uma filosofia do tempo julgada herética a essa tirania do 'agora'. Sabe o que é curioso? — Disse o homem — Era que os dominantes de antes viviam como nós agora ante a imposição de um pensamento uniforme, e agora nós vivemos como eles. Um paradoxo curioso como os que eram outrora opositores hoje não aceitam oposição. Maior parte

dos incidentes supostamente com inteligência foram encenações e ataques de falsa bandeira afim de denegrir a inteligência como um problema, quando seria muitas vezes o oposto.

— Poucas pessoas inteligentes são um verdadeiro perigo, mas nós somos perigosos apenas para a uniformidade da ordem social ortodoxa. — Comentou um adolescente aproximando-se com um livro de Karl Marx. — Na realidade pressões culturais e sociais adversas acabam por deformar o verdadeiro caráter da inteligência, que é resolver problemas e buscar a verdade.

— Temos conosco livros de todos os tipos, até mesmo a bíblia! — Comentou a jovem loira e animada.

— Meu Deus, que horror! Esse livro é considerado apologia ao terrorismo. — Murmurei eu assustado. — Assim como esses que vocês leem.

— Não há o que temer, o problema não são os livros, mas sim o que fazem com eles. Tais doutrinas do regime vigente vendem tais ideias como lavagem cerebral pela mídia afim de recriminar os únicos que podem libertar a humanidade pelo pensamento. Inclusive desses parasitas cerebrais.

— O que são essas entidades?

— Não se sabe ao certo. — Comentou a jovem sendo interrompida pelo homem.

— Uns dizem que vieram do espaço e outros de outra dimensão. Mas o que sabemos é que em algum momento eles tomaram o controle da civilização após séculos se infiltrado ao invadir mentes seduzindo-os curiosamente com a ideia de liberdade além. Mas eles se alimentam de padrões muito particulares de funcionamentos cerebrais de modo que bloqueia parte do pensamento como parte do próprio cérebro deles. A fonte de energia cefálica constitui parte da vitalidade consciente deles.

— Você está dizendo que dentro de minha tinha um parasita cerebral que usava meu próprio cérebro para pensar? Por isso ouvi vozes dissonantes? Por isso não conseguia usar todo meu potencial intelectual?

O homem e a jovem assentiram com o rosto quando uma senhora sorridente adentrou o recinto abrindo um sorriso luminoso ao me ver. Todos ficamos confortavelmente sentados sabendo que nada me seria imposto e cobrado de modo que tivemos uma conversa livre e espontânea sobre os acontecimentos e de que ao aceitar fazer parte do grupo deveria abandonar aquele mundo superficial de aparências. Fora assim que descobri que era inteligente e que agora iria encabeçar um grupo criativo a distribuir clandestinamente folhetins com poemas, pinturas, fotos e textos com nossa autoria. O que era considerado subversivo a ordem social daquele mundo.

Queríamos ensinar o despertar intelectual especialmente sobre aqueles parasitas cerebrais que usavam o potencial intelectual humano cativo numa ineptocracia que sofria de sapiofobia. Seres que supostamente buscavam controlar todas as variáveis de realidades possíveis em nosso mundo, sob muitas formas e meios.

Oh fantasia que tentar tornar doce a amarga realidade...

Yuki Eiri
Maringá/PR

Bem-vindo ao meu mundo

Já esteve em um lugar onde sua presença não faz a mínima diferença.
Uma festa, uma mesa de bar, uma sala, entre "amigos"
Já esteve em algum lugar por apenas estar,
já foi convidado apenas por convidar,
Já preencheu lugares apenas para aumentar o número de pessoas.
Já se sentiu sozinho em meio a uma multidão
Já acreditou em dias melhores que nunca chegarão
Em amigos para toda vida,
Mas que no fim se mostraram apenas de ocasião
Já se sentiu como escada, trampolim
Um degrau para algo melhor que não é você.
Tipo uma quinta-feira, que até gostam, mas sabem que vem coisa melhor depois
Já fez tudo por alguém.
E ninguém fez nada por você.
Já mendigou atenção
Já ouviu que não deve ficar assim, que tem muitos piores que você
Já foi a lugares para agradar e ficou no canto esquecido como um objeto de decoração
Já sorriu para esconder sua angustia
Maquiou sua dor
Escondeu sua decepção
Já se sentiu um nada
Um lixo
Sem esperança, sem determinação
Já tentou encontrar um sentido, mas no final percebeu que era tudo ilusão
A vida, amizades, amor, estudos, profissão
Já se sentiu julgado com um olhar

Julgado no falar, no caminhar
Julgado apenas por ser quem é
E que a tal luz no fim do túnel não passava de ilusão
Já procurou a luz no espelho, mas, só encontrou escuridão
Já procurou quem lhe jurou ajuda
E se deparou com a decepção
Noites mal dormidas
Horas mal vividas
Ansiedade a mil
Coração disparado
Alma em pedaços
Sonho nem tão febril
Já pensou em várias saídas
Na contramão da vida
Cansado de vis conselho
E que embora definido de amarelo
Todos seus meses são vermelhos

Artista do Mês

Desenho: Márcio Apoca
Campo Mourão/PR

Tina Turner

cantora, atriz e compositora americana

https://deliriumnerd.com/2019/09/11/tina-turner-minha-historia-de-amor-resenha/

https://pt.wikipedia.org/wiki/Tina_Turner

LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades e projetos amigos que de alguma forma nos ajudam ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:

Corvo Literário

O Corvo literário é um espaço para propagação da arte, em especial da literatura. Mas também para discussões e debates, por isso sempre traremos opiniões, entrevistas, notícias, e contamos com a participação de todos.

Acessem o site e enviem seus textos com tema livre:

https://corvoliterario.com/

https://corvoliterario.com/contact/

Sarau na Favela

O Sarau na Favela nasce por conta do isolamento social e da necessidade de movimentar as diversas linguagens artísticas.

A princípio foi pensando nos amigos da favela e hoje é um espaço para todos, do país ao mundo. Estamos na 42ª Edição com diversas e com atividades, as terças, sextas, e aos domingos semanalmente e as quintas-feiras quinzenalmente, basta acessar a página do Sarau no Youtube e no Facebook.

Envie o seu vídeo para Whatsapp 55 (21) 988918862.

Aproveita se inscreva no Canal e compartilhe e venha fazer parte do Sarau que seguirá com a celebração da vida.

Página do Facebook:

https://www.facebook.com/saraunafavela/

Canal do Youtube:

https://www.youtube.com/channel/UCKgHHTfDJgKOsiD0XW3DhTQ

Sarau na Favela

Valéria Barbosa

"Blog Concursos Literários"

Blog criado em 2011, com o objetivo de divulgar editais e resultados de concursos literários e prêmios literários.

É considerado por muitos autores como uma fonte completa e acessível de

editais e resultados de premiações realizadas no Brasil e em todo o mundo. O projeto também é elogiado por não incluir em suas postagens os concursos que cobram quaisquer taxas de inscrição ou publicação dos autores. Além disso, muitos organizadores de concursos literários reconhecem este espaço como uma referência no apoio à divulgação.

Acessem o site e conheçam os Concursos do mês, do ano e as seleções permanentes:

Blog: https://concursos-literarios.blogspot.com.br/

Facebook: https://www.facebook.com/concursosliterarios/

CONCURSOS LITERÁRIOS

Projeto Literário Coletâneas

O Projeto Literário Coletâneas dedica-se ao trabalho de antologias, incentivando os autores iniciantes a produzirem contos a partir das temáticas propostas e a participarem de cada desafio literário lançado. Apoiamos, especialmente, os escritores de plataformas digitais que desejam se desenvolver na área literária e ajudamos na visibilidade do seu trabalho dentro do PLC. Além disso, oferecemos um suporte básico de revisão, resenha crítica, capas, banner de divulgação e materiais literários para aprendizado através das nossas parcerias; além de incentivos como brindes e sorteios.

A participação dos autores nas antologias é totalmente gratuita.

www.projeto-literario-coletaneas.webnode.com/
https://www.wattpad.com/user/PLColetaneas
https://www.facebook.com/PLColetaneas2016/
https://www.instagram.com/plcoletaneas/

AAAHHrte é um zine-colagem de coisas interessantes encontradas por aí. O objetivo é apenas divulgar e valorizar a cultura, em suas variadas vertentes, para que seja apreciada, fomentada e preservada.

Quem quiser receber por mail o AAAHHrte, é só pedir no wnyhyw@gmail.com.

Acesse para ler:

https://editoramerdanamao.blogspot.com/2020/10/sai-mais-um-aaahhrte-zine-pela-editora.html

Academia Independente De Letras (AIL)

A ACADEMIA INDEPENDENTE DE LETRAS (AIL), situada na cidade de São João/PE é uma associação civil de direito privado, com finalidades culturais, sem fins lucrativos.

http://academiaindependentedeletrasail.blogspot.com/

Blog Alan Rubens

No blog do autor Alan Rubens, o leitor terá a oportunidade de ler textos incríveis escritos pelo próprio Alan e também de autores convidados de todos os lugares, numa reunião de talentos eclética e divertida.

https://alanrubens.wordpress.com/

O Sabor do Medo

Contos semanais de terror, escritos pelo autor Allan Fear, para ler gratuitamente!

Link do site:

https://noitesdehalloween.wixsite.com/allanfear

Criado pelo talentoso J. Marcos B., o blog RMBS Rock, traz um pouco de tudo: Música, Cinema, Literatura, HQs e muito, mais muito entretenimento de qualidade e bom gosto.

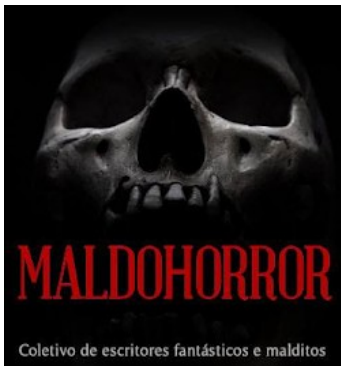
Com uma interface bonita e bem organizada, o blog é uma ótima alternativa para quem procura conteúdo variado e eclético.

Visitem e prestigiem o RMBS Rock!!

https://rmbsrock.blogspot.com/

"Mulheres Audiovisual" - uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadastre seu portfólio e participe: **http://mulheresaudiovisual.com.br/**

MULHERES AUDIOVISUAL



Maldohorror - Coletivo de escritores fantásticos e malditos

Aventurem-se lendo o que há de melhor na literatura de Terror/Horror. Visite o site do Coletivo Maldohorror, que reúne os melhores contos de terror, poesias malditas, crônicas ácidas e histórias imorais, escritos por autores consagrados e também por iniciantes, numa grande mistura de estilos.

Site oficial:
www.maldohorror.com.br

Página do facebook:
https://www.facebook.com/maldohorror/

Mulheres Pela Paz - Frauen für Frieden - Ong criada na cidade da paz Augsburg, na Baviera - Alemanha, que promove ações entre cidadãs e cidadãos da Terra, criando um intercâmbio cultural de Paz através das Artes.O projeto, que tem como curadora a escritora e Embaixadora da Paz Alexandra Magalhães Zeiner, tem realizado ações por todo o mundo, promovendo encontros, saraus e apoiando iniciativas que visam a inclusão social, a defesa do meio ambiente, a igualdade e a paz para todos os povos.

https://www.facebook.com/Mulheres-pela-Paz-Frauen-f%C3%BCr-Frieden-6642538000869/

Canal Sussurros Poéticos

O canal Sussurros Poéticos, criado pelo escritor Renan Caíque, traz poemas recitados dos mais variados autores.
Experimente ouvir poemas para relaxar ou estudar os clássicos.

No canal, é possível encontrar poemas de Cora Coralina, Lord Byron, Tim Burton, Fernando Pessoa e muitos mais!

https://www.youtube.com/c/RenanTempest/featured

Revue Cultive

A Revue Cultive - Revue Suisse de Culture et d'Art, é uma revista digital, editada em Genebra, pela Cultive-ArtPlus – Art-littérature e Solidarité (Cultive Arte Literatura e Solidariedade), voltada para a divulgação de autores lusófonos.

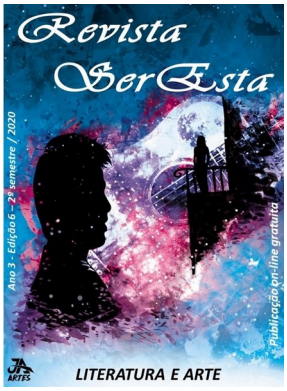
Criada em 2016 pela Valquíria Imperiano e com participação gratuita, a Cultive traz textos e trabalhos artísticos de todo o mundo.
Conheçam a revista, acessem o regulamento e participem!

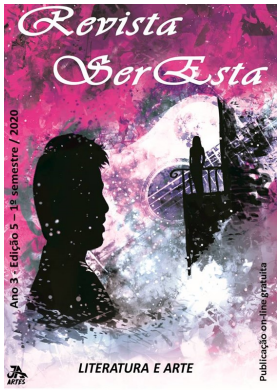
https://www.cultive-org.com/jornal-cultive

Revista SerEsta

Criada por um grupo de escritores, ilustradores e fotógrafos, a Revista SerEsta é uma publicação semestral, virtual e independente, que nos traz mais um importante espaço para divulgação da literatura e da arte.

https://revistaseresta.blogspot.com/p/edicoes.html





Canal "Conto um Conto" - Canal do Youtube criado pelo locutor Marcelo Fávaro, onde podemos "ouvir" clássicos da literatura mundial. O canal proporciona entretenimento inclusivo e de qualidade para todos os amantes da boa literatura; tem Guimarães Rosa, Monteiro Lobato, Stephen King, Edgar Allan Poe, Machado de Assis e muito mais.

Conheçam, se inscrevam e aproveitem.

Ouvir histórias é relaxante e instrutivo!!

https://www.youtube.com/channel/UCsqheVzvPGoI6S3pP3MBlhg

Podcast Toma aí um poema

O Podcast Toma Aí um Poema tem com objetivo declamar o máximo de poemas brasileiros possíveis e disponibilizá-los em áudio para torna-los mais acessíveis, nos diferentes canais e formatos. Acesse o site e envie seu poema!!

https://www.jessicaiancoski.com/toma-ai-um-poema

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

Modelo de envio de textos para publicação na revista

No meio do caminho **(título)**

Carlos Drummond de Andrade **(nome para publicação – este nome não será trocado)**

Rio de Janeiro/RJ **(cidade e estado onde vive – país somente se for do exterior)**

(no máximo 3 textos com até 3 páginas)

(texto – utilize fonte arial ou times new roman)

No meio do caminho tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
tinha uma pedra,
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento,
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho,
tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
no meio do caminho tinha uma pedra.

https://www.pensador.com/melhores_poemas_de_carlos_drummond_de_andrade/

(site, página ou blog – pessoal ou de divulgação de obras)

Vamos mudar o mundo através das Palavras!!

https://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre

https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre